



Desmembramento



A proposta de desmembrar a Cotrijuí em três cooperativas singulares, uma em cada região, surgiu durante a Assembléia, e tem no seu fundo um sentido de provocação. Ela deve servir como base para uma discussão mais ampla sobre a própria instituição. O objetivo é contar com uma estrutura que permita a participação efetiva dos associados na tomada de decisões.

UMA IDÉIA QUE SURGE COMO PROVOCAÇÃO PARA O DEBATE

Página 12

O CUSTO DO USO DAS MÁQUINAS

Última página

A RETOMADA NA ORGANIZAÇÃO DOS NÚCLEOS

Página 22

A CHUVA LIQUIDOU O ENTUSIASMO COM A SAFRA

As perspectivas de uma boa safra de verão foram por água abaixo. Chuvas e enchentes são as responsáveis por outra frustração



Página 3

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 — Ijuí, RS
Fone: PABX — (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros.

Conselheiros (Efetivos)

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Rovero Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinholdo Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Rui Adelino Raguzzoni, Mário Hendges, Leonides Dallabrida.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Carlos Alberto Fontana, Paulino Angelo Rosa, Aquilino Bavareseco.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaço	40.000 t
Sto. Augusto — Sede	77.000 t
Sto. Augusto — Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú — Sede	65.000 t
Maracajú — Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados — Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã — Posto Guaíba	42.000 t
Itaporã — Montese	17.000 t
Campo Grande — Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira — Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. Lemos de Brum Lucchese

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

A necessidade de uma revisão na estrutura institucional da Cotrijuí, que já vem sendo ensaiada através de mudanças administrativas, foi colocada de maneira clara pelo Conselho durante a Assembleia Geral Ordinária que avaliou o resultado do exercício passado. O Conselho chegou, inclusive, a elaborar uma proposta de revisão nesta estrutura, sugerindo o desmembramento da Cotrijuí em três cooperativas singulares, representadas pela Região Pioneira, Mato Grosso do Sul e Dom Pedrito.

O sentido da proposta, na verdade, não é o de trazer soluções prontas para superar os problemas que a Cooperativa vem enfrentando, especialmente os de ordem financeira. O desmembramento surge como motivo e até mesmo provocação para um debate mais amplo, que envolva todo o quadro social numa discussão sobre a própria cooperativa. Enquanto proposta, o desmembramento deverá ser motivo de muita reflexão sobre o trabalho desenvolvido nos últimos anos, servindo como ponto de partida para a definição de uma estrutura que encontre o caminho que os seus associados pretendem tomar. Os problemas financeiros, a princípio, podem ser resolvidos em função do potencial que representa a Cotrijuí. Mas é preciso assegurar que esta situação de dificuldade fique apenas no passado, e não mais volte a ocupar as principais atenções daqui a outra meia dúzia de anos.

Na sua proposta, o Conselho expôs que "os anos de vivência nos mostram que certamente o melhor tamanho de uma cooperativa é aquele que assegura a efetiva participação do produtor associado nas decisões de sua casa". É exatamente em cima desta questão que o assunto deverá ser discutido e refletido. A decisão deverá nascer de um posicionamento claro e maduro em todas as regiões onde atua a Cooperativa, buscando chegar a um consenso sobre um tema que é de grande importância para o futuro de toda organização dos produtores associados. Talvez o consenso seja o de permanecer com a mesma estrutura de hoje, numa só Cooperativa, tentando adequar os interesses de cada região e superar as heterogeneidades do próprio quadro social. Talvez, a decisão da maioria, em todas as regiões, seja a de montar estruturas separadas administrativamente, mas reunidas na definição de políticas globais através de uma Central. Ou ainda, quem

sabe, a Central será dispensada, e dali para frente cada região vai cuidar de seus próprios interesses e destinos. Apenas a discussão, com reflexão e aprofundamento, tomada sem enfatizar o aspecto emocional da questão, poderá dar uma resposta que satisfaça as necessidades de viabilizar uma participação constante do produtor em sua organização. É sobre este assunto que falamos na matéria de capa desta edição, que está nas páginas centrais.

Quem dera esta frustração nas safras de soja, arroz, milho, feijão, não passasse efetivamente de "boatos da indústria da chuva e da calamidade" como tem gente que anda supondo. Só quem não acompanhou de perto o estado das lavouras pode duvidar dos prejuízos que os produtores gaúchos, principalmente, irão acumular depois de um mês de chuvas em plena fase de colheita. A frustração não pegou todo mundo da mesma forma, mas principalmente os pequenos produtores, que não contam com máquinas próprias, viram suas safras apodrecer na lavoura ou nos galpões.

Foi chuva pra ninguém botar defeito, como mostram os dados coletados no Centro de Treinamento Cotrijuí. A maior chuva, por sinal, dos últimos 20 anos, e que deverá provocar a repetição do péssimo resultado da safra de 1979, acumulando a sexta frustração de safra desde 1978. A chuva acabou com o entusiasmo de uma boa colheita, tirando o sono de muitos agricultores que não terão como cumprir os compromissos assumidos em função da safra. Foi tanta chuva, que desabrigou milhares de pessoas em todo extremo Sul da América Latina. É sobre isto que fala a matéria que começa na página 3.

Outro assunto em destaque nesta edição envolve as perspectivas de uma nova mudança no crédito rural. As notícias não são nada boas, e já é esperado um novo aumento nas taxas de juro dos financiamentos de investimento e de custeio. O Governo promete compensar a retirada de subsídios ao crédito, com outras medidas, como preços mais justos para a produção agrícola. Agora só resta esperar quais as medidas que serão efetivamente adotadas, como mais uma tentativa de adequar a economia brasileira às orientações do Fundo Monetário Internacional, a quem o Brasil recorreu no final do ano passado. Veja na página 7.

Do leitor

VACINA CONTRA FEBRE

O Centro de Saúde de Ijuí informa que a vacina contra a febre amarela é feita às quartas-feiras, pela parte da manhã, na Unidade Sanitária do Centro de Saúde de Cruz Alta, cito à rua Barão do Rio Branco, 1445 — Telefone — 322-1765.

Alertamos, outrossim, que deverão receber a referida vacina aquelas pessoas que viajarem para o interior dos seguintes estados: Amazonas, Acre, Pará, Amapá, Roraima, Maranhão, Goiás, Mato Grosso do Norte e do Sul.

Centro de Saúde
Ijuí — RS

O JORNAL NAS ESCOLAS

Vimos através deste solicitar, se possível, enviar a esta Secretaria um malote de 40 exemplares do Cotrijornal de cada edição, visando um trabalho integrado entre a Cotrijuí e a Secretaria Municipal de Educação.

Outrossim informamos que os mesmos serão distribuídos às escolas do município, todas sob jurisdição desta Secretaria, oportunidade em que serão aproveitados pelos professores para fazer um trabalho especial com os alunos.

Adair Casarin
Secretaria de Educação
Augusto Pestana — RS

AMPLIAR CONHECIMENTOS

Eu, aluno desta Faculdade de Agronomia, que procuro cada vez mais ampliar os meus conhecimentos e estar a par das recentes melhorias técnicas que se realizam, objetivo o recebimento do vosso jornal, o Cotrijornal.

O pedido deve-se aos excelentes trabalhos de pesquisa e extensão rural que vem realizando esta cooperativa, e pelos ótimos temas que são abordados no referido jornal.

Paulo José Luhnieski
Faculdade de Agronomia
Santa Maria — RS

COOTERRA

A Cooterra — Cooperativa dos Trabalhadores em Informação Rural, responsável pela edição do Jornal da Terra da TV Bandeirantes, e executora do Projeto Copervideo — resultante da ação conjunta Embrapa-Embrater-OCB, no intuito de aumentar a divulgação de notícias e informações sobre o cooperativismo e desenvolvimento de novas tecnologias, gostaria de receber periodicamente todas as publicações que os senhores editam. Assim poderíamos dar maior cobertura em nível nacional a acontecimentos relevantes para o produtor rural.

Cooterra
São Paulo — SP

PROGRAMAS DE RÁDIO

Agradeceria muito pela remessa regular do Cotrijornal e/ou indicação para a assinatura, pois necessito dele para realizar programas de rádio voltados ao meio rural.

Lair Ferreira
Porto Alegre — RS

DOS CONFINS DO RIO GRANDE

Estou me dirigindo para solicitar o envio do Cotrijornal, bem como de outras publicações feitas pela Cotrijuí de material técnico-didático.

Achando-me neste fim de Rio Grande (90 quilômetros do Uruguai) e não encontrando por aqui publicação alguma nas cooperativas Cosul e Cobagelã, e necessitando de informações, pois estou criando ovinos e bovinos, bem como pretendo entrar no ramo de hortigranjeiros e outras culturas para pequenas propriedades, é que solicito tais publicações.

Carlos Antônio de Souza Costa
Mãe Quebrada — Pinheiro Machado — RS

A assinatura do Cotrijornal tem o custo anual de Cr\$ 2.000,00. Este valor deve ser enviado em cheque nominal para a Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. — Cotrijuí — Rua das Chácaras, número 1513 (Caixa Postal 111) — Ijuí — RS — CEP 98700.



O ESTRAGO QUE A CHUVA FEZ

O ano de 1983 deverá ficar na memória dos agricultores como o de uma frustração completamente diferente. Muitos não terão colhido nada de sua safra de soja, de milho, arroz, sorgo ou feijão. Outros terão conseguido tirar da lavoura parte da produção, perdendo o resto ou colhendo um produto de péssima qualidade. Já um terceiro grupo de produtores, que concentrou seu plantio em variedades precoces ou tinha equipamento para colher na hora certa, irá lembrar de 83 como um ano de alta produtividade e de preços compensadores.

Se não fosse a chuva, não existiria distinção nenhuma. A boa safra só não seria colhida por quem não se ajudou, deixando de levar a lavoura no capricho. O produto que as máquinas e as foices vinham tirando das lavouras era de encher os olhos, tanto em qualidade como em quantidade. Antes das chuvas, com 67 por cento da área de soja colhida na região Pioneira da Cotrijuí, a produtividade estava se mantendo numa média de 2.124 quilos por hectare, superando inclusive as mais otimistas estimativas de rendimento. Foi só chover, porém, para que tudo se complicasse. Mesmo tirando bastante produto da lavoura, seu aproveitamento acabou ficando em quase nada, com soja podre, brotada, mofada.

No levantamento feito pela Diretoria Agrotécnica da Cotrijuí, com dados até o dia 25 de maio, ainda vai ficar muito produto na lavoura. No período das chuvas foi colhida 19 por cento da área ainda com soja, com uma produtividade média de 1.557 quilos por hectare. Nas últimas lavouras o rendimento já caíra para 1.350 quilos. Faltava colher ainda 14 por cento da área, mas o aspecto da lavoura não prometia muita coisa: era péssimo. Algumas, inclusive, foram liberadas para incorporação ao solo, pois o



O que ficou na lavoura agora já está perdido

produto estava completamente deteriorado. A perspectiva é de perda total desta área.

O balanço final das perdas somente poderá ser feito quando toda soja estiver armazenada. As quebras foram grandes nas últimas lavouras colhidas, perdendo de 60 a 80 por cento do volume das cargas recebidas, de tanta impureza e grãos ardidos.

Cr\$ 200 BILHÕES DE PREJUÍZO

A situação não é diferente no resto do estado. As perdas são calculadas em dois milhões de toneladas de grãos, incluindo a frustração do arroz, do milho, etc, segundo uma estimativa da Secretaria da Agricultura. A Fecotriço dá como certa a quebra de um milhão de toneladas de soja, o que representa que os produtores deixarão de ganhar 250 milhões de dólares (ou Cr\$ 125 bilhões) que já estavam previstos na receita do ano. O arroz teve 20 mil hectares de lavoura submersos com as enchentes que pena-

lizam a Fronteira do Rio Grande do Sul, e a frustração é calculada em 20 por cento, com um prejuízo de Cr\$ 46 bilhões, segundo um levantamento do IRGA (Instituto Riograndense do Arroz). No milho não existem dados concretos, pois boa parte da produção é destinada para o consumo dentro das propriedades, mas as estimativas mais otimistas apontam uma perda de 300 mil toneladas. Somando frustração com frustração, as perdas chegam a 2 milhões de toneladas e perto de Cr\$ 200 bilhões.

DÍVIDAS PRORROGADAS

Foi tanta chuva, que até uma viagem que o presidente João Figueiredo faria a Santo Ângelo, para ver de perto o prejuízo da agricultura, teve que ser cancelada. Dias mais tarde, pousou em Santo Ângelo o ministro da Agricultura, Amaury Stábile, que se surpreendeu com a situação de algumas lavouras visitadas. Segundo ele, o Governo adotará as medidas consideradas ne-

cessárias para superar o problema financeiro dos produtores prejudicados pelas chuvas.

Estas providências foram encaminhadas em seguida, e incluem a prorrogação das dívidas para 30 dias depois do prazo para o pagamento estabelecido no contrato dos produtores. Outra medida, definida através de uma circular do Banco Central, assegura que os produtores afetados pelas perdas terão preferência no acesso a novos financiamentos de custeio e investimentos, através de um adiantamento dos VBCs (Valores Básicos de Custeio) para as safras de inverno. Também ficou decidido que os bancos devem providenciar rapidamente as perícias do Proagro, pois os laudos de vistoria também servirão de base para as prorrogações dos débitos dos produtores. De acordo com a promessa que o ministro fizera em Santo Ângelo, "ninguém ficará desamparado. Todos os casos serão estudados separadamente, analisando caso a caso".

O mês mais chuvoso dos últimos 20 anos

Não é para menos que a soja que ainda estava na lavoura no final de abril — cerca de 33 por cento da área da Região Pioneira — sofreu uma perda como há muito não era vista. Afinal, exatamente num mês, de 23 de abril a 23 de maio, choveu na região 484,5 milímetros, o que representa quase um quarto de toda água que caiu no ano mais chuvoso das duas últimas décadas, que foi o de 1973, quando a precipitação alcançou 2.191,6 milímetros.

Só considerando os dados do mês de maio recolhidos no CTC (Centro de Treinamento Cotrijuí), e isto ainda fal-

tando uma semana para terminar o mês, a chuva chegou a 359,5 milímetros. Num dia apenas, em 15 de maio, a precipitação chegou a 127,8 milímetros. O ano em que mais choveu no mês de maio foi o de 1980, com 245,5 milímetros. Além disso, o mês mais chuvoso em 20 anos foi o de agosto de 1972, com 356,6 milímetros.

Os dados são todos do CTC, mas servem como indicativo aproximado das chuvas que ocorreram em toda região e contam que este ano foi superada em mais de três vezes a média de chuva para o mês de maio, que é de 100,97 milímetros.

A sexta frustração desde 1978. A quarta de grande proporção

Esta é a sexta frustração de safra desde 1978 e a quarta de grande proporção que atinge a agricultura gaúcha neste período de seis anos. Na verdade, apenas a safra de 1981 pode ser considerada relativamente boa, mais em função do resultado com o trigo do que com a própria soja, pois algumas estiagens localizadas reduziram as perspectivas de uma boa safra no verão. O último ano com bom resultado foi o de 1976, quando tanto a lavoura de verão como de inverno apresentaram uma safra cheia. Em 77, a soja teve excelente desempenho, mas o trigo amargou outra frustração.

Num levantamento publicado pela Zero Hora de 23 de maio, esta safra de soja aparece com a quinta frustrada desde 1978. São apontadas ainda três frustrações de trigo neste período, três de milho, duas de arroz e duas de feijão. A retrospectiva é a seguinte:

1978 — quebra grave na safra de soja. Causa principal: seca

1979 — O pior ano até agora. Grande frustra-

ção de soja e ainda quebras na produção de arroz, milho e trigo. Causas: seca no verão; chuvas e geadas tardias no inverno.

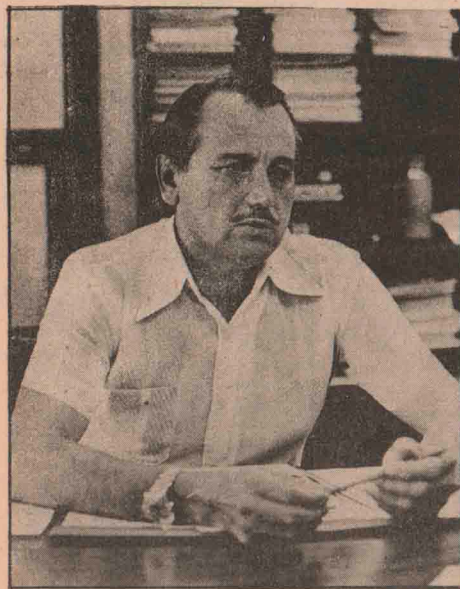
1980 — quebra das safras de feijão e trigo. Redução na produção de soja, mesmo que a quebra não tenha sido grave. Causas: estiagens e chuvas no verão; chuvas e geadas tardias no inverno.

1981 — a safra de soja não chegou a ser cheia mas as quebras não foram significativas a nível de estado, tanto no verão como no inverno. Foi o único ano relativamente bom durante este período.

1982 — foi praticamente tão ruim como 1979. Quebras das safras de soja e milho e grande frustração no trigo. Causas: seca no verão; excesso de chuvas no inverno.

1983 — promete repetir o péssimo resultado de 79 e 82. As frustrações atingem a soja, o milho, o arroz, as duas safras de feijão. Causas: excesso de chuvas e enchentes. A esperança é uma boa safra de inverno, mas a área de plantio será pequena e há falta de sementes.

A ESTRUTURA GARANTIU O RECEBIMENTO DA SAFRA



Arnaldo Drews: presença na hora do aperto

Nem os 15 mil metros cúbicos de lenha que a Cotrijuí tinha estocados, e que garantiriam a secagem das safras da Região Pioneira nos próximos três anos, foram suficientes para movimentar os secadores que passaram noite e dia ativados para reduzir a umidade da soja recebida pela Cooperativa. Na emergência, o CNP (Conselho Nacional do Petróleo) liberou o uso de fuel-oil para a secagem da safra, revogando temporariamente a proibição existente há dois anos de se empregar este tipo de combustível nos secadores industriais.

Isto dá uma amostra das condições do produto tirado da lavoura nos momentos em que chuva da-

va uma folga. A situação chegou a ficar tão crítica, que a direção da cooperativa se viu forçada a fazer um apelo para que os associados deixassem de colher. Foi na sexta-feira, dia 20 de maio, quando os diretores Euclides Casagrande e Bruno Eisele, mais o vice-presidente Arnaldo Drews, ocuparam um espaço nas rádios para pedir que a colheita fosse interrompida e a entrega do produto paralisada por dois dias. Somente desfogando o recebimento seria possível normalizar o serviço na área de armazéns, que não conseguia dar vencimento das cargas que chegavam. Naqueles dias, a soja estava entrando na cooperativa com índices muito superiores a 30 por cento de umidade, ficando empastada, trancando as máquinas e trazendo muita morosidade no sistema de recebimento. Mas foi apenas naquele final de semana que o serviço foi interrompido, pois do mesmo a soja entregue muito úmida traria elevados descontos para o produtor.

A VANTAGEM DA INFRA-ESTRUTURA

De qualquer maneira, a Cotrijuí teve condições de receber todo o produto de seus associados, independente do índice de umidade, providenciando na classificação e secagem desta soja. Inclusive na determinação desta umidade, se adotou o critério de primeiro classificar o produto, separando as impurezas, para só depois proceder o

desconto sobre o produto em condições de aproveitamento. Diz o vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews:

— Numa hora dessas, o produtor pode sentir o que significa uma estrutura como a da Cotrijuí. Durante o ano todo se ouve questionamentos e comparações entre a cooperativa e as empresas particulares, que têm menor estrutura e fazem concorrência no preço. Na hora do aperto, estas firmas não receberam o produto com muita umidade, enquanto nós recebemos todo o produto que os associados quiserem entregar. Se não tivéssemos esta infra-estrutura toda, as perdas da safra seriam ainda maiores.

De todo produto recebido até os últimos dias de maio, cerca de 25 por cento é de soja "chuvada", colhida nos intervalos em que o tempo permitiu a entrada das máquinas nas lavouras. O restante, e que representa uma boa parcela da safra, é em compensação produto de alta qualidade, por sinal uma das melhores dos últimos anos. O pior produto ficou na lavoura, como lembra o vice-presidente:

— O grande problema de recebimento não foi de soja ruim, e sim do produto que deixou de ser colhido e que se perdeu na lavoura. Quando deu para colher, houve o ajuste da ventilação nas colheitadeiras, deixando cair na terra muita soja avariada, e reduzindo inclusive os descontos no recebimento.



Não foi possível evitar as filas de caminhões

A máquina comprada à toa

Quando viu o mau tempo se armar, Antonio Carlos Belarmino (de As Brancas, Chiapetta), pensou que comprando uma máquina poderia garantir a colheita de soja que ainda estava na lavoura. Só que dali para a frente só choveu, e na estréia da colheitadeira, comprada de segunda mão, Antonio começou a se arrepender do negócio. A soja madura ficara tempo demais na lavoura, e o produto colhido já estava podre.

Antes da chuva ele já tinha tirado 1.200 sacos de 19 hectares dos seus 37 de lavoura. Se mantivesse a média, a compra da máquina teria sido um grande negócio. Antonio calcula que tirando mais 1.000 sacos, pagaria as contas e ainda sobriaria um dinheiro para investir num terreno e sobreviver até o ano que vem. O azar foi tanto, porém, que ele imagina ter perdido uns 80 por cento da soja que ainda estava por colher. Com a produção que conseguiu, garante o custeio no Banco, mas as outras dívidas não sabe como vai saldar: precisa pagar o arrendamento de 24 hectares e ainda a prestação da máquina:



Antonio Carlos Belarmino

— Estrago assim, nem quando criança lembro de ter visto. É um azar muito grande, uma coisa que já dá para dizer que se Deus existe ele é quem quis assim.

Replanejar a vida da família

Seu Aloisio Drausio Steiger, de São Valério (Santo Augusto), colheu apenas 133 sacos de soja em 26 hectares de planta, enquanto sua perspectiva de colheita, antes das chuvas, chegava a 1.200 sacos. O milho também não conseguiu salvar, que apodreceu tudo na lavoura. Sua produção de soja não cobre o valor do con-

trato, e ele ainda precisa pagar o serviço das máquinas e o frete do produto. Sem saber o que fazer, ele estava pensando em dar uma chegada no Banco do Brasil para saber o que pode ser feito:

— Não sei se vão querer que eu pague o contrato a dinheiro ou vão me tirar as terras.

A preocupação do seu Aloisio também é grande porque não vai conseguir cumprir o contrato futuro que fez na cooperativa, comprometendo 350 sacos. Nem transferindo para a modalidade futuro os 133 sacos que comercializou a preço médio vai ficar livre da multa.

Agora será preciso replanejar toda vida da família. Animado com a safra, tinha começado a construir uma casa. Parou com toda obra. Uma das filhas, que estuda em Santo Augusto, terá que voltar para São Valério, pois ficará difícil mantê-la na cidade. Outra filha, que termina o Magistério no final do ano, estuda em Ijuí, e ele está tentando encontrar um jeito de cobrir os seus gastos com pensão, livros, roupas e estudo:

— Se tirar essa do colégio, perco ainda mais.



Aloisio Drausio Steiger

O DESTINO DA SOJA AVARIADA

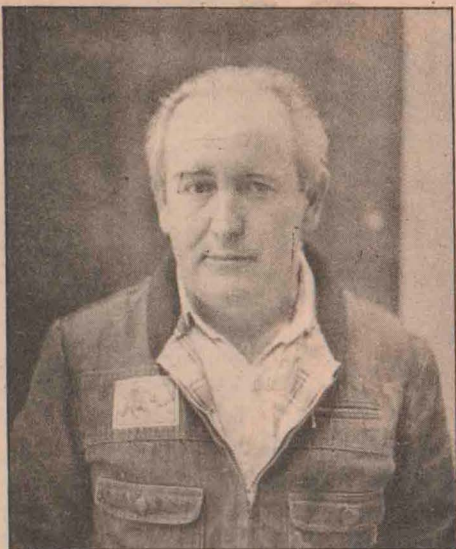
Uma preocupação que agora começa a tomar conta, envolve a própria conservação desta soja avariada e a utilização que se pode dar para o produto. As indústrias só compram soja dentro dos padrões normais de comercialização, que estabelecem um teto máximo de seis por cento de grãos ardidos (estragados). Além deste percentual, o produto fica fora de padrão e de difícil colocação. A área de Operações da Cotrijuí na Região Pioneira está desenvolvendo todo um trabalho de classificação, usando as máquinas de beneficiamento de semente, despontador de aveia, para tentar separar o máximo do produto que possa ser destinado às indústrias de extração de óleo. E não está sendo fácil, como diz o diretor de Operações, Euclides Casagrande:

— É um trabalho do qual não se tem nenhum dado, e então estamos fazendo todo o tipo de experiência para aproveitar este produto.

O que estiver dentro do padrão para industrialização de óleo será comercializado desta forma. Mas se procura ainda um aproveitamento para o restante dos grãos, que estão avariados (chochos, murchos) ardidos e podres. Em princípio, eles não podem ser usados na fabricação de rações para suínos ou aves, pois podem inclusive intoxicar os animais. Estão sendo feitas experiências para a peletização dos grãos, destinando-os à alimentação de peixes, como também sua torrefação para misturar em pequenas proporções ao milho integral. Não existe ainda, porém, nenhuma resposta conclusiva sobre seu aproveitamento.

AS PROVIDÊNCIAS NA COMERCIALIZAÇÃO

Na área de Comercialização também vem sendo adotadas algumas providências para reduzir os prejuízos que os produtores tive-



Euclides Casagrande: todo tipo de experiência

ram com a safra. Uma delas foi a prorrogação do prazo de entrega do produto comprometido em contratos de soja futuro. Inicialmente este prazo se encerrava no dia 20 de maio, já foi estendido até o dia 30 de maio e, mais tarde, até o dia 20 de junho. É que a chuva não só atrapalhou a colheita como dificultou o próprio transporte do produto, pois algumas estradas do interior ficaram intransitáveis.

Outra medida adotada vai permitir a transferência de soja entregue a preço médio para a modalidade futuro, também para permitir que estes contratos a termo sejam cumpridos pelos associados, evitando assim a multa de 30 por cento. Quem não conseguir cumprir o contrato, porém, terá que assumir a multa, pois a Cooperativa também fez negócios neste mercado futuro, baseada no comprometimento dos associados, e deverá pagar as multas contratuais pelo produto que deixar de entregar.

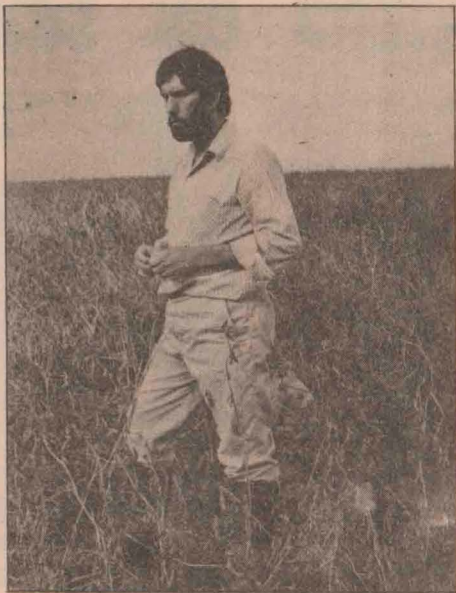
Uma terceira providência envolve o produto recebido em depósito. A retirada da soja entregue nesta modalidade só será admitida nos casos de produto dentro dos padrões normais, ou seja, com um máximo de seis por cento de grãos ardidos.

Agora se empregar de peão

João Batista Mariano dos Santos não chegou a colher nenhum grão de soja. Ele plantou 12 hectares, em Sítio Mairose, Coronel Bicaco, e esperou para colher bem seco e assim se livrar dos descontos. Caprichou na lavoura e até vendeu uns porquinhos para poder aplicar herbicida, pois a terra era muito suja. Não sabe como vai pagar o financiamento de 7 hectares de soja e outros 2 hectares de milho, de onde conseguiu tirar apenas 17 sacos. O plano era pagar o financiamento do milho também com a colheita de soja, que calculava nuns 400 sacos.

Seus compromissos ainda incluem uma dívida do ano passado, de Cr\$ 89 mil (fora o juro), um contrato de 100 sacos de soja futuro, o financiamento da soja, de Cr\$ 328 mil, do milho, de Cr\$ 90 mil, e ainda a multa de 30 por cento (Cr\$ 180 mil) por não cumprir o contrato de soja futuro.

A tristeza maior é ver a lavoura na frente da casa, com a soja toda podre, e não encontrar uma solução para o proble-



João Batista Mariano dos Santos

ma:

— Vou ter que trabalhar de peão para sustentar meus quatro filhos e talvez até vender a terra, pois até a criação ficou sem trato.

Na lavoura ficaram 900 sacos

Depois de secos, os 100 sacos da colheita de seu Ervino José Stival, de Santo Augusto, acabaram apenas em 24, de tanto produto estragado na sua lavoura de soja tardia. Ele calcula ter deixado ainda uns 900 sacos de produto na lavoura, que deverão ser incorporados pois não está adiantando colher. Seu Ervino tinha 65 hectares de planta, conseguindo colher 35 antes das chuvas. Nesta área, tirou uma produção de aproximadamente 1.000 sacos, que servirão para cobrir o contrato de custeio. E o resto das dívidas?

— Essas ainda nem pensei o que fazer.



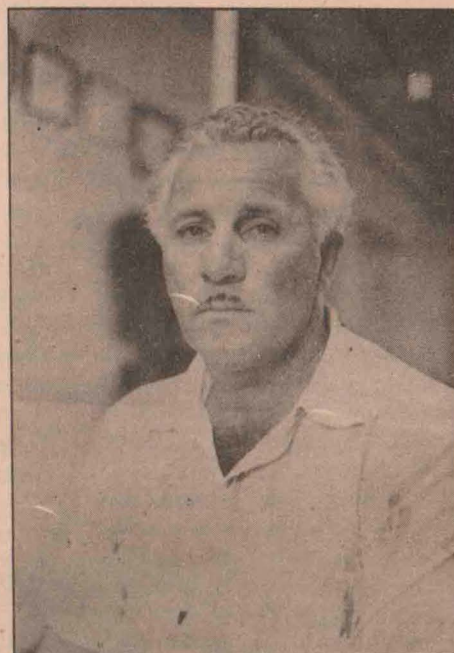
Ervino José Stival

As noites mal dormidas

Todas as noites vem sendo mal dormidas pelo seu Antonio Santo Kerpel (de Sítio Kerpel, Coronel Bicaco). Ele perde o sono, pensando em encontrar uma saída para pagar as dívidas que fez já contando com a safra de soja. Comprou uma colheitadeira nova, no valor de Cr\$ 13 milhões, e mais um carro, de Cr\$ 1,7 milhões, mas perdeu pelo menos 30 por cento da colheita.

Ele tinha plantado 150 hectares de soja, mas não conseguiu colher cerca de 1.500 sacos de uma lavoura semeada com a variedade Cobb. Com a produção que tirou, cerca de 3.000 sacos, vai poder pagar o contrato de custeio, mas para as outras dívidas ainda não encontrou solução:

— Se não fosse a chuvarada, iriam me sobrar uns 2.000 sacos de soja. Eu já estava contando com este dinheirinho, que pagava tudo que devo e ainda sobrava alguma coisa.



Antonio Santo Kerpel

Pagar as dívidas com terra

A soja virou adubo na propriedade de Antônio Fortes Bueno (Esquina São João, Coronel Bicaco). Tentou secar em casa os 20 sacos que colheu depois da primeira chuva, mas depois de seis dias o produto apodreceu e ele jogou tudo na horta. Outros 40 sacos ele levou para a Cooperativa, mas de tão ruim, a carga teve 71 por cento de desconto.

A sua planta chegava a 50 hectares, mas conseguiu colher apenas 10, tirando uma produção de 390 sacos. Com isto ele cobre o contrato de financiamento para 30 hectares, e assim nem pensou em pedir Proagro. Se o seu Antonio conseguisse terminar a colheita, dentro da média conseguida no início, poderia ter tirado outros 1.500 sacos e cumprir seus compromissos:

— Fiz contrato de soja futuro de 500 sacos para agosto e 300 para setembro. Tenho bem claro na idéia o que fiz quando assinei o contrato, mas não é por minha culpa que não vou poder cumprir o compromisso. Sempre fui um bom associado e nesta hora difícil quero ver como a Cooperativa vai fazer com todos estes associados que não vão ter soja para entregar.

O pior de tudo, segundo seu Antonio, é que ele nunca tinha comprometido o produto antes de colher a soja. Mas tudo parecia correr tão bem que ele não teve dúvidas: "resolvi fazer antes e deu nisso. Agora, nunca mais".

Seus outros compromissos são 40 sacos para o sócio, mais 40 para o vizinho que fez a colheita, e ainda os 30 por cen-



Antônio Fortes Bueno

to de multa por não cumprir o contrato de soja futuro:

— Vai ser um ano apertado. Mais ou menos já estou achando uma solução: vou vender uma parte da terra, numa chacrinha de nove hectares, para me livrar dessas dívidas grandes. E isto que eu nunca tinha pensando em vender terra, só em comprar.

Além de todos estes compromissos, seu Antonio ainda tem quatro empregados cuidando da criação de porcos, vacas de leite, galinhas, que garantem a manutenção da casa, e mais uma empregada na cidade:

— Tenho uma despesa muito grande, e já avisei que este ano vamos passar por uma crise muito feia. Mas prometi que não vou deixar ninguém mal.

Ação conjunta para garantir a indenização das terras que o asfalto vai tomar

Garantir o recebimento imediato das indenizações é o principal objetivo de uma ação conjunta de agricultores de Chiapetta e Santo Augusto que terão suas propriedades atingidas pela construção de um acesso asfáltico ligando Chiapetta à RS-155. Cerca de 40 agricultores perderão pedaços de suas terras, com a estrada retalhando pequenas propriedades da região, numa extensão de 18 quilômetros.

Quando as máquinas começaram a avançar os agricultores procuraram os Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Chiapetta e Santo Augusto, procurando encontrar uma forma de garantir uma indenização justa. Mudar o trajeto da estrada, a estas alturas, é considerada uma tarefa difícil. Mas mesmo assim os 14 atingidos em Chiapetta estão dispostos a reivindicar que o asfalto cubra a estrada atual, evitando que outras áreas sejam divididas em função de uma nova estrada.

Junto com os sindicatos, eles já realizaram duas reuniões no mês de maio, quando analisaram o procedimento da empreiteira responsável pelas obras e também lembraram outros casos de agricultores que tiveram suas propriedades atingidas por estradas asfaltadas. Há casos, como o da construção da RS-155 (que liga Ijuí a Três Passos), em que os produtores ainda não receberam suas indenizações, ou ainda situações mais antigas, como a da BR-285 (que passa por Ijuí, Panambi e Santo Angelo) em que o pagamento das indenizações ainda depende de decisão judicial.

Na primeira reunião, realizada dia nove de maio, eles trocaram informações sobre o que sabem da construção da estrada, e decidiram que os presidentes dos dois sindicatos deveriam ir até Porto Alegre, buscando maiores orientações na Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul). Decidiram também que ninguém mais assinaria qualquer documento ou autorização para a empreiteira ou para o DAER (Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem). Alguns dos atingidos já haviam inclusive assinado autorizações para a entrada das máquinas, o que foi considerada uma atitude muito prematura. Eles explicaram, porém, que foram conversados pelo pessoal da empreiteira, que chegou dizendo que todo mundo já tinha assinado.

INVASÃO DAS PROPRIEDADES

Houve também o relato de invasões das propriedades, de estragos de lavoura de milho e até mesmo de retirada de madeira sem autorização do proprietário. Isto aconteceu com Adão da Silva Rocha, de Ponte Seca, que ainda enfrentou outro tipo de



Agricultores já fizeram duas reuniões para discutir o que deve ser feito

problema com o pessoal da empreiteira. Eles entraram sem pedir licença, descarregaram tubos (usados nos bueiros) na frente da porta da casa, derrubaram árvores num capãozinho e levaram madeira que seu Adão tinha reservado para o pessoal da CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica). Depois, em função das chuvas, chegaram para descarregar sacos de cimento, só que desta vez pelo menos pediram licença para guardar o material no galpão. O seu Adão, por sinal, será um dos maiores prejudicados pela estrada. Ele tem apenas 11,5 hectares de terra, ainda por cima divididos em duas propriedades, e estas duas áreas serão cortadas pela estrada.

Numa segunda reunião, realizada depois da viagem dos presidentes dos Sindicatos (Valcir Gonzatto, de Santo Augusto,

e Alfredo Blass, de Chiapetta), foi definido o tipo de ação que se encaminhará daqui para a frente. No contato com a direção e com a assessoria jurídica da Fetag, a orientação repassada aos agricultores é de que não se deve realmente assinar nenhum documento. Também não deve ser impedido o trabalho das máquinas, mas nenhuma autorização deve ser dada por escrito.

NEGOCIAÇÃO CONJUNTA

Nenhum dos agricultores é contrário à construção da estrada. Eles inclusive admitem que o asfalto vai facilitar bastante o deslocamento e o transporte de suas safras. O que eles não querem é ter suas propriedades retalhadas e ficar durante anos esperando as indenizações. Para acelerar todo este processo, eles decidiram também contratar um

único advogado para encaminhar as indenizações de todos os atingidos, negociando de forma conjunta os valores e os prazos. Eles também definiram que todas as decisões futuras serão tomadas através dos sindicatos, que inclusive ficaram autorizados a negociar com o DAER e com a empreiteira estas indenizações, que devem ser pagas imediatamente.

Os agricultores de Chiapetta, que ainda têm esperança na mudança do traçado da estrada, formaram uma comissão para falar com os vereadores e com o prefeito do município para ver a possibilidade de manter o trajeto pela estrada atualmente existente. Além de reduzir o custo de construção do asfalto, eles querem evitar que suas propriedades — já de pequena extensão — fiquem ainda mais divididas e difíceis de trabalhar.

STR de Augusto Pestana em sede própria

A idéia levou nove anos para ser concretizada, mas finalmente o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana pode inaugurar sua sede própria. O prédio foi construído com verba arrecadada em contribuições dos associados, e até mesmo trabalho em mutirão foi feito para levar a frente toda a obra. O prédio, inaugurado dia 23 de maio, ainda não está todo pronto, faltando os acabamentos numa área destinada para reuniões e futuros consultórios médicos. A parte de administração e de atendimento odontológico já foi finalizada, e todo atendimento passa a ser feito no novo prédio do STR.

Na solenidade de inauguração, o presidente do STR de Augusto Pestana, Bruno Vander San, fez um relato da cam-
 nha de construção da sede. Segundo ele, a obra pode ser levada adiante com a colaboração e sacrifício de cada associado e "vai servir como lugar para discutir nossos direitos como agricultores, como trabalhadores, para se ver o que pode ser feito por nossa comunidade".

ASSUMIR EM CONJUNTO

A benção do prédio ficou por conta do pastor Osmar Ziemer, que lembrou o fato do Sindicato ser a casa do povo, e assim ali Deus também estava presente. Ele disse que "Deus quer que seu povo tenha condições dignas de vida, e o Sindicato tem a finalidade de reivindicar estas condições dignas para seus associados".

Já o prefeito Orlando Pellenz afirmou que o Sindicato re-

presentava também o engrandecimento do município, e sua sede se transformava num cartão postal de Augusto Pestana. A inauguração ainda foi saudada pelo presidente da Câmara de Vereadores, Wilson Beck, que mencionou a frustração da soja e a reivindicação da Câmara para que as autoridades solucionem as dificuldades dos produtores. O comunicador Nelson Thesing representou a Cotrijui na solenidade, e lembrou a importância dos produtores assumirem em conjunto as lutas comuns dos trabalhadores, assim como foi feito para a construção da sede do Sindicato.

Já Carlos Karlinski, presidente do STR de Ijuí, destacou que a inauguração da sede mostrava uma das faces do Sindicato, que é o lado material, do



A inauguração foi prestigiada por grande número de associados

atendimento aos associados. Além deste aspecto, segundo ele, o Sindicato de Augusto Pestana também não está se descuidando da outra face, que é a da atuação política de órgão de classe, na busca de melhores condições de vida e de trabalho para os agri-

cultores. Como coordenador da regional dos Sindicatos, Carlos Karlinski expressou a esperança de que a sede sirva para o fortalecimento do STR de Augusto Pestana, através de um trabalho de união entre os seus associados.

A COLZA COMO ALTERNATIVA PARA ADUBAÇÃO VERDE

Introduzida na região pela Cotrijuí, para a produção de grãos, a colza começa a tomar novos rumos. Mesmo que ainda não tenha adquirido a total confiança dos produtores, em função de alguns problemas de ordem técnica a cultura começa a ganhar importância nas lavouras, à medida que vem sendo empregada como adubação verde, garantindo ao solo uma excelente cobertura vegetal para o período de inverno.

Em alguns países da Europa, como Alemanha, por exemplo, e até mesmo no Chile, aqui na América do Sul, a colza vem sendo empregada, já há vários anos, como adubação verde e apresentando excelentes resultados.

Segundo o Luiz Volney Mattos Viau, agrônomo e Coordenador do Centro de Treinamento da Cotrijuí, pouca coisa pode ser dito a respeito das vantagens do emprego da colza como aduba-

ção verde, em função das experiências, que são ainda muito recentes na região e da pouca utilização pelos próprios produtores. Mas como é uma planta que apresenta um bom sistema radicular, com considerável volume de massa verde, pode ser considerada uma excelente cobertura vegetal. "Outra vantagem constatada pelos próprios produtores que já se utilizaram da colza como adubação verde, é de que ela não apresenta problemas de doenças ou ataque de pragas, como ocorre com o tremoço", conta o Volney.

MELHOR DESENVOLVIMENTO

Outra observação feita pelos produtores, é de que a colza, quando usada entre o sistema de rotação, favorece a cultura seguinte, principalmente o trigo. "Alguns produtores já observaram que as culturas seguintes apresentam um desenvolvimento melhor, e com plantas mais fortes.

O rendimento destas culturas também tem sido maior".

Ainda pode ser considerado vantagem o fato do plantio ser feito com pequena quantidade de semente, em torno de sete quilos por hectare, para planta cobrir melhor o solo. Em vez de semear em linhas, o Volney recomenda que o plantio seja feito a lanço, caso a colza seja destinada à incorporação, que deve ser realizada quando a planta atingir a fase de floração.

Trabalhos realizados pela Empasc (Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária), comprovam que a colza, além da utilização como adubação verde, pode ser empregada como forrageira de inverno, sem causar nenhum dano ao rebanho. "Estes trabalhos realizados em algumas propriedades, têm demonstrado a viabilidade do uso da colza como forrageira", garante o Volney. Também na Alemanha,

os produtores utilizam a colza como pastagem para o gado leiteiro, quer seja através do pastoreio direto, cortada e distribuída em cochos, ou ainda usada na forma de silagem.

VARIEDADES ESPECÍFICAS

Em alguns países da Europa, onde a colza já é empregada como forrageira de inverno, os produtores têm empregado variedades específicas, destinadas exclusivamente à produção de massa verde. Estas variedades, segundo o Volney ainda não existem pela região. "Nossa finalidade sempre foi a produção de grãos", lembra, "mas nada impede que a cultivar CTC-4, por exemplo, seja também empregada como forrageira". É uma variedade bastante conhecida do pessoal que lida com a colza e pode ser empregada para as duas finalidades: produção de massa foliar e grãos.

Como as coisas estão se encaminhando, é quase certo que a colza venha preencher o espaço que existe na área de recuperação de solos. Mesmo assim o Volney sugere aos produtores que estão optando pela colza como alternativa para a adubação verde, que reservem um espaço para a produção de grãos, que seria mais uma alternativa econômica para a propriedade. "Formando a lavoura com baixos custos, a colheita de uns 500 quilos de semente pode representar um resultado satisfatório". Para quem ainda fica meio "arisco" quando se fala na colza, um alerta do Volney: é preferível cobrir todo o solo com colza, tanto para empregar na adubação verde como na produção de grãos, do que deixá-lo todo descoberto".



Volney: planta recuperadora do solo



No lugar de deixar o solo descoberto, é melhor cobri-lo com colza

A experiência vem dando certo

Experiência na lida da colza é que não falta aos três irmãos Cembranel, o Arno, o Arnor e o Ezequiel, que cultivam em sociedade uma área de 280 hectares em Coronel Bicaco. Já na sua primeira lavoura de colza aproveitaram a resteva e incorporaram ao solo. Os resultados foram excelentes, como o Ezequiel faz questão de contar:

— Já era meio tarde quando plantamos a soja em cima da resteva da colza, e apesar de ter sido um ano de pouca chuva o rendimento daquela área foi muito bom. As plantas tinham mais porte, haste mais forte e os grãos pareciam ser mais graúdos, enquanto que numa outra área plantada no mesmo dia, as plantas não apresentaram o mesmo desenvolvimento.

Na safra passada os irmãos Cembranel ainda foram melhor com a soja plantada em cima da palha da colza. Utilizando uma outra área de terra e a variedade bragg, o rendimento da soja andou por volta de 60 sacos por hectare.

SEM PROBLEMAS DE INÇO

Segundo o Ezequiel todo o

segredo da incorporação da palha da colza fica por conta de um manejo da terra bem adequado, que começa logo após a colheita. É dar um tempo para a lavoura pegar uma chuva e deixar um espaço para que a semente que ficou na terra possa germinar. Depois é dar uma boa gradeada e semear a soja. "O pessoal nunca deve lavrar ou patear a lavoura logo que faz a colheita, para não incorporar junto a semente da colza e ter problema mais tarde".

Neste ano os Cembranel estão reservando uma área de 40 hectares para a colza, sendo que 30 hectares serão destinados à incorporação e os outros 10 para a produção de grãos. E o Ezequiel confessa que meio vai desobedecer a orientação dos técnicos que recomendam a incorporação da colza ainda na fase de florescimento. Ele explica:

— Não sou de acordo de incorporar na fase da floração. Ao meu ver os resultados serão ainda melhores se deixar a planta formar grãos. A colza em mais uns 40 dias para amadurecer o solo. Talvez se perca um pouco de

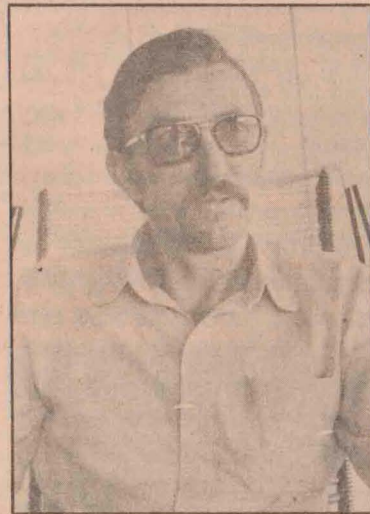
massa verde.

A área a ser destinada para a colza foi ocupada pelo trigo na safra passada. "Temos por costume fazer rotação de cultura e como não vamos plantar trigo nesta área, melhor ocupar com a colza do que deixar o solo descoberto, que é ainda pior", diz o Ezequiel.

A DESCOBERTA NO CTC

Foi depois de uma visita ao CTC (Centro de Treinamento da Cotrijuí), que o seu Nildo Wintz descobriu que a colza também pode ser usada como adubação verde. Chegou em casa e resolveu fazer a sua experiência, aproveitando uma área de colza que tinha sido derrubada pelo vento e pelas chuvas. Satisfeito com os resultados, repetiu a experiência no ano seguinte, como conta:

— Incorporei uns 35 hectares numa colza que tinha nascido "meio guacha" e que não tinha condições de produzir grãos. A lavoura estava rala demais. Os resultados foram os melhores. A terra ficou mais escura e mais solta. A soja que foi plantada em cima desta área apresentou um



Ezequiel: manejo adequado



Nildo: melhor que o tremoço

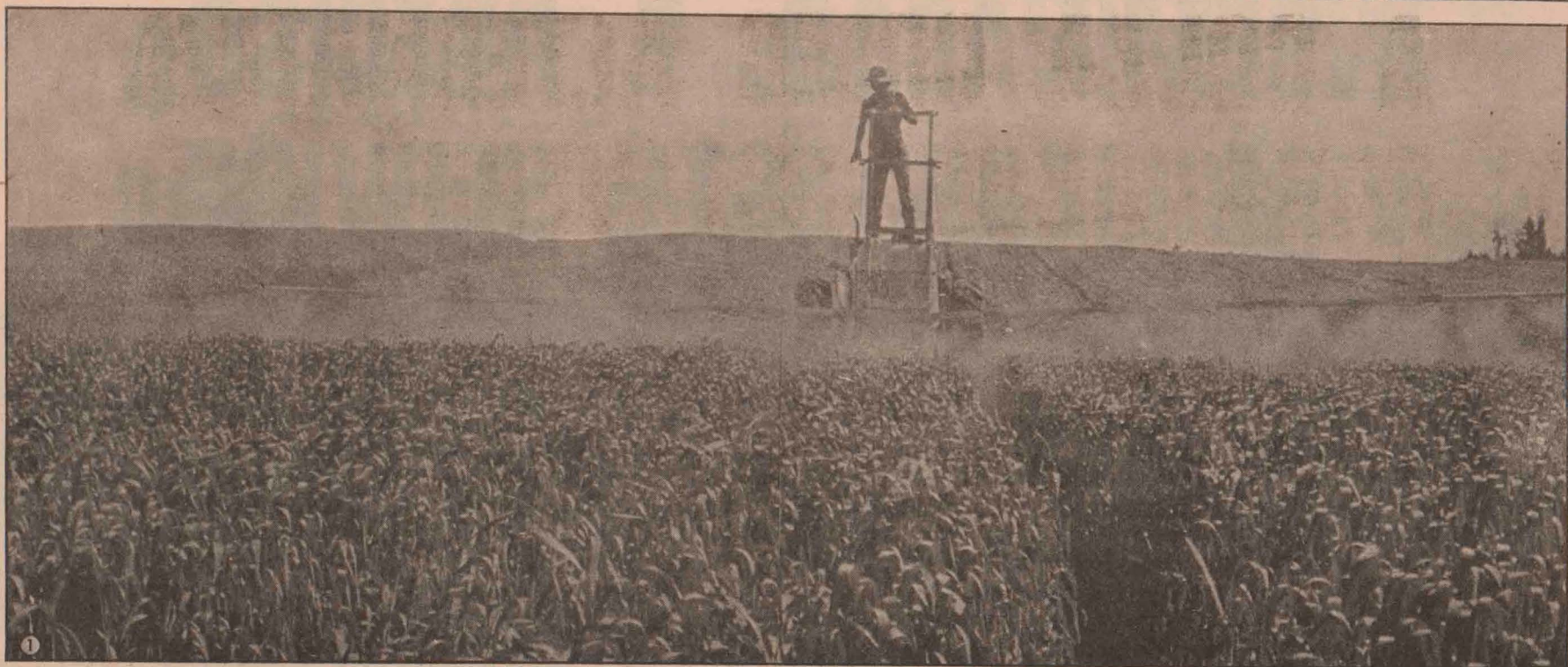
rendimento muito maior do que uma outra soja que tinha sido plantada com adubo.

Os planos do seu Nildo e do sogro, seu Godofredo Borkenhagem, que plantam em sociedade 200 hectares no Itai, em Ijuí, são de aumentar a área de colza para 80 hectares. Uma parte vão deixar para a produção de grãos e outra para adubação verde. No plantio vão usar apenas um pouco de hiperfosfato e um pouco mais de sementes "que é para a planta fechar bem". A incorporação será feita logo que a planta começar a soltar os grãos.

— É o período em que a planta apresenta maior volume

de massa verde. É só cuidar para não deixar os grãos amadurecerem. Não gostei de incorporar na fase de floração. A planta tem muita água.

Para o pessoal que fica "arisco" quando se fala na colza, ainda mais se usada como adubação verde, o seu Nildo recomenda uma boa roçada antes da incorporação, "que daí não tem perigo da planta continuar crescendo e produzindo semente". Baseado em duas experiências, o seu Nildo garante que é preferível usar a colza como adubo verde do que o tremoço, "que não aprovou", ou mesmo deixar o solo descoberto.



Fungicidas:

OS TRATAMENTOS COMPARADOS

Depois de tantas frustrações, quem se atreve a apostar de novo na lavoura de trigo? Esta indagação se repete ano a ano, e as respostas têm ficado quase sempre condicionadas ao principal fator de estímulo ou não ao plantio desta cultura, que é o crédito, com bons ou maus VBCs, e a ajuda dos preços mínimos. Este ano, uma nova forma de incentivo pode ganhar força, que é a recomendação, feita por alguns pesquisadores, para que os fungicidas entrem valendo na hora de se planejar a lavoura. Mas é preciso cuidado. Esta saída pode não ser tão salvadora e, pelo contrário, implica em sérios riscos, se for recomendada indiscriminadamente.

Foi em função de toda a propaganda que se fez em torno dos fungicidas, a partir da posição destes pesquisadores, que a Cotrijuf decidiu realizar avaliações dos possíveis resultados técnicos e econômicos do uso deste defensivo. Para os técnicos que defendem a utilização do veneno, esta seria a hora de se investir no tratamento preventivo da lavoura contra o ataque de doenças, e aí estaria uma alternativa que tornaria a triticultura menos instável.

O principal argumento a favor dos fungicidas leva em conta o fato de que as condições climáticas desfavoráveis têm

determinado o surgimento de doenças, e ficam com a maior responsabilidade pelo fracasso seguido de muitas safras. Disso ninguém duvida, e as estatísticas mostram que na Região Pioneira da Cotrijuf e de resto em todo o Estado o clima, e em especial o volume das chuvas, estão longe de oferecer as condições ideais para o desenvolvimento satisfatório da lavoura.

OS RETORNOS

A avaliação dos retornos propiciados pelos fungicidas mostra que, de fato, esta prática pode contribuir para que o produtor obtenha ganhos menos escassos com o trigo. O trabalho foi realizado em sete propriedades da Região, sob a coordenação do Departamento Agrotécnico. Em cinco áreas foram utilizados não só o fungicida mas também outros insumos modernos, como o redutor de crescimento e adubação foliar nitrogenada, e em outras quatro não houve tratamento contra doenças ou mesmo o uso dos dois outros produtos.

As lavouras receberam seis tratamentos, um diferente do outro, para que os resultados de cada um deles pudessem ser comparados. O tratamento "A" foi o que teve maior investimento, com quatro aplicações aéreas de fungicidas, redutor

de crescimento e adubo nitrogenado. A primeira aplicação foi feita 45 dias após o plantio, incluindo um fungicida, um redutor de crescimento e adubo nitrogenado. Depois, foram feitas mais três aplicações, com fungicidas (de contato e sistêmicos) e também adubo nitrogenado. A segunda aplicação ocorreu no emborrachamento da planta; a terceira 10 dias após esta segunda aplicação; e a quarta 10 dias depois da terceira.

O tratamento "B" também foi por pulverização aérea, e teve igualmente quatro aplicações. A diferença é que, neste tratamento, nas duas últimas aplicações o fungicida de contato foi substituído por um produto sistêmico. O tratamento "C" também foi quase igual ao "A", mas reduziu para três o número de aplicações. Foi dispensada no tratamento "C" a primeira pulverização com fungicidas, e também o uso de redutor e adubo nitrogenado.

Os tratamentos "D" e "E" foram os que empregaram menos produtos. No "D", foram feitas duas aplicações terrestres com pulverizador de barra, utilizando-se somente 2,5 quilos de fungicida de contato. No "E", a pulverização também foi com barra, e teve como diferença apenas a elevação da dose do fungicida para 4,5 quilos. E, finalmente, no tratamento

"F", houve somente os cuidados normais da maioria das lavouras da região, sem qualquer uso de fungicida e redutor de crescimento ou aplicação de adubação foliar. Para poder avaliar os resultados técnicos e, em consequência, os retornos econômicos destes tratamentos, o Departamento Agrotécnico considerou, é claro, os custos fixos para formação da lavoura e colheita, e as despesas variáveis, de acordo com o tratamento escolhido. Depois, com base em amostras de cada área, foram constatadas as produtividades médias, e daí se chegou à receita líquida, ao lucro obtido.

TRATAMENTO MODERADO

A tabela, com estes dados (veja abaixo) permite várias conclusões. O tratamento "A", por exemplo, que utilizou o maior volume de produtos químicos, apresentou no final um resultado negativo. Na média das três lavouras amostradas, o prejuízo foi de Cr\$. 2.828,10 por hectare. Também as lavouras que não receberam nenhum tratamento ("F") ficaram com prejuízos, numa média de Cr\$ 5.983,66 por hectare.

As lavouras com tratamento moderado obtiveram as melhores respostas, em termos técnicos e econômicos. O tratamento "D", que teve duas aplicações com pulverizador de barra, deixou um lucro de Cr\$ 35.525,05 por hectare. Nas lavouras com tratamento "E", que tiveram aumento na dosagem do fungicida, o lucro ficou em Cr\$ 29.425,00. Já no tratamento "C", que dispensou o redutor de crescimento e a primeira aplicação de nitrogenados, os resultados foram melhores que os obtidos nas amostragens de "A" e "B" onde estes produtos foram empregados.

Outros dados revelados pelo trabalho permitem concluir que, aparentemente, não há maior resposta, quando ao PH do trigo, em função dos tratamentos químicos. Também se constata que os resultados técnicos propiciados pelo redutor de crescimento e pela adubação nitrogenada não são expressivos, enquanto os fungicidas são capazes de garantir uma maior produtividade. O importante é que, de acordo com estas avaliações, fica claro que os tratamentos mais moderados, com menos aplicações, também asseguram rentabilidade, e, em consequência, menores custos.

Tratamento	Variedade	Rendimento (sacos)	PH	Receita Bruta (Cr\$)	Custo Pulverização (Cr\$)	Custo Total (Cr\$)	Receita (Cr\$)
A	CNT-10	22,73	74	84.623,80	21.367,00	81.160,00	3.463,80
	CNT-8	16,16	74	60.163,70	21.367,00	81.160,00	(20.996,30)
	CNT-9	24,23	74	90.208,30	21.367,00	81.160,00	9.048,00
	Média	21,04	74	78.331,90	21.367,00	81.160,00	(2.828,10)
B	CNT-10	27,06	72	98.769,00	24.000,00	83.793,00	14.976,00
	CNT-10	20,58	74	76.619,30	21.070,00	80.863,00	(4.243,70)
	Média	23,82	73	87.694,15	22.535,00	82.328,00	5.366,15
C	Maringá	25,00	74	93.075,00	19.413,00	73.206,00	13.869,00
	CNT-10	24,15	77	92.687,70	21.367,00	81.160,00	11.527,70
	Média	24,57	76	92.881,35	20.390,00	80.183,00	12.698,35
D	CNT-10	27,35	74	101.824,05	6.706,00	66.499,00	35.525,05
E	CNT-10	26,18	76	99.484,00	10.266,00	70.059,00	29.425,00
F	CNT-10	16,00	71	57.824,00	—	59.793,00	(1.969,00)
	CNT-9	14,00	74	52.122,00	—	59.793,00	(7.671,00)
	C-3	13,15	79	51.482,00	—	59.793,00	(8.311,00)
	Média	14,38	75	53.932,20	—	59.893,00	(5.983,66)

INSEMINAÇÃO: É PRECISO VIABILIZAR ESTE SERVIÇO

Para manter o serviço de inseminação artificial estão sendo tomadas algumas medidas que visam reduzir os custos assumidos pela cooperativa.

Atualizar a tabela de preços dos sêmens distribuídos pela Cotrijuí aos seus associados foi a saída encontrada pelo pessoal do Setor de Inseminação para diminuir os altos custos do setor e evitar medidas mais drásticas, como o fechamento do posto e demissão dos funcionários. Toda a questão envolvendo os altos custos do Setor, segundo o Paulo Garcez, veterinário e Coordenador do Setor de Inseminação da Cotrijuí, pode ser explicada pelo simples fato de que, nestes 14 anos, a inseminação foi encarada como uma prestação de serviços e, portanto, altamente subsidiada pela Cotrijuí, sem nunca olhar para os custos. De repente, quando o pessoal achou que era hora de ir para a ponta do lápis, veio a surpresa: o setor estava dando prejuízo. "E grande", diz o Paulo, "a ponto de que em 82 a inseminação fechou o ano com um déficit de quase Cr\$ 10 milhões". O Paulo só vê duas saídas: reajustar o preço do sêmen e aumentar o número de inseminações.

O primeiro passo no sentido de viabilizar o setor foi dado a partir do momento em que a tabela de preços sofreu reajuste. O segundo passo, e o mais importante, vai depender de todo um trabalho de conscientização junto aos agricultores, a ser desenvolvido através de reuniões nos núcleos, onde os veterinários vão procurar, de uma forma clara e objetiva, mostrar as vantagens da inseminação. "Queremos esclarecer melhor o produtor, desmistificando os tabus que ainda existem com relação à inseminação".

Só na Região Pioneira são feitas em média cinco mil inseminações por ano. "É um número quase insignificante, se formos comparar com o rebanho da região. A nossa intenção com esse trabalho nas bases, é aumentar o número de inseminações".

PREÇOS DEFASADOS

O Paulo admite que o preço que vinha sendo cobrado por uma inseminação andava bastante defasado e não cobria os custos de aquisição do sêmen, mesmo do

nacional, que é o mais acessível, embora apresente a mesma garantia. "Como há muito tempo não tínhamos um reajuste tão significativo assim, logo de saída os novos preços vão parecer até absurdos, a ponto de meio assustar os produtores", diz o Paulo. Mas ele acha que tudo vai depender do interesse do produtor em introduzir melhorias no seu rebanho. "Se ele pensa em qualidade, e fizer as contas bem certinhas, verá que compensa muito mais pagar um preço mais alto pelo sêmen do que manter um reprodutor na propriedade".

Para chegar até os novos preços, o cálculo levou em consideração desde a quilometragem gasta na realização das inseminações, combustível, preço do sêmen, desgaste dos veículos, aquisição de nitrogênio líquido para a conservação dos sêmens, salários, encargos sociais, etc, pois tudo computa no custo final. Feitas as contas se chegou a conclusão de que para tornar viável o setor, o preço do sêmen nacional, que andava custando em torno de Cr\$ 1.000,00, teria de passar para Cr\$ 3.000,00. O preço do sêmen importado ficou, em média, por volta de Cr\$ 4.500,00. Dependendo da origem do touro, tem sêmen importado que chega a custar Cr\$ 172.000,00.

Esta nova composição de custos, segundo o veterinário, deverá sofrer reajuste mensal. "De agora em diante, também o setor de inseminação vai acompanhar a inflação, se não quisermos fechar o ano com mais um déficit".

CUSTOS FIXOS

Fora o reajuste na tabela de preços e o incremento da inseminação entre os produtores, o Paulo admite que pouca coisa mais pode ser feita no setor para diminuir os custos. "Outros custos do setor são fixos". A Cotrijuí adquire, mensalmente, em torno de 400 litros de nitrogênio líquido, usado na conservação dos sêmens; também mensalmente é obrigada a repor seu estoque de sêmen nacional, principalmente os das raças jersey e holandesa, que têm mais saída. A reposição do sêmen importado é feita apenas uma vez por ano. Os demais custos fixos ficam por conta da reposição de luvas, pipetas e outros equipamentos.

Outra forma de agilizar o setor de inseminação, segundo o Paulo seria reativar o convênio que existe entre a Prefeitura Municipal de Ijuí e a Cotrijuí. Foi justamente a Prefeitura Municipal que deu início a todo o trabalho de inseminação pela região, até que a Cotrijuí entrou para a atividade. Na época, a Prefeitura entrava com um inseminador e mais o combustível. Mais tarde o convênio foi desativado e a Cotrijuí assumiu sozinha todo o trabalho. "Hoje, frente aos custos elevados do combustível e mesmo os preços dos sêmens, este encargo está ficando pesado. A nossa intenção é procurar reativar o convênio, buscando a participação direta da Prefeitura, porque entendemos ser do interesse do município a manutenção da qualidade do rebanho da região", diz o Paulo.



Paulo Garcez: reduzir o déficit

A intenção é agilizar o setor de inseminação



Esclarecer as vantagens

Para o Otaliz de Vargas Montardo, veterinário e Coordenador do Setor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, o produtor tem muito ainda que ser esclarecido a respeito das vantagens do uso da inseminação, deixando de lado os tabus em que acredita. "A inseminação", explica ele, "nada mais é do que uma técnica aplicada pelo homem com a intenção de provocar a gestação nas fêmeas, sem a participação direta dos machos, e não tem nada a ver com a estória de que o sêmen é feito em laboratórios e que estraga o animal".

Tanto o produtor precisa ser melhor esclarecido a respeito das vantagens e funcionamento da inseminação, estado nutricional do animal, controle do cio, que o pessoal ligado ao setor de Inseminação da Cotrijuí anda programando uma série de reuniões pelos núcleos, onde de maneira "clara e objetiva" pretendem levantar todas estas questões.

Segundo o Otaliz, o pequeno produtor, principalmente, precisa ver que é muito mais vantajoso usar a inseminação no seu rebanho do que manter um reprodutor na propriedade, com altos custos de manutenção. "Através da inseminação ele pode usar sêmen de touros de várias origens, sem correr o risco de enfrentar problemas de consangüinidade".

Os problemas de doenças infecciosas ficam afastadas com o uso da inseminação. "Os animais não correm o risco de pegarem qualquer doença. Os aparelhos que usamos durante a inseminação, jamais são utilizados em outro animal". Outra fonte de crédito, segundo conta o veterinário, é o controle rigoroso que o Ministério da Agricultura mantém sobre as empresas que comercializam sêmen. "O sêmen

que usamos é da CRIA (Central Rio-grandense de Inseminação Artificial). E somente touro puro de origem, devidamente registrado e testado, está apto a fornecer sêmen".

NORMAS A OBSERVAR

A inseminação, segundo o veterinário, jamais estraga o animal, como muito produtor acredita. "A fertilidade não aumenta e nem diminui com a inseminação. O que pode influir na pega da cria é o estado de saúde da vaca". E o sucesso da inseminação depende de certas normas que precisam ser consideradas, como início do cio. Como a ovulação só acontece no final do cio, o produtor precisa ficar atento para o horário em que a vaca entra em cio. "Se o animal entrou em cio pela manhã, obrigatoriamente terá de ser inseminado até o final da tarde. Se o cio começou pela tarde, ele terá de ser inseminado pela manhã do outro dia".

Outra recomendação do Otaliz diz respeito a ordenha das vacas antes da inseminação. De acordo com a recomendação do veterinário a vaca jamais deve ser ordenhada no período de até uma hora antes da inseminação. O Otaliz explica porque a ordenha, nestes casos, pode prejudicar a inseminação.

É que existe no organismo do animal um hormônio chamado ocitocina, que tanto serve para levar o espermatozóide até o útero da vaca, como para provocar a "descida" do leite na hora da ordenha. Se a vaca for inseminada logo após a ordenha, não haverá disponibilidade desse hormônio no organismo para ajudar na movimentação do espermatozóide e, conseqüentemente, a inseminação ficará prejudicada.

O produtor não quer sair perdendo

"Que a Cooperativa aumente o preço cobrado pela inseminação de acordo com os custos", disse o seu Otto Tietzmann, de Arroio das Antas, em Ijuí, tão logo ouviu alguns comentários pela vizinhança de que a Cotrijuí estaria pensando em terminar com o Posto de Inseminação, em função dos altos custos que o serviço vem apresentando. O seu Otto explica melhor porque pensa assim:

— Quem vai sair perdendo, caso a Cotrijuí se decida pelo fechamento do posto, são os próprios produtores que se beneficiam com esse serviço. Ao meu ver a solução é aumentar os preços e equilibrar com os custos, e os produtores beneficiados que se sujeitem a pagar um pouco mais. Melhor o sêmen custando um pouco mais caro, mas de qualidade comprovada, do que cada produtor ter de adquirir um reprodutor.

Com um plantel formado por 20 vacas, o seu Otto prefere inseminar apenas as vacas jersey, dando uma média de 10 inseminações por ano. Nas demais, de raça holandesa, ele faz cobertura natural, com um reprodutor da mesma raça que adquiriu há dois anos atrás. Ele conta porque adquiriu um reprodutor:

— Andava tendo muita correia e as vacas sempre falhando. Fiz um tratamento sério nessas vacas e substituí a inseminação pelo reprodutor.

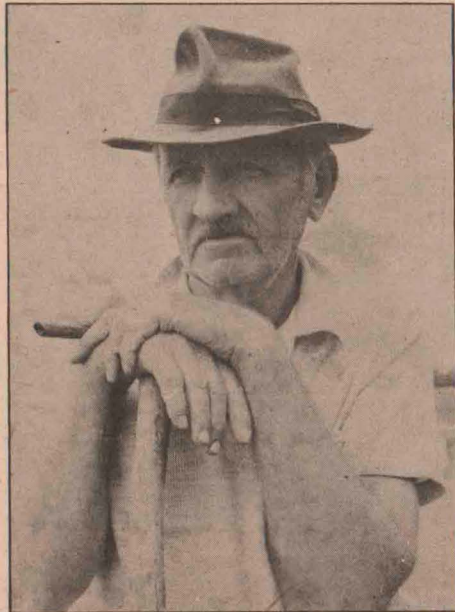
Embora o reprodutor não tenha registro "mas não é do registro que sai o leite", o seu Otto garante que é de boa qualidade, e dependendo do número de animais na propriedade, até que compensa a aquisição de um reprodutor. Utiliza o touro por dois ou três anos, e depois revende para algum açougue e compra outro mais novo. Não acredita que um reprodutor aumente em muito as despesas na propriedade.

QUALIDADE SUPERIOR

O seu Sadi Reimann, de Coronel Barros, também em Ijuí, acha que o produtor tem a sua parcela de culpa, caso a Cooperativa decida terminar com a inseminação. E explica:

— Aqui na minha região, apenas uns cinco ou seis produtores se preocupam em melhorar a qualidade do rebanho. São poucos os que se utilizam da inseminação. O resto do pessoal pensa que o mais importante é que a vaca dê um pouco de leite. Melhoramentos no rebanho, então, nem pensam.

Segundo o seu Sadi, não vai ser o preço do sêmen que vai diminuir o uso da inseminação. O que



Otto Tietzmann: acompanhar os custos

falta mesmo é uma maior conscientização dos produtores a respeito de melhorias no rebanho. E mesmo pensando em parar com a lida do leite, "para poupar um pouco a mulher", o seu Sadi defende a manutenção do Posto de Inseminação dentro da Cotrijuí, e, como o seu Otto, acha que a Cooperativa precisa reajustar os preços do sêmen.

— O Posto precisa continuar por qualquer preço. E os produtores precisam ver que se aumenta o preço do sêmen também o preço do reprodutor é reavaliado. Se a Cooperativa resolve reajustar seus preços é porque resolveu acompanhar a inflação. Quem se utiliza deste serviço, vai continuar usando, porque pensa em qualidade e não em preço.

SÊMEN MAIS BARATO

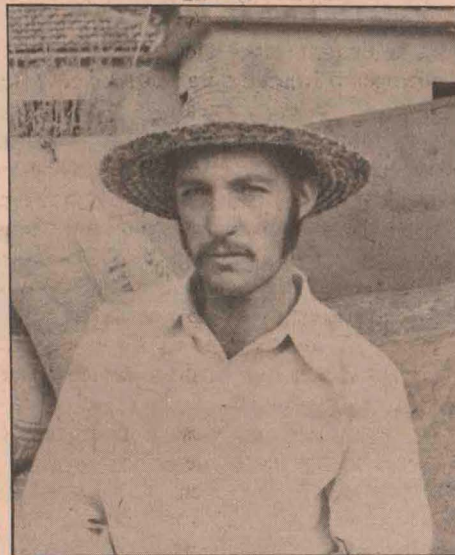
Inseminando uma média de 13 vacas por ano, o seu Oldemar Eberle, pensa que nem o seu vizinho, o seu Sadi, e diz ainda que o produtor que quiser produzir gado de boa qualidade não pode ter um touro junto, na propriedade. Na sua opinião, a inseminação é a melhor solução para quem quer investir na criação, seja de gado de leite ou de corte:

— Quem tem um rebanho pequeno, que nem eu, é melhor inseminar do que conservar um touro na propriedade, que dá mais despesa. E mesmo que o sêmen custe caro, nem chega perto do custo de um reprodutor de qualidade. E quem tem vaca de qualidade não deve olhar para preço.

Mesmo sendo favorável a um reajuste dos preços dos sêmens, o seu Oldemar leva medo de que as coisas fiquem pior, e o produtor, assustado, se afaste ainda mais da inseminação artificial, principalmente aqueles que não dão a devida importância à qualidade do rebanho. Seu Oldemar dá uma sugestão



Sadi Reimann: precisa continuar



Oldemar Eberle: esclarecimentos

ao pessoal do Posto de Inseminação:

— Os próprios inseminadores e até os veterinários poderiam fazer uma campanha de esclarecimento ao produtor, que tem muita gente que não usa a inseminação porque acredita que é falha. Sei de produtores que nem sabem controlar direito o tempo de cio do animal.

INVIÁVEL

Lá na propriedade dos Krampe, na Linha 9 Leste, em Ijuí, são feitas em torno de 15 inseminações por ano, todas com sêmen importado. "É o que dá para tirar as melhores produções e o único que é testado", diz o Elerson Krampe que, junto com seu pai, Walter Krampe, pega de ponta a ponta nas lidas de propriedade.

Para o Elerson, o Posto de Inseminação é a grande chance que os pequenos produtores têm de introduzir melhorias no seu rebanho. Mas é totalmente contra o reajuste dos preços do sêmen, pois acha que isto não vai resolver a questão dos custos, como conta:

— Se os custos estão realmente elevados, é porque o Posto está se tornando inviável, e um reajuste nos preços ainda vai piorar a situação. O pequeno, que já insemina muito



Elerson Krampe: visão errada

pouco, vai abandonar a prática. E para o grande produtor se torna mais econômico a instalação de um posto na propriedade.

O Posto de inseminação poderia funcionar muito bem, "sem nenhum prejuízo", segundo o Elerson, se o produtor não tivesse uma visão tão errada a respeito da inseminação artificial e deixasse de lado a idéia de que um animal depois de inseminado uma vez está estragado para sempre e não serve mais. Outro aspecto que o Elerson levanta é a questão da falha da inseminação. Diz ele:

— Esse pessoal precisa entender que um animal não perde e nem aumenta a fertilidade com a inseminação. E se a vaca está doente, não há fertilidade, e ela não vai pegar criar nem com cobertura natural. É nestes casos que acontecem as falhas.

Os Krampe usam sêmen importado das raças holandesa e jersey e ainda mantém na propriedade um reprodutor holandês, registrado, que hoje anda custando por volta de Cr\$ 500.000,00.

FALTA INCENTIVO

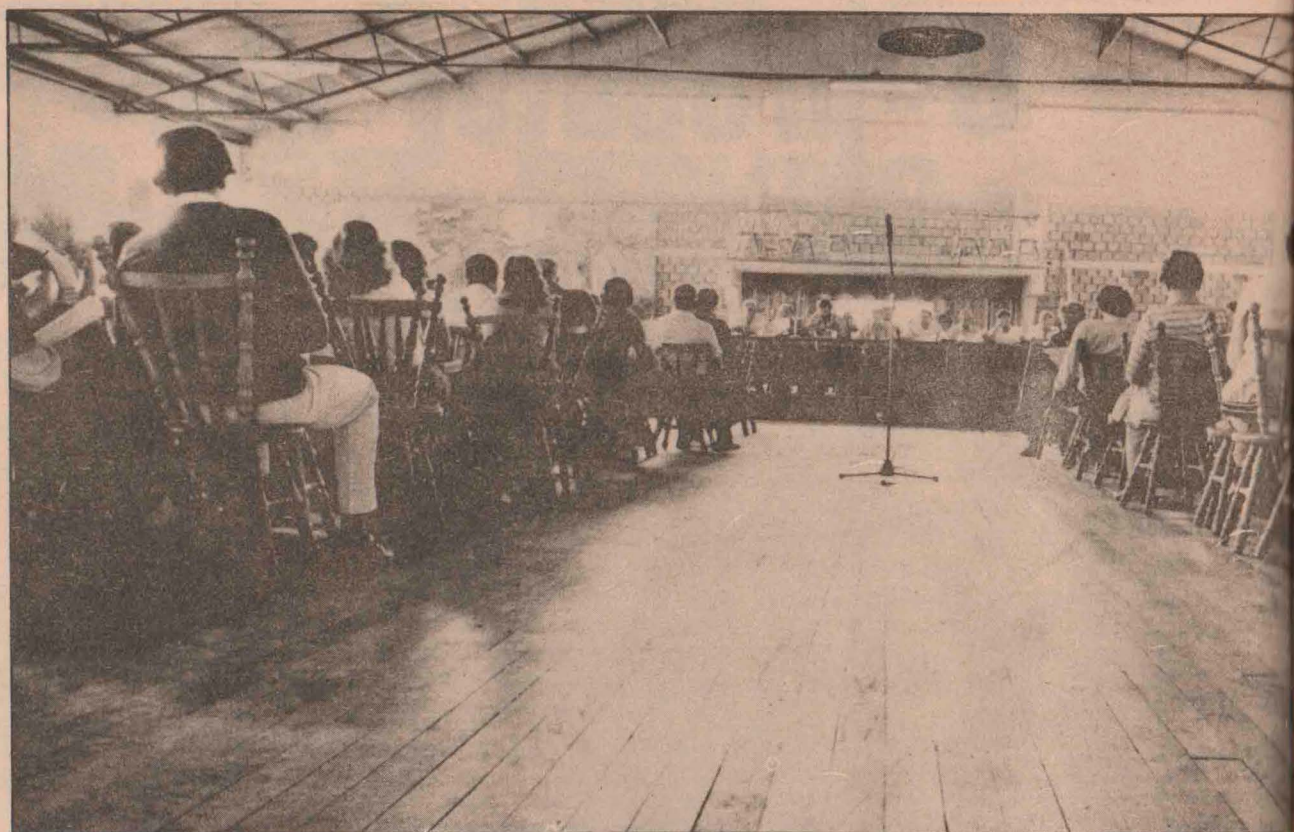
O seu Valdemar Friderich, de Rincão dos Goi também concorda que o produtor precisa ser melhor esclarecido a respeito da importância de inseminação como fator melhorador do rebanho na região. Ele explica:

— O pessoal que lida com a inseminação precisa sair e esclarecer melhor os produtores, mostrando as vantagens do uso do sêmen artificial em vez da monta natural. É a chance que o pequeno tem de melhorar a qualidade genética do seu rebanho.

Inseminando em média 20 vacas por ano, o seu Valdemar vem se utilizando da inseminação até para o gado de corte. Não tem intenções de adquirir um reprodutor, em função dos altos custos de aquisição e manutenção, e mesmo porque acredita mais na segurança que a inseminação oferece.

Seu Valdemar não vê problema maior no reajuste dos preços dos sêmens, "apenas vão acompanhar a inflação. Pior é a Cooperativa fechar o Posto, deixando um trabalho a meio caminho andado, depois de tanto investimento."

Uma discussão que começou a ser ensaiada há cerca de um ano ganhou força e praticamente dominou todos os debates durante a Assembléia Geral Ordinária da Cotrijuí, realizada dia seis de maio. Esta discussão envolve o questionamento e reflexão sobre o tamanho da Cooperativa, e foi reavivada a partir de uma proposta do Conselho de Administração de desmembrar a Cotrijuí em três cooperativas singulares. Pela proposta, cada área de atuação se transforma em uma cooperativa independente, tanto na Região Pioneira, como no Mato Grosso do Sul, como em Dom Pedrito. As cooperativas singulares, entretanto, continuariam reunidas em torno de uma Central, responsável pela definição das políticas globais. Um tanto pelo surgimento da proposta, e outro tanto pela preparação anterior da Assembléia, os demais assuntos não chegaram a despertar interesse maior. O próprio Balanço, já examinado previamente em reuniões de núcleos, não teve seus números postos em discussão, sendo aprovado sem nenhum pedido de explicação adicional por parte dos presentes. O interesse ficou concentrado na discussão do desmembramento, lançado como proposta para permitir uma discussão mais ampla da atuação da Cooperativa, e na busca de soluções para a situação financeira da Cotrijuí.



As discussões da Assembléia envolveram principalmente o debate sobre a proposta de desmembramento...

UMA PROPOSTA: O DESMEMBRAMENTO

O desmembramento não era assunto para ser decidido nesta Assembléia, mesmo porque ela não teria competência para aprovar uma medida desta natureza. Para que isto aconteça, é necessário uma convocação especial e extraordinária, envolvendo a participação dos associados de todas as regiões. Até se chegar a um posicionamento concreto, a proposta primeiro deverá ser amplamente debatida entre o quadro social, procurando um consenso nas três regiões. A idéia foi lançada, inclusive, sem estabelecer prazos para essa discussão e mesmo sem definir claramente como ficará a Cotrijuí se o desmembramento de fato ocorrer.

A proposta surgiu mais no sentido de provocar uma discussão profunda sobre a realidade da Cooperativa. "É até possível", como interpreta o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, "que cheguemos a conclusão de que o melhor para nós é continuarmos como até agora, pois desta forma teremos a melhor eficiência". O importante, segundo ele, é que os associados se envolvam nesta discussão, analisando os fatos e definam uma estrutura de cooperativa que viabilize sua participação efetiva:

— A nossa preocupação é que a cooperativa estabeleça uma política que possa atender, de uma forma mais clara, os interesses de seus associados. Já houve uma época que nos sentávamos em reuniões para encher um quadro-negro de problemas dos agricultores. Hoje estamos num momento de encher o quadro com problemas da cooperativa. Mas fica difícil,

em função da heterogeneidade do quadro social, estabelecer uma política global e do mesmo nível em todas as regiões. Os sistemas de produção, a estrutura fundiária, os interesses no dia-a-dia nas cooperativas não são idênticos.

SEM ARREPENDIMENTOS

O presidente fez questão de deixar claro, durante a Assembléia, que a proposta não traz em si um arrependimento pelo que se fez no passado, especialmente a expansão da Cotrijuí para outras áreas além da região onde foi fundada e começou a crescer. Ele disse:

— Não nos arrependemos pelo que foi feito há seis anos, com a incorporação da Cooperativa Pedritense, ou há quatro anos, quando nos expandimos até o Mato Grosso do Sul. Foram decisões tomadas numa situação diferente, que nos trouxeram uma visão mais ampla da agricultura nacional, enriquecendo nossa experiência. Podemos nos condenar, isto sim, por não ter feito ainda mais. Estas foram fases do nosso desenvolvimento, atitudes que marcaram a nossa história.

O que existe, segundo ele, é uma insatisfação com a realidade atual da cooperativa, e não o desejo de desfazer aquilo que já se conseguiu. Agora é preciso vencer a crise financeira da Cotrijuí, mas também a direção e os associados têm a obrigação de evitar que passados meia dúzia de anos se volte a enfrentar o mesmo tipo de problema:

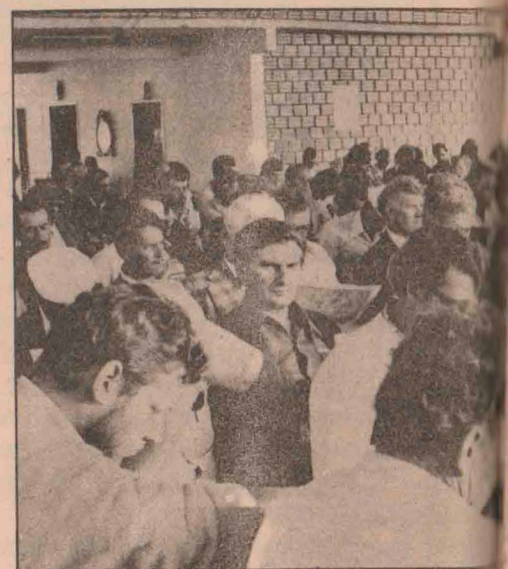
— Precisamos de uma estrutura

que nos faça chegar a um Balanço com resultado, e também com uma política onde o produtor não ponha apenas o dinheiro no bolso, com o interesse voltado para comprar e vender, mas tenha também uma consciência de cooperativa. No fundo nós temos uma mentalidade cooperativista, mas vivemos num mundo, e mesmo num sistema cooperativista, que se mercantiliza a alta velocidade. Se não podemos impedir a mercantilização do todo, que pelo menos se consiga travar este processo entre nós.

DECISÃO BEM PENSADA

Enquanto proposta, a idéia de desmembramento prevê que as cooperativas singulares definiriam a sua atuação no dia-a-dia administrativo de cada região. As políticas globais, entretanto, seriam definidas através de uma Central, como tentativa de unificar atitudes e mesmo fortalecer o desempenho das cooperativas de cada região. Em princípio, segundo Ilgenfritz, o desmembramento não deve significar divisão, pois isto poderia trazer uma certa fragilidade em algumas regiões. Entretanto, a decisão de criar ou não a Central vai depender dos debates entre os associados, procurando chegar um consenso sobre a melhor atitude que deve ser adotada:

— Além de dados e números sobre a própria situação da Cooperativa, a decisão vai exigir um entendimento mais claro da própria conjuntura em que vivemos, para então se tomar uma posição política consciente, sem envolver emoções. O próprio



... que surgiu como provocação ao debate

desmembramento deve ser bem analisado, pois pode ser entendido como um enfraquecimento, ainda mais quando se vislumbra um potencial de recuperação muito grande. Não podemos esquecer que, hoje, a área da Cotrijuí representa de sete a 10 por cento da produção de soja do Rio Grande do Sul, e cinco por cento a nível nacional. Temos que deitar a cabeça em cima disso para que a decisão seja bem pensada, não só pelo ineditismo de um desmembramento (não se sabe de outra cooperativa que tenha realizado a mesma coisa) como também pelo próprio peso que ela representa.

A hora, segundo Ruben, é de amadurecer bem a idéia para que ela resulte num fortalecimento da Cotrijuí. Até hoje se tem dado muita atenção ao sistema cooperativista como um todo, "e quem sabe está na hora de voltarmos a pensar muito mais em nós mesmos inclusive, porque encontramos pouca cobertura em termos de sistema. Ao nos fortalecermos, talvez se consiga fortalecer o próprio sistema. Nós temos sido pioneiros em muitas coisas, inclusive nas crises. A busca de uma saída através da reflexão e rediscussão da própria cooperativa, pode ser que ajude o sistema a acordar, evitando que outras estruturas enfrentem a mesma crise que nós tratamos agora de superar".

O peso do custo do dinheiro

Os números do Balanço, se não chegaram a despertar maior interesse durante a Assembléia, foram bastante discutidos e analisados nas reuniões de núcleo. Mesmo na manhã da realização da Assembléia, numa reunião preliminar com os representantes eleitos em todas as áreas da cooperativa, a preocupação demonstrada ficou mais ao nível da busca de uma solução para os problemas financeiros. A intenção, como não poderia mesmo deixar de ser, é se evitar que no próximo ano o resultado do exercício apresente novamente um número negativo. É claro que a perda financeira, que ficou em Cr\$ 1.102.307.032,24, foi discutida, mas a ênfase maior ficou novamente com a proposta de desmembramento da Cotrijui em cooperativas menores.

Se durante a tarde, ao contrário do que tem acontecido nas assembleias anteriores, não houve qualquer solicitação de esclarecimento adicional sobre os números do Balanço, a questão envolveu maiores discussões durante o encontro da manhã, quando se reuniram os representantes, os conselheiros e os diretores eleitos da Cooperativa. O assunto, inclusive, foi levantado pela própria diretoria, numa tentativa de interpretar a diferença entre o passivo circulante e o ativo circulante da Cooperativa, onde os valores a pagar são maiores do que aqueles que se tem para receber. O presidente Ruben Ilgenfritz da Silva chegou a lembrar que "causas para esta diferença cada um de nós tem para apresentar, assim como muitas justificativas de acordo com cada ângulo de visão. Dificilmente, porém, podemos mensurar de forma clara estas causas, determinando os pesos de cada uma delas no resultado final".

O PESO DOS FINANCIAMENTOS

As despesas financeiras, com o pagamento de juros sobre financiamentos tomados pela Cooperativa, aparecem como o item de maior peso no resultado do exercício. Estas despesas, afinal, representaram nada menos do que 53,69 por cento sobre o total das despesas do ano, ou 20,88 por cento sobre o total de receitas. Em função deste percentual muito elevado, segundo Ilgenfritz, "se evidência que mesmo se reduzíssemos em 50 por cento os demais itens — como impostos, fretes, salários — estaríamos do mesmo trabalhando para pagar as despesas financeiras. E também não há como, por exemplo, reduzir as despesas como impostos, pois não podemos deixar de pagá-los. Se também quiséssemos reduzir pela metade o número de funcionários, os resultados não seriam suficientes, pois a despesa ficaria reduzida apenas em 1,5 por

cento".

Várias causas, no entender do presidente, contribuíram para que o exercício não apresentasse sobras a distribuir. A questão das despesas financeiras seria apenas uma delas, por este item ter superado níveis suportáveis:

— Mas independente de nós há ainda outras coisas, como a inflação, a descapitalização do setor rural, do sistema cooperativista, e a queda do valor real da nossa produção. Em 81 nós conseguimos um preço médio de exportação de soja de 279 dólares a tonelada. Ano passado o valor diminuiu, passando para 232 dólares, o que representa 20 por cento a menos em relação ao valor real da mercadoria.

Para o presidente, o "nosso drama não é apenas um exercício com resultado negativo, porque também os nossos balanços como produtores estão negativos". Junto com o crescimento do custo do dinheiro, que durante o ano alcançou para a Cooperativa uma taxa média de 94,05 por cento, houve a queda do valor dos produtos agrícolas, somada ainda a dupla frustração de safra, com redução nas colheitas, tanto de soja como de trigo. Todo este somatório de coisas teve como reflexo o resultado operacional negativo apresentado pela cooperativa, e analisado no Relatório do Conselho de Administração (veja nas páginas 12 e 13).

PATRIMÔNIO MAIOR QUE O CAPITAL

Na raiz da debilidade financeira da Cooperativa o presidente identifica também a falta de capitalização por parte do produtor dentro de sua instituição. As discussões sobre capitalização são um fato antigo, mas ao longo de todo este tempo não se chegou a um consenso dentro do quadro social, surgindo periodicamente questionamentos sobre este assunto. Os números, porém, mostram que o crescimento da cooperativa se deu sem a participação financeira integral de seus associados. Tanto que o patrimônio da Cotrijui é 13 vezes maior do que o capital integralizado dentro da Cooperativa, somado às correções sobre este capital. O crescimento se deu, então, em cima de dinheiro tomado emprestado, pelo qual hoje se paga os altos custos financeiros.

Atualmente, depois da correção do capital e da reavaliação do patrimônio (veja no relatório do Conselho), para cada Cr\$ 1,00 integralizado e corrigido, há Cr\$ 13,00 de patrimônio (que são os prédios, terrenos, equipamentos, etc). E sobre o valor do capital, que em 31 de dezembro alcançava a cifra de Cr\$ 3 bilhões e 137 mi-

lhões, pouco mais da metade corresponde à integralização direta dos associados (53,68 por cento), enquanto 46,32 por cento é representada por correção monetária acumulada. Enquanto isto, o patrimônio da cooperativa, depois da reavaliação, alcança o valor de Cr\$ 42 bilhões e 225 milhões. Mesmo sem esta reavaliação, o capital integralizado ainda seria menor que o patrimônio da cooperativa.

ADMINISTRAR SEM DINHEIRO

É em função de todos estes números do Balanço, que surge como o grande desafio da administração acabar de uma forma ou de outra com o custo financeiro da Cooperativa, como afirmou Ilgenfritz. Isto o presidente salientou tanto na reunião com os representantes como durante a assembleia:

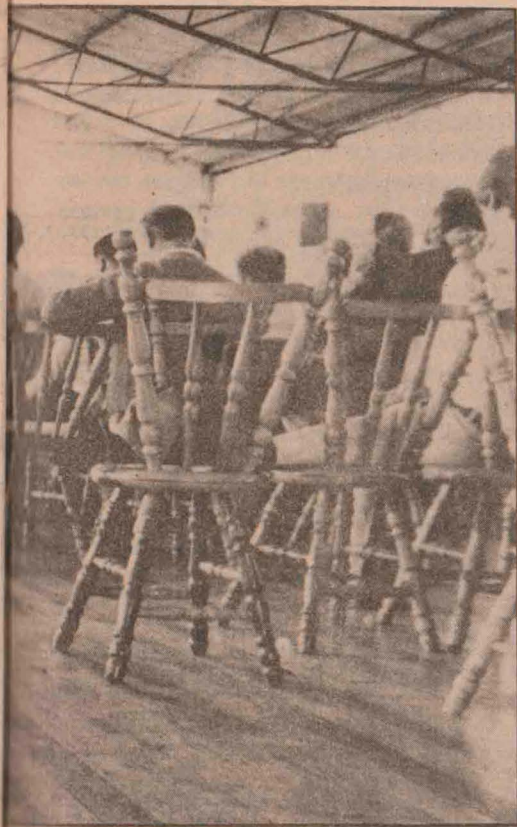
— Administrar com custo financeiro é muito difícil. O mesmo acontece nas nossas lavouras quando a situação vai mal, pois passamos mais tempo no banco atrás de recursos do que dentro da nossa propriedade. Mas se a crise financeira nos causa problemas de um lado, também faz com que passemos a aprender a administrar sem dinheiro. E isto nós estamos conseguindo. Se na crise da Cooperativa em 1966, quando estávamos sem produto e sem dinheiro o produtor recebeu, hoje quando nós estamos com produto não há dúvidas de que esta continua sendo a prioridade.

Já durante a assembleia se tinha a notícia de que através de uma instrução do Banco Central seriam colocados à disposição das cooperativas recursos destinados à capitalização do sistema. A Cotrijui se habilitou a receber este recurso, e teve seu pedido examinado por um grupo de trabalho formado por representantes do Banco Central, do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, do Banco do Brasil e do INCRA. Este grupo estudou todos os pedidos, e liberou para a Cotrijui Cr\$ 8 bilhões, que é o valor calculado como a necessidade da Cooperativa para equilibrar seus compromissos.

AS SOLUÇÕES ENCAMINHADAS

Este recurso é formado por dois por cento dos depósitos existentes nos bancos privados, e vai servir para capitalizar as cooperativas através da integralização antecipada de cotas-partes pelos associados. O financiamento, concedido através da instrução 761 do Banco Central, tem juro de 60 por cento ao ano, com prazo de seis anos para pagar, sendo dois de carência. Os associados assinam uma Nota de Crédito Rural, como adiantamento de integralização de capital. O pagamento do financiamento fica a cargo da cooperativa, e os associados integralizam normalmente seu capital através da retenção sobre a produção comercializada.

Esta foi uma das formas encontradas pela administração para superar as necessidades imediatas de recursos financeiros. Ainda existem os planos de desmobilização de patrimônio, através da venda do terminal marítimo de Rio Grande, em negociação com a Portobrás. As perspectivas de concretização desta idéia são bastante boas, apesar do descompasso entre os valores de avaliação do imóvel. A Cotrijui propôs a venda pelo valor de 45 milhões de dólares; a Portobrás ofereceu Cr\$ 18 milhões; o Banco do Brasil avaliou em 51 milhões de dólares, enquanto a reavaliação feita no patrimônio determinou o valor de 53 milhões de dólares.

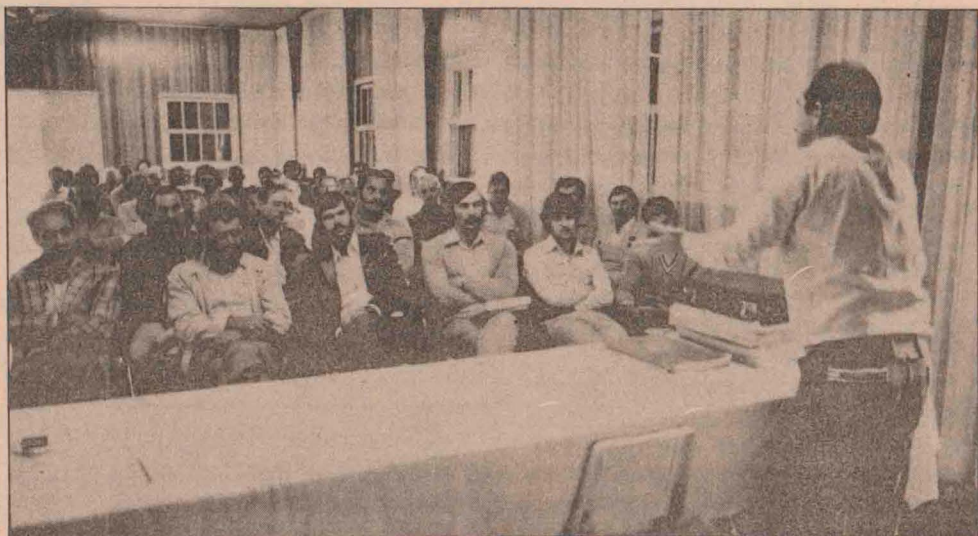


na própria Cooperativa

Os novos Conselheiros

Um dos itens da Assembléia incluía a renovação de dois terços do Conselho Fiscal. A escolha dos novos integrantes do Conselho seguiu o critério de representatividade de cada unidade, como vem sendo estabelecido desde 1979, quando se iniciou a experiência da estrutura do poder. Dois dos seis integrantes permaneceram no Conselho (Rui Raguzzoni, de Dom Pedrito, e Mário Hendges, de Tenente Portela) e as substituições dos outros quatro nomes foi decidida pelos representantes de cada unidade com direito a assento no Conselho Fiscal.

Estes nomes foram apresentados e aprovados pela Assembléia, elegendo como novos conselheiros os associados Paulino Ângelo Rosa, de Chiapetta (que substitui Antoninho Lopes); Aquilino Bavaresco, de Tenente Portela (no lugar de João Teló); Leonides Dallabrida, de Ajuricaba (substituindo Antônio Bandeira); Carlos Alberto Fontana, de Jóia (que entra no lugar de José Carlos Vione).



Os representantes participaram de uma reunião preliminar

UM ANO DIFÍCIL

Findo mais um exercício social, o 25º de existência de nossa cooperativa, e cumprindo determinações estatutárias, estamos novamente à presença dessa assembléia para prestar-lhes os esclarecimentos necessários relativos às nossas atividades econômico-sociais, desenvolvidas no período encerrado em 31 de dezembro de 1982.

Ano extremamente difícil para a economia agro-pecuária, em cujo decurso, direção e associados de nossa cooperativa mantiveram-se em permanente apreensão; a redução dos subsídios à agricultura, o vertiginoso crescimento do custo do dinheiro, a queda dos preços dos principais produtos no mercado internacional, principalmente o complexo soja, aliados à dupla frustração de safras — lavoura de verão e lavoura de inverno — agravaram o endividamento do produtor e trouxeram reflexos negativos no resultado operacional da cooperativa, conforme passaremos a analisar:

SOJA

Produto de maior expressão na Receita da cooperativa, enfrentou, na safra 1.982, talvez a maior frustração de todos os tempos, com a produtividade, em nossa área de influência, atingindo em torno de, apenas, 1.200 kg/hectare. Não obstante esta substancial queda na produção, recebemos de nossos associados, no período, 533.521 toneladas do produto, contra 652.492 toneladas no exercício 1981, correspondendo portanto, a uma redução de 18,3% em relação à safra anterior.

Outro agravante para o complexo soja foram os preços no mercado internacional, que se mantiveram descendentes durante todo o período. Para grãos "in natura" as cotações oscilaram, respectivamente, de 220 dólares por tonelada nos meses de janeiro/março, atingindo o limite máximo do período no mês de maio com 249 dólares a tonelada, para, após este mês, sofrer uma queda permanente fechando em setembro/outubro com a cotação mais baixa dos últimos dez anos — 191 dólares.

O farelo de soja acompanhou a mesma escalada baixista. De 209 dólares a tonelada nos meses de janeiro/março, teve uma leve recuperação no mês de abril, com 214 dólares a tonelada e, a partir de então, iniciou uma escalada descendente, fechando em setembro com 159 dólares a tonelada.

Consequência lógica das baixas cota-

ções de grãos e farelo, também o óleo foi atingido pelo recesso de preços. Em janeiro/março manteve uma cotação média de 397 dólares a tonelada métrica; em maio atingiu a melhor cotação do período com 463 dólares a tonelada, caindo, posteriormente, para 353 dólares no mês de setembro. As principais razões para essa absurda queda nos preços do complexo soja em 1982, segundo observações de técnicos do mercado internacional, foram principalmente:

a) A partir de maio/82 o "USDA" (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) começou a divulgar as previsões de colheita da safra americana de soja e milho e, a cada divulgação, se confirmava a safra recorde que anteriormente era anunciada (soja — produção final: 62 milhões e 500 mil toneladas);

b) As altas taxas de juros, principalmente a americana (prime rate) impossibilitaram os tradicionais compradores a formar estoques e, conseqüentemente, tirou-os do mercado, a médio e longo prazo, fazendo com que viessem a comprar apenas o volume para suprir necessidades imediatas;

c) Essas taxas de juros atraíram os investidores em dólares americanos, cuja moeda atingiu, no ano de 1982, significativas altas em relação às moedas européias, afetando mais uma vez o poder aquisitivo do consumidor europeu.

TRIGO

O entusiasmo pela boa produtividade alcançada na safra de 1981, o bom VBC e a política de preços para 1982, levaram os produtores associados a ampliarem a área de cultivo em nossa região de atuação para 237.900 hectares em 1982, contra apenas 161.200 hectares em 1981. No entanto, as más condições climáticas, com excesso de chuvas durante quase todo o ciclo da lavoura, levaram-na a maior frustração dos últimos anos, com uma produtividade de 400 kg/hectare e, ainda, um produto de baixa qualidade.

Com isto, a produção recebida pela cooperativa atingiu somente 109.359 toneladas, enquanto que em 1981, embora com menor área cultivada com esse cereal, havíamos recebido 134.868 toneladas, com um decréscimo, portanto, de 19% na relação 1982/1981, embora a área cultivada tenha aumentado em 67%.

ARROZ

Embora a sensível queda de produção da lavoura do sequeiro — Região Mato Grosso do Sul —, devido à falta de chuvas no período de floração da planta, graças à excelente produtividade da lavoura irrigada — Região Dom Pedrito — praticamente mantivemos a performance de recebimento da safra anterior, com 61.106 toneladas em 1982, contra 62.299 em 1981.

MILHO

O incremento da produção de suínos e aves vem mantendo em ascensão também a área de cultivo de milho nas regiões de atuação de nossa COTRIJUI, subindo de 105.800 hectares em 1981 para 116.400 hectares no exercício em exame. Com isso, também a produção recebida em 1982 foi superior à do exercício anterior, na proporção de 4%, com 38.450 toneladas no exercício findo, contra 36.792 no período de 1981.

SORGO

A exemplo da soja, foi uma lavoura duplamente atingida pelas intempéries na safra 1982. Das 10.911 toneladas recebidas na safra anterior, atingimos, no período em relato, apenas 7.458 toneladas, com uma redução, portanto, de 32%.

AVEIA

Cultura que até 1981 vinha se mantendo em ascensão, como uma das principais opções para a diversificação da lavoura de inverno, foi em 1982 duramente atingida pelo excesso de chuvas durante todo o seu ciclo. A produção de nossos associados, com isso, caiu de 8.315 toneladas em 1981, para apenas 1.876 toneladas no exercício em estudo.

FORRAGEIRAS

A produção de semente forrageiras vem se destacando como excelente alternativa no programa de diversificação de culturas desenvolvido pela Cooperativa. Embora

— rhodes callid : 1.485 kg
— alfafa crioula : 9.834 kg

Com as forrageiras de estação fria, a situação se assemelhou à lavoura do trigo,

os reflexos negativos do clima adverso podemos considerar como satisfatória a produção de sementes de clima quente, que atingiu os seguintes índices:

— milheto : 158.515 kg
— pensacola : 31.426 kg
— setária kazungula : 5.327 kg
— panico gaton : 3.412 kg
— guenoaro : 3.246 kg

com o clima e as doenças fúngicas contribuindo para a baixa produção, sendo que as aveias foram as mais prejudicadas. Dentre as forrageiras de inverno destacamos a seguinte produção:

— aveias brancas : 47.253 kg
— aveias amarelas : 76.120 kg
— aveia preta : 89.788 kg
— azevém comum RS: 127.575 kg

HORTIGRANJEIROS

Outra opção no programa de diversificação da atividade agrícola, contemplando principalmente a pequena propriedade, o setor de hortigranjeiros vem cumprindo sua função com significativa participação no abastecimento regional, com produto de excelente qualidade. No seu quarto ano de existência, o setor recebe e comercializa hortigranjeiros e produtos afins por cerca de 950 associados. Alho, cebola, ovos, batata, repolhos, milho pipoca, alface, mel e laranja foram os produtos de maior recebimento. Da produção recebida, parte é comercializada nos mercados da cooperativa e os excedentes são transferidos para a Cooperativa Central de Hortigranjeiros Ltda., em Porto Alegre, da qual a COTRIJUI é associada.

PECUÁRIA LEITEIRA

Mantido praticamente o mesmo número de produtores do exercício anterior (3.250 em 1981, para 3.239 em 1982), tivemos, em 1982, um incremento de 5% da produção recebida, com 24.240.450 litros, contra 23.108.250 litros no período anterior.

PECUÁRIA DE CORTE

Embora uma redução no número de abates, 33.302 cabeças no exercício em análise, contra 36.672 no ano anterior, considerados bovinos e ovinos, merece aqui registro especial um fato de significativa importância que, sem dúvida, trará reflexos positivos em exercícios futuros: a adaptação de nosso frigorífico de Dom Pedrito às exigências da DIPOA, visando nossa habilitação ao mercado exportação ao exterior. As obras necessárias foram realizadas no período de entressafra.

LÁ

Os associados grandes produtores se concentram em nossa Regional de Dom Pedrito, principal recebedora do produto. Foram recebidos no exercício em análise 1 milhão e 370 mil quilos, com um acréscimo de 19% em relação ao ano anterior, quando atingimos uma produção de 1 milhão e 153 mil quilos. A totalidade da safra foi entregue à nossa co-irmã, Cooperativa VALURUGUAI, da qual a COTRIJUI é associada, para transformação em TOPS e posterior comercialização.

ABASTECIMENTO E CONSUMO

Atendendo às crescentes solicitações do quadro social, e visando um atendimento em todos os níveis ao produtor associado, este setor vem mantendo permanente expansão. Embora as frustrações das safras no período tenham afetado o poder aquisitivo do produtor, e a mudança de critérios no crédito rural tenha causado uma sensível redução na distribuição de fertilizantes e defensivos, fazendo com que, no encerramento do balanço, apurássemos um estoque de insumos de Cr\$ 1.922 milhões, um volume bastante superior ao planejado, as vendas cresceram relativamente ao período anterior em 123%, índice superior à inflação oficial. Assim, de uma venda de Cr\$ 4.527 milhões, em 1981, atingimos a cifra dos Cr\$ 1.117 milhões no exercício em exame.

INDÚSTRIAS DE ÓLEOS VEGETAIS

Um fato novo ocorreu com nossas indústrias de óleo de soja no exercício em relato. A queda de produção da lavoura de soja, levou nosso Conselho de Administração a decidir pela paralisação temporária de nossa unidade esmagadora de Ijuí, concentrando a disponibilidade de matéria prima para nossa indústria de Rio Grande, de maior capacidade esmagadora e, conseqüentemente de menor custo por tonelada industrializada. Mesmo com a paralisação da indústria de Ijuí, nossa produção de óleo e farelo manteve os mesmos níveis do ano anterior, na proporção de 63.710/63.760 toneladas de óleo e, 226.267/270.655 toneladas de farelo.

EXPORTAÇÃO

Não obstante uma menor disponibilidade de produtos para exportação em 1982, pelos motivos já citados neste relatório (frustração de safras), nossa cooperativa manteve-se no mercado como uma das principais exportadoras de soja e derivados, contribuindo assim, na obtenção de divisas tão necessárias e importantes para a economia do País. No complexo soja e outros produtos de menor expressão foram comercializadas com o exterior 343.047 toneladas, num faturamento total de US\$ 79.801.088,20, com uma média de US\$ 232,62 por tonelada. No exercício anterior, a exportação havia atingido a US\$ 102.055.899,72, para 365.667 toneladas de produtos, com média de US\$ 279,09 por tonelada. O diferencial de preço obtido de 1981 para 1982, de produtos da mesma origem, de US\$ 279,09/ton em 1981, para somente US\$ 232,62/ton em 1982, ratificam as dificuldades de mercado no exercício em exame, já mencionadas neste relatório, correspondendo a uma perda de receita na ordem de 20%.

CORPO SOCIAL

No início do exercício nosso quadro social era integrado por 20.421 associados. No decorrer do período ingressaram 1.226 novos sócios, demitiram-se 326 associados e foram excluídos, de acordo com o artigo 15, letra "b" do Estatuto Social, outros 836 que haviam sido cadastrados quando das incorporações da Cooperativa Pedritense Ltda e Coopemara Ltda mas que jamais compareceram aos escritórios da incorporadora e nunca entregaram qualquer produto.

CAPITAL SOCIAL

No encerramento do exercício o capital integralizado, acrescido da correção monetária, atingia um montante de Cr\$ 3.137.445.932,00 ou seja, 216,7% superior ao saldo de 31.12.81, que era de Cr\$ 990.465.398,00. Do valor registrado em 31.12.82, Cr\$ 1.684.334.575,00 correspondem a integralização direta dos associados (53,68%) e Cr\$ 1.453.111.357,00 à correção monetária acumulada (46,32%).

QUADRO FUNCIONAL

Coerente com a difícil situação financeira que assola as classes empresariais, a cooperativa vem procurando reestruturar constantemente seus diversos departamentos, montando uma nova "estrutura administrativa", do que resultou uma redução de 480 funcionários em seu quadro. No início do exercício o quadro de funcionários era composto por 3.909 empregados e no encerramento do ano em estudo o quadro estava reduzido para 3.429 colaboradores, com uma diferença de 12,3% a menos.

COMUNICAÇÃO E RECURSOS HUMANOS

Continuamos dando uma ênfase toda especial ao desenvolvimento dos recursos humanos em serviço na cooperativa, quer recrutando-os para Concursos Internos, quer fazendo remanejamentos e transferências periódicas e ainda estágios coordenados, treinamentos e/ou cursos, seminários e programa de bolsas de estudo. Nos cursos de treinamento interno houve a participação de 658 funcionários e em cursos externos participaram 67 funcionários.

No que concerne ao setor de comunicação e educação, foi desenvolvido um trabalho integrado com os demais setores da cooperativa, objetivando atuar no sentido econômico, social e político da prática cooperativista, entre os associados e seus familiares, funcionários e direção da COTRIJUI.

Foram realizados, no período, 326 reuniões de núcleos com associados, das quais participaram na Região Pioneira 5.244 associados, 1.304 mulheres associa-

das e 1.188 jovens filhos de associados. Com esposas e filhas de associados da Região Pioneira, foram realizadas 501 reuniões com a participação de 9.747 senhoras e senhoritas. Foram efetuados, também, quatro cursos de corte e costura com 96 participantes.

Com vistas ao futuro do cooperativismo, o setor não descuidou-se também da juventude, realizando 188 palestras nas escolas da Região Pioneira, com a participação de 3.512 alunos. Um total de 174 escolas abrangendo 14.464 alunos participaram do concurso de desenhos e redação alusivo aos 25 anos de fundação da cooperativa. Quanto à colônia de férias na praia de Cassino em Rio Grande, participaram da temporada de verão 81/82, 1.244 veranistas, entre associados e seus dependentes, funcionários e dependentes, estudantes e filhos de associados, estudantes não filhos de associados, professores e outros.

ATIVO FIXO - REAVALIAÇÃO

Os bens que compõem o Ativo Fixo, por força de legislação vigente, são corrigidos monetariamente a cada encerramento de balanço, de acordo com os Índices estabelecidos pelas "ORTNs" (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional). Estes percentuais atingiram em 1981, 95,57%, e em 1982 97,76%. As avaliações assim realizadas, principalmente quando se trata de terrenos e prédios, apresentam um valor final muito aquém da realidade, prejudicando uma análise da verdadeira situação patrimonial da empresa. Embora, repetimos, seja este um procedimento legal de se avaliar bens, sabemos que o custo de aquisição, reposição e/ou aquisição de um imóvel depende de vários outros fatores, como: sua localização, lei da oferta e da procura, comportamento do mercado imobiliário, grau de utilidade, estado de conservação e manutenção do bem e outros mais. Assim sendo, e visando apurar com maior precisão a real situação econômica e patrimonial de nossa cooperativa, decidiu o Conselho de Administração mandar proceder uma avaliação de seus principais imóveis, contratando, para este fim, a "Câmara de Valores Imobiliários do Rio Grande do Sul", em-

presa especializada no ramo, com larga folha de serviços do gênero prestados aos mais diversos setores empresariais, públicos, privados e autárquicos, inclusive de outros estados da Federação.

Esta avaliação contemplou as Unidades armazenadoras e respectivos terrenos da Região Pioneira, prédios da Indústria de óleos e de Rações em Ijuí, prédios e terrenos da Administração Central, Central de Abastecimento, da COTRIDATA, do Hospital Bom Pastor, da AFUCOTRI, demais Unidades armazenadoras e respectivos terrenos da Região Pioneira, do Mato Grosso do Sul e Dom Pedrito, inclusive o prédio sede desta última Região, os prédios do Frigorífico e Depósito de Lãs, ficando excluídas nestas três regiões, as máquinas e equipamentos. Em Rio Grande foram procedidas as avaliações de todo o patrimônio, inclusive de máquinas e equipamentos. O valor agregado a esses bens, resultantes dessa avaliação, montou Cr\$ 35.190.253.069,58, cuja contrapartida contábil se encontra registrada em nosso balanço na rubrica "Avaliação do Ativo Imobilizado", grupo "Reservas de Capital".

PATRIMÔNIO LÍQUIDO

Com a avaliação procedida, o patrimônio líquido da cooperativa, formado pelo capital integralizado, reserva de sobras e reserva de capital, teve uma sensível melhora, espelhando com maior fidelidade, como já citamos nesse relatório, a situação patrimonial de nossa COTRIJUI. Já absorvido o resultado negativo do exercício, apresentamos um patrimônio líquido de Cr\$ 42.255.268.310,57, enquanto que, em 31.12.81, registramos um saldo de Cr\$ 4.001.431.359,31, com um acréscimo de 956%.

RESULTADO DO EXERCÍCIO

As sucessivas frustrações de safras ocorridas a partir de 1978, e com ênfase especial a de 1982, e os baixos preços obtidos pelos produtos no mercado internacional, têm aumentado progressivamente a descapitalização do produtor associado. Este, por sua vez, necessita sempre de mais recursos para custear suas atividades. Os financiamentos agrícolas tendem a se reduzir a cada novo plantio. Volta a cooperativa a socorrer o associado com a complementação do crédito necessário, através do fornecimento de insumos em valor superior às disponibilidades de financiamentos subsidiados. Investimentos realizados que, embora justificados quando de sua projeção, as sucessivas mudanças da política agrícola e o surgimento de estruturas paralelas tornaram, algumas delas, ociosas e, por conseguinte, anti-econômicas. O baixíssimo índice de capitalização própria e a indisponibilidade de recursos a longo prazo a custos compatíveis, têm agravado em índices preocupantes o grau de endividamento a curto prazo de nossa cooperativa. Se examinarmos nosso balanço vamos verificar que para um ativo circulante de curto prazo, formado por nossas disponibilidades financeiras por contas a receber de associados e de clientes e por estoque de mercadorias e produtos, montando Cr\$. . .

23.580 milhões, temos, igualmente, um Passivo Circulante de curto prazo para ser cumprido dentro do exercício, e formado por contas a pagar a associados e terceiros, financiamentos, obrigações sociais tributárias e fornecedores, num valor total de Cr\$ 35.400 milhões.

RESUMINDO

contas a realizar - curto prazo. Cr\$ 23.850
contas a pagar - curto prazo. Cr\$ 35.400
capital de giro negativo. (Cr\$ 11.550)

Para suportar esse capital negativo e para manter as contas ativo-circulante, já que o capital próprio, como já citamos, é insuficiente para a cobertura ao próprio ativo imobilizado, a Cooperativa, durante o exercício, recorre sistematicamente a obtenção de novos financiamentos para quitação de dívida anterior. Foram captados, no período Cr\$ 38.398 milhões, representando 38,10% as captações a juros de crédito rural, e os demais 61,90% a juros de mercado, somando, ao todo, uma taxa média anual de 94,05%.

Somente esse alto custo do dinheiro foi responsável pelo dispêndio de 20,88% da Receita global do exercício, conforme abaixo, em Cr\$ 1 milhão.

Receita Global	Cr\$ 71.308
Despesa Total	Cr\$ 27.737
Contas:	Desp. Total % s/Desp. % s/Rec.
Desp. Financ.	14.894 53,69 20,88
Impostos.	4.371 15,76 6,13
Salários	2.281 8,22 3,20
Frete	1.460 5,26 2,05
Outros.	4.731 17,07 6,64
	27.737 100,00 38,90

Para um setor reconhecidamente de baixa rentabilidade, como a atividade agro-pastoril, é impraticável o repasse do total de custos dessa ordem sobre os produtos comercializados. Daí, justifica-se o resultado negativo apresentado, Cr\$ 1.102.307.032,74, que propomos a essa Assembléia seja mantido em "suspensão" para recuperação com resultados de futuras alienações de bens do Ativo Fixo.

DESMOBILIZAÇÕES - CAPITALIZAÇÃO

Estamos convictos de que a atual situação não pode perdurar. Medidas saneadoras já estão sendo providenciadas, visando fortalecer nosso capital de giro. Reestruturação administrativa, visando uma administração por objetivos baseada em orçamento-programa; reestudo do relacionamento cooperativa-associado, com avaliação dos benefícios e serviços prestados a recíproca entrega de produtos entrega de produtos; revisão da política de concessão e recuperação de créditos junto a associados e terceiros; reestudo da performance de empresa cooligadas e, principalmente:

- a) desmobilização, quando possível, de bens do Ativo Fixo considerados ociosos e que não venham afetar a prestação de serviços aos associados;
- b) busca de maior capitalização do associado na cooperativa, quer seja diretamente, ou através da obtenção de financiamento específico, com restituição a longo prazo, e a juro de crédito rural;
- c) transformação de financiamentos de "curto" para "longo" prazo, buscando aliviar a pressão sobre o fluxo de caixa;

Estas se constituem em providências já tomadas pelo Conselho de Administração, cujo desfecho deverá ocorrer durante o exercício de 1.983.

CONCLUSÃO

Decorridos os primeiros vinte e cinco anos de existência de nossa Organização Cooperativa e, de forma especial, do ocorrido a partir de maio de 1966, quando juntamente com o inesquecível Presidente Luiz Fogliatto, ingressamos na administração da COTRIJUI; já se vão decorridos dezesseis anos em que a nossa Cooperativa deixou de ser uma cooperativa de ação regional para ser uma de âmbito estadual e nacional, atuando hoje, além da Região Pioneira (no-este do Estado do Rio Grande do Sul), em Dom Pedrito (Sudeste do Rio Grande do Sul) e Mato Grosso do Sul (centro-sul do Mato Grosso do Sul). Ao longo dessa caminhada, granelizamos a produção, descentralizamos o atendimento do quadro social, construímos indústrias, incorporamos algumas co-irmãs, chegando até a construir instalações infra-estruturais que vão muito além do simples atendimento de nosso corpo social para o atendimento da comunidade estadual, como foi a construção do Terminal Graneliro "Luiz Fogliatto", no Porto de Rio Grande.

De forma especial nesses últimos seis anos, com a incorporação da Cooperativa Pedritense de Carnes, e posteriormente da Cooperativa Mista Maracajú, não só cresceu o número de associados como também determinou a necessidade de novos investimentos de ativo fixo e de recursos humanos, capazes de proporcionar uma administração que seja eficiente, mas também profundamente solidária com os interesses do quadro social. Sem dúvida, nestes últimos anos, temos tido limitações em compatibilizar esses objetivos, seja tanto pela política econômica global, como pelas condições

climáticas adversas, não encontrando resultados que nos assegurem tranquilidade em relação ao nosso futuro. Agora, quando já vislumbramos as medidas que nos libertarão dos elevados compromissos financeiros que nos corroem e nos debilitam, seja pela transformação do endividamento de curto para longo prazo, seja pela desmobilização de parte de nosso consistente ativo fixo (Venda do Terminal Graneliro), entendemos ser imprescindível a análise da realidade de nossa cooperativa dentro de um enfoque de sua eficiência empresarial comprometida com os interesses do quadro social. Como Conselheiros e Dirigentes, a exemplo do que ocorreu ao longo dos 25 anos de existência da COTRIJUI, não nos acabe simplesmente o lamento, mas sim o posicionamento claro e objetivo. Assim, quando encerramos esse Relatório, desejamos propor ao nosso quadro social a revisão da estrutura institucional da nossa COTRIJUI, sugerindo, para efeito de discussão e posicionamento dos associados, o desmembramento da COTRIJUI em três Cooperativas singulares, representadas pela Região Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul, e agrupadas através de uma Cooperativa de 2º grau. Os anos de vivência nos mostram que certamente o melhor tamanho de uma Cooperativa é aquele que assegura a efetiva participação do produtor associado nas decisões de sua casa.

Aos associados nossa gratidão pela confiança com que somos distinguidos, e aos nossos funcionários o reconhecimento pela dedicação e empenho sempre demonstrados.

CONSELHO ADMINISTRATIVO

RECUPERAR OS BARRANCOS PARA MELHORAR AS ESTRADAS

A idéia da conservação dos barrancos das estradas do interior de Ijuí, através da implantação de cobertura vegetal, já existia há muito tempo. Porém, somente depois de algumas reuniões sobre conservação de solos, organizadas pelo Departamento Técnico da Cotrijuí, e das quais participaram alguns agricultores e mais o pessoal ligado à Secretaria Municipal de Obras, foi que ela começou a sair do papel e se encaminhar para o lado prático. "Na verdade o que existe de concreto até o momento", esclarece o Rivaldo Dhein, agrônomo e coordenador da área de solos do Departamento Técnico da Cotrijuí, "é a intenção, tanto da Cooperativa como da Prefeitura Municipal, através de um trabalho conjunto, recuperar as beiras de estradas com plantio de vegetação. Se ainda não iniciamos os trabalhos, foi porque as chuvas não

permitiram".

Das conversas entre o pessoal do Departamento Técnico da Cotrijuí e o Secretário Municipal de Obras, Jorge Falkembach, ficou acertado que, aos poucos e num tempo indeterminado, será feito um trabalho de recuperação das estradas interioranas, que somam hoje em torno de 1.200 quilômetros de extensão. Para que tudo não ficasse apenas na idéia, o pessoal traçou os primeiros trechos a serem recuperados. Os trabalhos vão começar num trecho que vai do asfalto até o depósito de lixo do município, ali na Linha 6 Oeste. Em seguida, o pessoal vai trabalhar o trecho de acesso a Vila Mauá e o trecho de Dr. Bozano a Santa Lúcia.

AS TAREFAS

Como o trabalho será desenvolvido em conjunto entre Prefeitura Municipal e Cotrijuí, com a

participação dos agricultores, as tarefas ficaram divididas. O Departamento Técnico ficou com a responsabilidade de desenvolver um trabalho de conscientização entre os agricultores, mostrando as vantagens de manter os barrancos e beiras de estradas sempre com cobertura vegetal. Todo o trabalho de conscientização será desenvolvido através de reuniões pelo interior do município. "Os agricultores precisam deixar de lado a idéia de que os barrancos e beiras de estradas devem ser capinados. Quanto mais o solo ficar descoberto, mais a terra vai descer para as estradas e mais valetas serão abertas", diz o Rivaldo. Ainda será tarefa do Departamento Técnico o fornecimento das mudas e a orientação e assistência durante o plantio das gramíneas. A conservação ficará a cargo dos agricultores que tiverem propriedades perto destas estradas.

A Prefeitura Municipal, encarregada de fazer todo o trabalho de movimentação de terras, para adequar melhor o leito das estradas, entraria com as máquinas e mais alguns operários para auxiliar no plantio das mudas.

USO INADEQUADO

Segundo o Secretário Municipal de Obras, Jorge Falkembach, o problema das estradas do interior do município só será resolvido a partir da correção do perfil do seu leito, "sempre dando uma inclinação maior para o lado dos barrancos e sarjetas". As estradas sofrerão um pequeno abaulamento, para permitir que as águas das chuvas escurram mais rapidamente para as sarjetas,

que estarão devidamente recobertas por vegetação. Os bueiros, segundo o Jorge Falkembach, também receberão uma atenção especial, "com um trabalho preventivo de entupimento", para que não se transformem em verdadeiras calhas dos terraços arrebatados nas lavouras.

Todo o trabalho de recuperação destas estradas, segundo o Jorge, só será incrementado mesmo a partir do momento em que os próprios agricultores, "os beneficiados com estas agrovias", participarem e colaborarem na solução de seus problemas, causados em 80 por cento dos casos pelo uso inadequado das vias de acesso. "As estradas se tornam intransitáveis a cada chuva devido ao tráfego de cargas pesadas em cima do leito barroso, agravado ainda mais pela ausência de cobertura vegetal nos barrancos. Os terraços descem das lavouras e transformam os bueiros em verdadeiras calhas de terras".

Mesmo que a Prefeitura Municipal e a Cotrijuí não consigam recuperar os 1.235 quilômetros de estradas interioranas, o pouco que se faça já é bastante para o município, segundo o Jorge. "Vai haver uma significativa redução nos custos com a recuperação e conservação das estradas, que então poderão receber maior atenção por parte da Prefeitura".

Recuperados os leitos das estradas, e implantadas as gramíneas, o trabalho passa para os cuidados dos agricultores, que serão os responsáveis pela conservação dos bueiros, dos leitos e da cobertura vegetal.

TRABALHO PARA SER VISTO

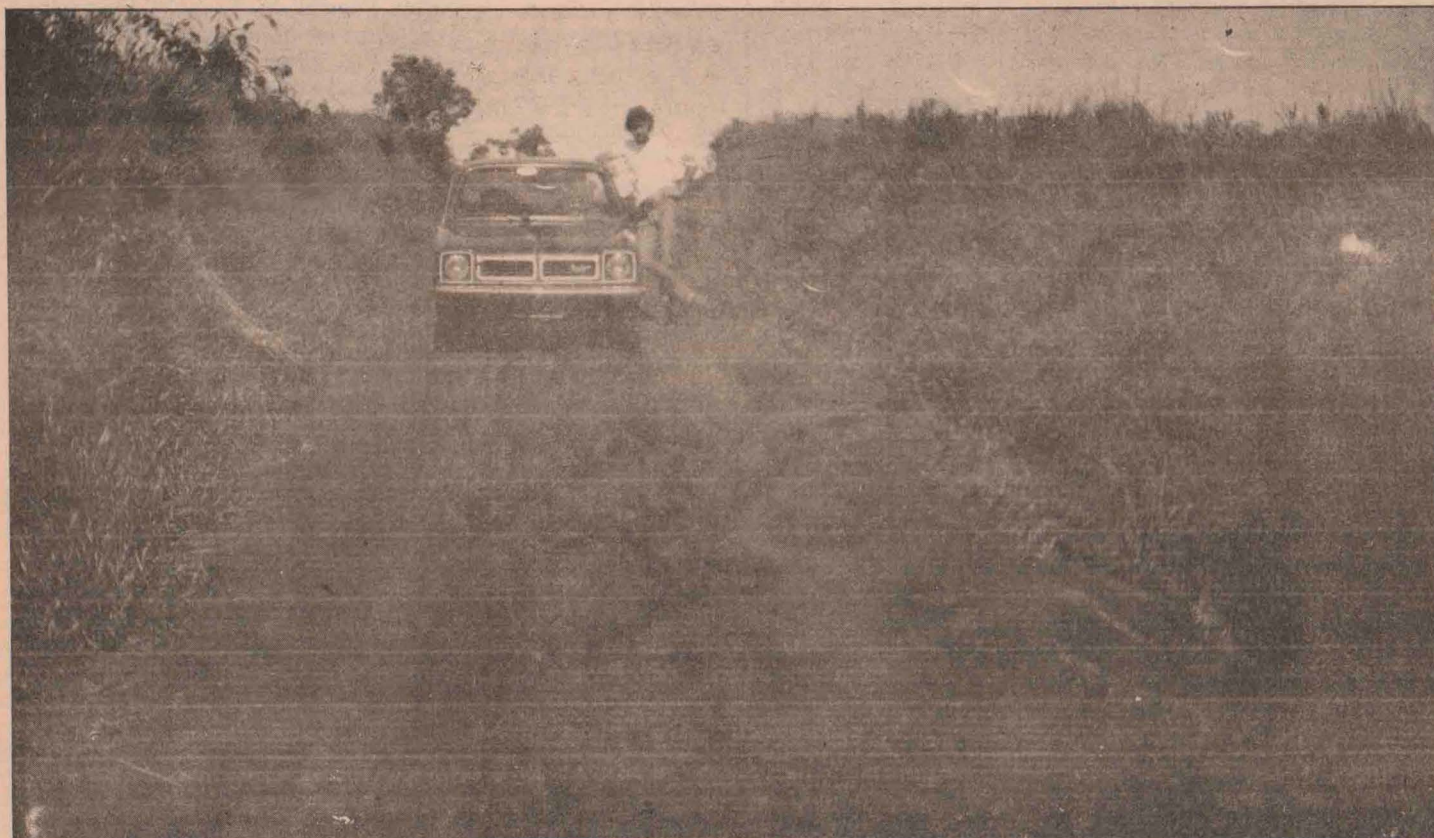
Recuperar barrancos de estradas com cobertura vegetal não chega a ser nenhuma novidade pelo interior de Ijuí. Alguns agricultores, como o seu Vitório Buratti, seu Graciano Dalla Rosa e seu Luiz Maraschini, todos da Colônia Santo Antônio, aproveitando uma folga da lavoura, se deram ao trabalho de plantar mudas de gramíneas nos barrancos das estradas que passam em frente de suas propriedades. "Apesar de não ter sido feito nenhuma movimentação na terra para o plantio das mudas, como é recomendado, e nenhum trabalho de recuperação das valetas, as estradas estão bem protegidas e não existe o risco das terras das lavouras descenderem para os leitos das estradas toda vez que chove", comenta o Rivaldo. Estes trabalhos, segundo o agrônomo mereciam uma visita por parte dos demais produtores, "para se certificarem de perto, da validade da introdução de gramíneas nos barrancos".



Rivaldo Dhein: capina de lado



Jorge Falkembach: redução nos custos



O trabalho de um grupo de agricultores na Colônia Santo Antônio pode servir de exemplo

Feira em Augusto Pestana integra toda comunidade

Uma integração total entre agricultura, comércio e indústria foi mostrada pela comunidade de Augusto Pestana durante uma Feira que marcou a Semana do aniversário de emancipação do município. A data de 14 de maio marcara os 17 anos de instalação oficial de Augusto Pestana, mas as festividades aconteceram durante toda semana anterior. Torneios de futebol de salão, um festival de valores artísticos e culturais, a apresentação de uma peça teatral ("Cadeiras Proibidas", de Inácio de Loyola Brandão, com o grupo Abrindo Brecha, de Ijuí), fizeram parte da programação, encerrada exatamente com uma Feira, onde toda produção agropecuária do município e mais a indústria e o comércio estavam em ex-

posição.

Se não fosse a chuva, toda programação poderia ser cumprida. O mau tempo, porém, impediu a realização de palestras e prejudicou também o torneio de futebol e a própria Feira, que inicialmente deveria ter acontecido durante o final de semana, dias 14 e 15, mas teve seu encerramento antecipado em função das fortes chuvas.

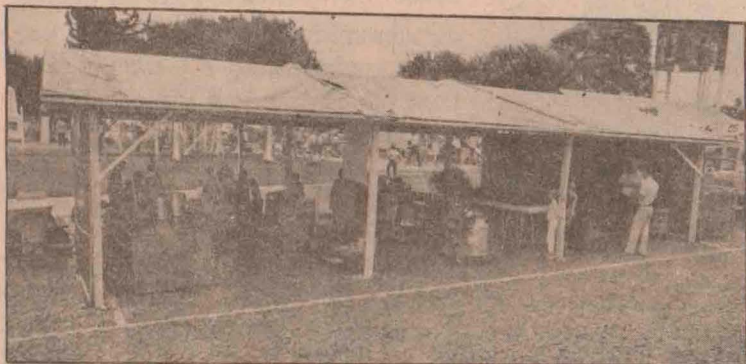
APOIO DA COMUNIDADE

Como o sábado, porém, até o meio da tarde foi de um dia bonito, a Feira esteve montada mostrando a produção de Augusto Pestana. A iniciativa da Feira partiu da Associação dos Apicultores, interessados em divulgar a produção melífera do município, e logo recebeu apoio de toda co-

munidade. Tanto que a Feira foi organizada em conjunto pela Prefeitura, Cooperativa, Sindicato de Trabalhadores Rurais, comunidades Católica e Evangélica, e mais o comércio e indústria, que deslocaram para a praça suas atividades.

Foram montados 51 estandes, com mostra de artesanato, produção agropecuária, produtos de comércio e indústria em geral. No estande da Cotrijuí foram expostos os trabalhos dos núcleos de senhoras e filhas de associados (tricô, crochê, pintura em tecido, etc), produtos comercializados nas lojas e mercados, produtos industriais (óleo de soja, ração, arroz) fabricados pela Cotrijuí e ainda os trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Treinamento da Cooperativa, que fica exatamente em Augusto Pestana. Ali foram apresentados os trabalhos de criação de galinha caipira, de piscicultura e de plantio de pastagens, como uma amostra do que vem sendo feito no CTC.

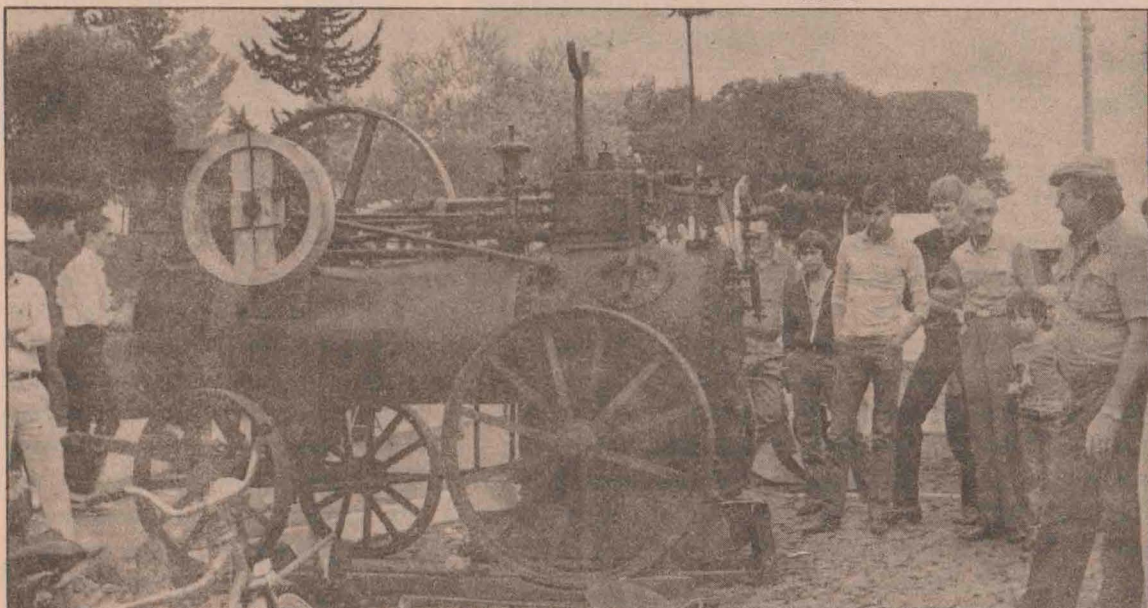
Mas o que chamou mais a atenção dos visitantes foi uma máquina a vapor usada há alguns anos atrás pelo seu Biágio Menegol numa serraria da família. A máquina, fabricada na Alemanha em 1907, foi ajeitada pelo seu Menegol especialmente para a Feira. Ele pôs a máquina a funcionar, aquecendo a caldeira com lenha, e até o apito ainda se mostrou em perfeitas condições. Em torno do equipamento o pessoal se reuniu e admirou o sistema de funcionamento, deixado de lado pelo seu Menegol há oito anos, quando a energia elétrica chegou na propriedade.



A Cotrijuí participou da Feira e montou um estande. . .



. . . destacando a produção e o trabalho dos núcleos



A maior atração foi uma máquina a vapor trazida por seu Biágio Menegol

Inscrições na Unimed

O plano Cooperativo de Saúde Cotrijuí-Unimed vai permitir a inclusão de novos beneficiários associados da Cotrijuí que ainda não participam do convênio de assistência médica e hospitalar. Quem ainda não é inscrito no plano, mas deseja começar a usufruir dos serviços de assistência, deve comparecer no período de 1º a 30 de julho nas unidades da Cotrijuí na Região Pioneira e fazer sua inscrição. O convênio, firmado no início do ano, tem prazo de validade até o final de 1983 e, por esta razão, as desistências somente poderão ser feitas quando acabar este contrato, no mês de dezembro. As inclusões, entretanto, são ainda admitidas através de inscrições, dentro do período estabelecido.

O convênio entre Cotrijuí e Unimed estabelece dois planos de assistência, diferenciados pela cobertura maior ou menor dos atendimentos. O plano de Pequeno Risco oferece apenas consultas médicas e exames complementares, sem incluir assistência hospitalar. O custo de inscrição, será reajustado com base no INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) do mês de julho (atualmente ele é de Cr\$ 1.100,00 por pessoa). O fator moderador estabelecido para consultas, e as taxas de participação são variáveis, de acordo com a tabela abaixo.

OS ATENDIMENTOS

O plano de Grande Risco oferece assistência médica, exames de laboratório e atendimento hospitalar. Ele dá o direito do usuário escolher os hospitais, médicos e laboratórios de sua confiança em 20 municípios da área de ação da Unimed. Os atendimentos oferecidos por este plano são os seguintes: — Consultas com todos os médicos da área de ação da Cotrijuí na Região Pioneira, num total de 82 profissionais, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área; — Exames de laboratório

em 11 estabelecimentos;

— Exames especializados: eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcópias, endoscopias, exames anatomopatológicos, etc;

— Fisioterapia;

— Exames de Raio-X;

— Atendimento de urgência diretamente nos pronto-socorros;

— Pequenas intervenções cirúrgicas realizadas nos consultórios médicos ou ambulatorios hospitalares;

— Hospitalizações em quartos semi-privativos ou privativos, englobando todas as áreas médicas: clínica médica, cirurgia e obstetrícia (partos e cesarianas);

— Medicamentos hospitalares;

Os beneficiários do INAMPS poderão solicitar internação em quartos hospitalares de primeira classe quando a baixa for autorizada pela Previdência, isto em qualquer hospital da área de ação da Unimed. A cobertura do pagamento das diferenças fica por conta da Unimed.

O plano de grande risco ainda admite a assistência fora da área de ação da Unimed/Ijuí, desde que exista o pedido do médico assistente e autorização expressa da Cotrijuí para a utilização de assistência médica e hospitalar em centros maiores (como Santa Maria e Porto Alegre). Esta assistência é considerada dentro da modalidade de serviços prestados, onde o usuário paga apenas o custo da tabela dos serviços utilizados nas outras Unimeds. Esta tabela representa, em média, 40 por cento dos custos das tabelas particulares.

A taxa de inscrição neste plano antes do reajuste é de Cr\$ 300,00 por pessoa. O custo mensal para o segundo semestre do ano, será reajustado, pelo índice do INPC de julho. Atualmente ele obedece o seguinte: Até 3 pessoas — Cr\$ 2.500,00 por pessoa; De 4 a 6 pessoas — Cr\$ 1.850,00 por pessoa; A partir de 7 pessoas — Cr\$ 1.700 por pessoa.

Fator moderador nas consultas e participação nos exames*		
CLASSE	FATOR MODERADOR	PART. EXAMES
A (Empregado Rural)	350,00	10%
B (Pequeno Produtor)	390,00	30%
C (Empregador Rural)	2.000,00	50%

*Os valores serão reajustados para o segundo semestre.

Feira do terneiro: mais compradores do que animais

Os 58 compradores inscritos na Feira do Terneiro de Ijuí e com pretensão de compra para 7.915 animais, terão de se contentar com o pouco mais de 900 terneiros que estarão à venda nos dias 6, 7 e 8 de junho, no Parque de Exposições "Assis Brasil". Os leilões serão realizados no dia 7.

O Valdir Groff, Inspetor Zootécnico da Secretaria da Agricultura e que atua junto ao Departamento Técnico da Cotrijuí, é um dos organizadores da Feira. Ele justifica esta diferença entre o número de terneiros inscritos na Feira e a pretensão de compra, dizendo que uma das causas é o grande número de Feiras (34) que são realizadas durante todo o ano no Estado. "Outro agravante é o fato da nossa região se caracterizar como terminadora de terneiros, e não como criadora. Sendo assim, sempre vamos ficar na dependência de que os terneiros venham de outros municípios". Como o deslocamento destes animais envolve custos com fretes, seus proprietários preferem vendê-los perto de casa.

A indefinição das linhas de crédito por ocasião das inscrições, e mesmo o período de inscrição (que antecede a realização das Feiras em

mais de mês), contribui de forma acentuada para que as Feiras recebam um número reduzido de animais. "Março, o mês que encerra o prazo de inscrição, é um período em que o produtor ainda não está organizado e nem pensa em vender algum animal." Por outro lado, o Valdir diz que é preciso deixar esse espaço de tempo para que as Feiras possam ser melhor estruturadas.

LOTES DE 20 TERNEIROS

Neste ano todas as Feiras, as já realizadas e as que ainda estão por acontecer, estão apresentando

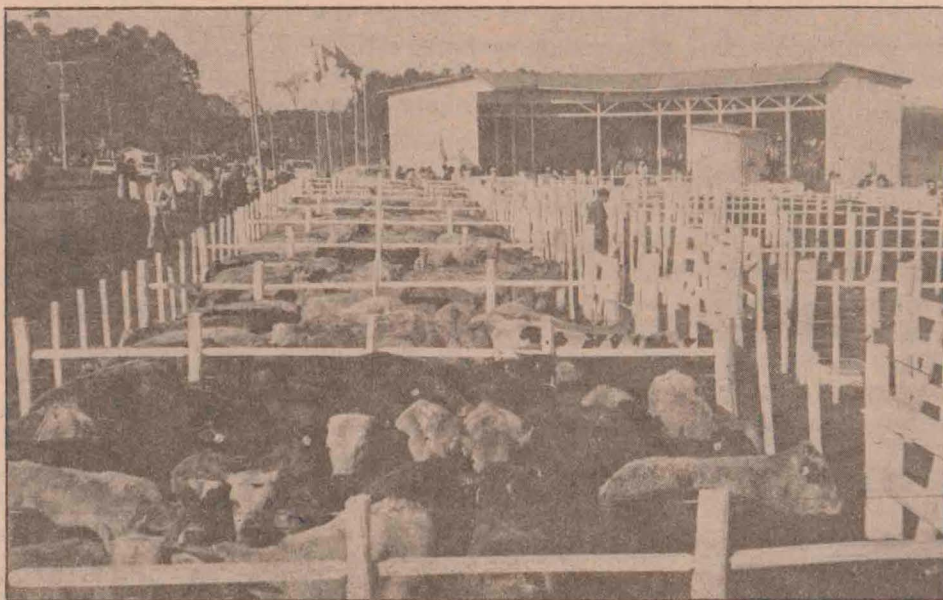
uma novidade: os lotes de animais estão comportando no máximo 20 terneiros, cada um. "Essa decisão foi tomada visando atingir também o pequeno produtor, que terá mais condições de participar dos leilões".

Embora as Feiras de Terneiros realizadas em Ijuí não venham alcançando os resultados esperados, com um número de animais inscritos sempre abaixo da pretensão de compra, o Valdir continua achando que a Feira é viável para a região. "Vivemos numa região com características de diversificação, e sempre

vai existir algum animal na propriedade. Por outro lado, a Feira contribui para que estes produtores não caiam fora do sistema. Gado de corte ou de leite sempre gera um recurso a mais na propriedade".

Todo o programa de Feiras realizado no Estado vem sendo financiado pelos bancos Sulbrasileiro e Banrisul, com 60 por cento de juros e dois anos de prazo para pagamento do financiamento.

Pela linha de crédito do Banco Sulbrasileiro, está sendo financiado Cr\$ 175,00 por quilo de animal adquirido na Feira. "Mas o produtor precisa ficar alerta para o fato de que serão financiados no máximo Cr\$ 35 mil por terneiro. Se o preço do animal ultrapassar essa quantia, o comprador terá que cobrir o restante com recursos próprios", explica o Valdir. Dentro desta linha de crédito, os grandes produtores receberão 50 por cento do financiamento, os médios 70 e os pequenos, 100 por cento. "A concessão do financiamento vai depender também de um contato direto entre o comprador e o Banco, também encarregado de prestar todo o tipo de orientação na hora da compra de animais durante a Feira", diz o Valdir.



A intenção de compra é muito maior do que a oferta

Mostra de produtos coloniais no aniversário da Cotrijuí

Mostrar que a mesa do produtor ainda é farta, e que no meio rural se produz muito mais do que simplesmente trigo e soja como passa pela idéia de muita gente da cidade, é mais uma vez a intenção do pessoal que anda envolvido com a Feira de Produtos Coloniais de Ijuí, que este ano marca os 26 anos da Cotrijuí. A Feira, a exemplo da que aconteceu no ano passado, será realizada no dia 20 de julho.

A idéia de mostrar o que se produz na colônia nasceu em 1982, por ocasião do 25 anos da Cotrijuí. O produtor aproveitou a oportunidade e trouxe para a cidade desde salames, schmier, natas, queijos, doces, compotas, cucas, "copas" e muitas frutas para vender diretamente ao consumidor sem nenhuma intermediação. A experiência alcançou tanto sucesso, que para a Feira dos 26 Anos o pessoal da Comissão organizadora começou cedo a se movimentar pelo interior, buscando a participação e colaboração de toda a comunidade. A Comissão organizadora da Feira, é formada

por representantes de 10 Núcleos Cooperativos de Senhoras e Filhas de Associados, e mais o pessoal do departamento de Comunicação e Educação da Unidade de Ijuí.

PRIMEIRAS DEFINIÇÕES

Colocação e número de estantes suficientes para abrigar os produtos, tipos de produtos, quantidade, preços, foram alguns dos muitos assuntos levantados durante a primeira reunião de preparação da Feira dos 26 Anos. A reunião, que contou com a participação da maioria dos integrantes da Comissão, aconteceu em Ijuí, no dia 13 de maio, e foi bastante rápida, pois o pessoal tinha muito mais a fazer em seus núcleos do que conversar.

Entre as prioridades, o pessoal resolveu deixar definido os locais para a colocação das tendas, que este ano ocuparão as calçadas da frente da lancheria e do mercado. Decidiram ainda que produtos muito perecíveis, que estragam com facilidade, não deverão ser trazidos, para evitar perdas. Produtos mais co-



Os preparativos da Feira são responsabilidade dos núcleos

mun, como frutas, deverão ser expostos em pequenas quantidades para evitar as sobras. Demais produtos a serem expostos na Feira ficam por conta da criatividade e da idéia de cada núcleo.

Outro assunto discutido pelo pessoal, mas sem definição, foi a questão dos preços e serem cobrados por produtos hortigranjeiros e frutas. A definição dos preços só ficará acertada depois que o pessoal fizer um levantamento de preços e calcular uma média do valor pago ao produtor e ao consumidor. Outros produtos, como queijos, melados, doces, compotas, vassouras, toalhas de crochê, terão os preços fixados de acordo com o seu custo.

A novidade deste ano será uma

tenda exposição da Cotrijuí, onde os visitantes e mesmo os produtores terão uma mostra de todas as atividades que a Cooperativa desenvolve à nível de produtores, principalmente na área de diversificação.

Uma nova reunião para tratar do assunto "Feira dos 26 Anos", ficou marcada para o dia 30 de junho, quando o pessoal terá definido a quantidade e o número de produtos a serem expostos em cada estande, bem como o número de produtores que participarão da Feira. Os últimos acertos da Feira serão discutidos na reunião do dia 11 de julho. Neste dia, o pessoal pretende definir os preços dos produtos e acertar algum detalhe que tenha ficado para trás.

Uma viagem para aprender a lidar com o cártamo

A cultura do cártamo deixou de ter grandes mistérios para o agrônomo Carlos Pittol, responsável pela área de experimentos da Cotrijuí em Maracajú, no Mato Grosso do Sul. Ele passou três meses no México — de fevereiro a maio — visitando lavouras e centros de pesquisa, numa viagem de estudos patrocinada pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). Seu objetivo era exatamente conhecer melhor o cártamo, que já está sendo observado há dois anos pela Cotrijuí no Mato Grosso do Sul, como alternativa de cultura para a região no período do inverno.

No México ele pode acompanhar todo trabalho desenvolvido pelo INIA (Instituto Nacional de Investigaciones Agrícolas), em quatro centros regionais de pesquisa, onde se desenvolvem diferentes sistemas de cultivo. Numa das regiões, no Norte do País, junto ao litoral do Golfo do México, ele encontrou condições de clima muito semelhantes às do Mato Grosso do Sul. Naquela região, o cártamo é cultivado em cima da resteva da soja, como única lavoura de inverno. Ali ele tomou contato com o sistema de cultivo, tratamentos culturais e inclusive cruzamentos de cártamo, para a produção de melhores variedades.

ALTERNATIVA PARA O TRIGO

O México é o maior produtor mundial desta oleaginosa, utilizada na produção de azeite, sabões, margarina, etc. O cártamo é a segunda lavoura de expressão no período de inverno, cultivada em áreas onde o trigo não apresenta boas condições de desenvolvimento. A cultura é também uma alternativa dos produtores mexicanos quando fica muito tarde para o plantio do trigo, ou então quando existe pouca umidade no solo para a implantação desta lavoura. Diz o Carlos:

— Eles realmente arriscam plantando o cártamo. É que a lavoura é muito barata, exigindo pouca semente e adubo. Como é cultivada em regiões de pouca umidade, o adubo também não responde muito, e eles aproveitam os resíduos de adubação da cultura anterior. Existindo alguma frustração, os prejuízos são pequenos, pois não houve grande investimento.

Mas as frustrações no cártamo não são muito comuns. O último problema na cultura tinha ocorrido há oito anos atrás. Agora, nesta safra, voltaram a ocorrer problemas, com instabilidades climáticas atrapalhando o plantio e o desenvolvimento da lavoura, que tem um ciclo bas-



Pittol: três meses no México

tante longo. No Norte, onde o clima é mais semelhante ao do Mato Grosso do Sul, com temperaturas mais elevadas, o ciclo do cártamo é, em média, de 140 dias. Em outras regiões, porém, pode chegar a mais de 180 dias.

Com aquilo que pode ver e aprender no México, o Pittol, inicialmente vai tratar de selecionar variedades mais adaptadas para cultivo no Mato Grosso. Uma segunda etapa do trabalho deverá envolver o melhoramento das variedades, através de cruzamentos, e ainda investigação sobre melhores tecnologias para a região, envolvendo épocas de plantio, espaçamento, preparo do solo e semeadura.



Um dos sistemas de plantio pode ser adaptado ao Mato Grosso do Sul

Abóbora de não pôr defeito

Não é por nada que o seu Aldino Scheve, da Linha Iracema (Chiapetta) anda colhendo abóboras como esta: peso de 33 quilos e comprimento de 1,35 metros. Ele deu um tratamento especial para uma área de 1,5 hectares da propriedade, incorporando tremoço no solo. Ele plantou milho e abóbora, conseguindo bons resultados na produção, tanto que produziu várias outras abóboras do mesmo porte.



**COTRIEXPORT —
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.**

INVESTIMENTO EM
SEGURO, SEJA
INCÊNDIO, VEÍCULOS,
ROUBO, VIDA,
ACIDENTES PESSOAIS
E OUTROS,
REPRESENTA
TRANQUILIDADE
CONTRA AS
INCERTEZAS DO
DIA-A-DIA.

A COTRIJUI ATRAVÉS
DE SUA CORRETORA
DE SEGUROS, PRESTA
TODAS AS
INFORMAÇÕES E
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras
1513 — fone 332-1914
ou 332-3765 ramal 364
Em Porto Alegre: Av.
Júlio de Castilhos, 342
5º andar - fone 21-08-09

Conheça nossos híbridos de milho e escolha seu campeão!



6875 Este híbrido é o preferido pelos milhocultores que possuem lavouras mecanizadas. O tempo de secagem de seus grãos é mais rápido; desde a fase de loução da espiga até a planta seca, as palhas se afrouxam, permitindo maior ventilação dos grãos e agilizando a secagem na lavoura, trazendo economia na secagem mecânica.



X307 É um dos híbridos preferidos pelos milhocultores do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Suas plantas apresentam excelente enraizamento e colmo forte. Com grãos dentados e de cor amarela, suas espigas são grandes e bem granadas.



6872 É o híbrido mais precoce da linha **PIONEER**. Seus grãos são duros, semi-dentados e de cor amarelada. As plantas são baixas e suas folhas praticamente eretas, permitindo ótima luminosidade em toda a planta e redução do espaçamento entrelinhas para 80 cm.



SEMENTES
MARCA
PIONEER

PIONEER SEMENTES LTDA.

Matriz: BR-471, Km 49 - Stª Cruz do Sul, RS Filiais:
Porto Alegre, RS - Stª Rosa, RS - Campinas, SP
Itumbiara, GO.

PIONEER® "Marca Registrada ou usada nos países do mundo pela PIONEER HI-BRED INTERNATIONAL, INC."

PASTAGEM CONSORCIADA: GADO GORDO E TERRA BOA

As áreas que há anos vêm sendo ocupadas para a produção de grãos, com crescente redução da produtividade, podem em pouco tempo se incorporar a um outro sistema de exploração, que permite não apenas um aumento nas receitas do produtor como também a própria recuperação e melhoria da qualidade e fertilidade do solo. Um trabalho neste sentido, com a introdução de pastagens em áreas de cultivos anuais, vem sendo desenvolvido há três anos no CTC (Centro de Treinamento Cotrijuí), e já começa a apresentar seus primeiros resultados.

Foi em 1980 que se transformou uma área até então plantada com aveia, no inverno, e milho no verão, em cinco piquetes de pastagens consorciadas. O sistema adotado mantém constantemente a cobertura vegetal do solo, com trevos, azevém e aveia no período de inverno, e milho durante o verão. As observações demonstravam que, mesmo ocupada por pastagens anuais, a área com aveia e milho representava um sistema anti-econômico, isto em função das necessidades de adubação, especialmente no uso do Nitrogênio. É que tanto o milho como a aveia são gramíneas anuais, exigindo boa disponibilidade de Nitrogênio para seu desenvolvimento.

Em função disto, a área passou a ser ocupada com pastagens

consorciadas de gramíneas e leguminosas, como os trevos, aproveitando a capacidade de sintetização de Nitrogênio do ar, que caracteriza as leguminosas. Além disso, quando submetidas a um manejo adequado estas áreas permitem que, a um baixo custo, se tenha por longos períodos, disponibilidade de pastagens para a alimentação dos animais. O trabalho desenvolvido no CTC buscou a economicidade na utilização das pastagens, introdução de trevos para a melhoria das pastagens, maior fertilidade do solo e, conseqüentemente, diminuição nos custos de produção.

ACOMPANHAMENTO CONSTANTE

A experiência no CTC vem sendo desenvolvida em cinco piquetes, com áreas que variam de 0,9

hectares a 1,8 hectares. No total, a área atinge 7,4 hectares. Esta divisão facilita o manejo dos animais, garantindo sempre um pasto de qualidade, sem prejuízo ao desenvolvimento da pastagem. O agrônomo Renato Borges de Medeiros, diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, é quem salienta:

— A questão fundamental está em realizar um manejo em que tanto o animal como a pastagem possam desenvolver suas potencialidades máximas. Isto, naturalmente, exige um acompanhamento constante do produtor.

Uma pastagem bem conduzida pode ser mantida até por sete ou oito anos, exigindo eventualmente um reforço de semeadura de trevos e azevém, já que sua ressemeadura natural nem sempre fica garantida (veja a matéria sobre o manejo da pastagem). Paulatinamente, os índices de adubação podem sofrer redução, mas nunca devem ser eliminados, pois os fertilizantes químicos garantem um maior potencial de produtividade. Os índices de matéria orgânica do solo, por outro lado, são elevados com o tempo, isto em função da cobertura vegetal e da permanência dos animais na área, depositando esterco e urina no solo. A própria cobertura permanente do solo evita os problemas de erosão, o que ainda se consegue por adotar o sistema de plantio direto para a introdução das pastagens anuais (aveia e milho). Diz o Renato:

— Um solo destes estará pronto para ser transformado em lavoura, com boa potencialidade de produção de grãos. É também o momento das pastagens entrarem em outras áreas de lavoura, efetivando um sistema de rotação de culturas.

Renato, que é um entusiasta deste sistema de cultivo, afirma que ele é tão perfeito que se pode até perguntar: é a grama que precisa do solo para se desenvolver ou é o solo que precisa da grama para manter seus níveis de fertilidade, suas condições físicas? E ele mesmo respon-

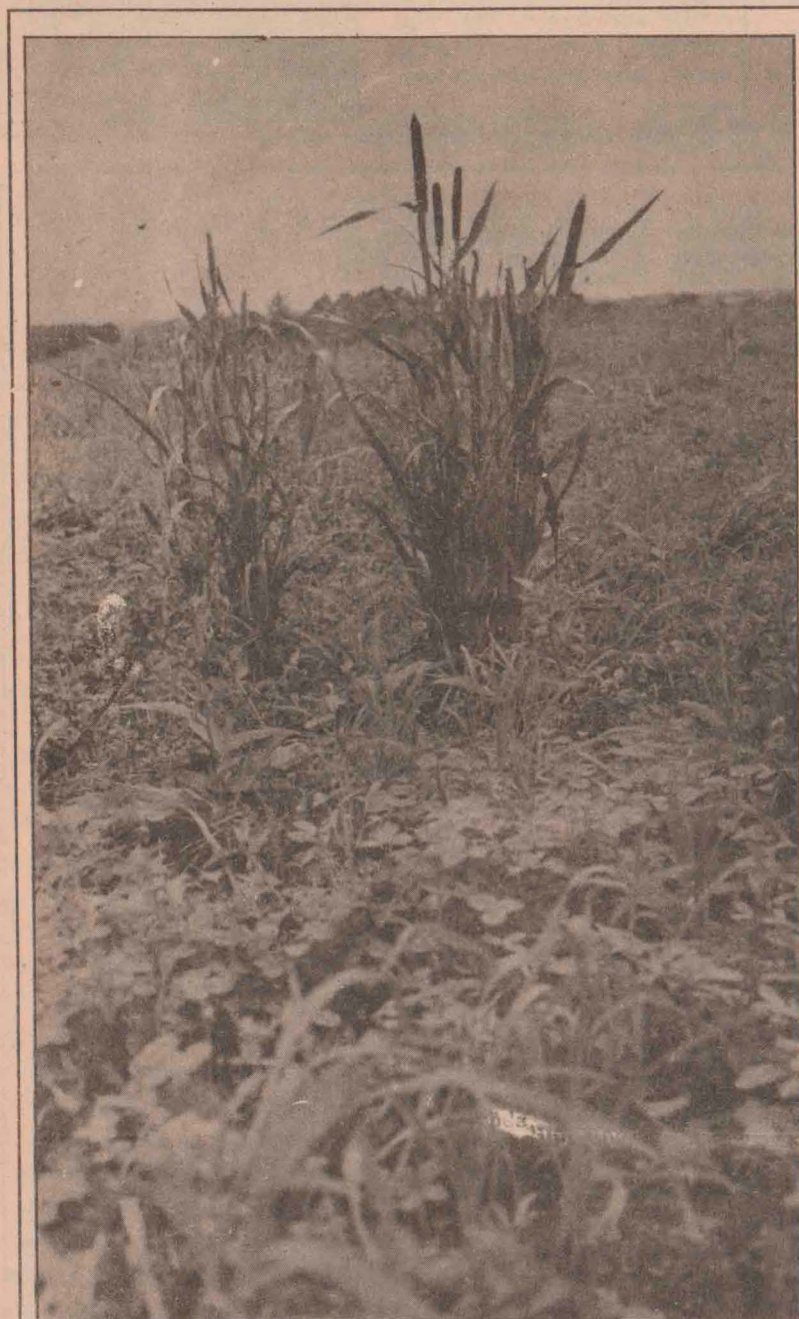
de: um depende do outro. A grama precisa do solo como suporte, e o solo precisa da grama para sobreviver.

APERFEIÇOAMENTO EM VISTA

Mesmo com os bons resultados que este trabalho vem demonstrando (veja no quadro ao lado), existe a intenção de fazer uma alteração no seu ciclo de verão. É que o milho, apesar de representar uma excelente pastagem na alimentação animal, enfrenta problemas de germinação. Como esta gramínea tem uma semente muito pequena, a velocidade de crescimento inicial das plantinhas é lento e, conseqüentemente, elas apresentam pouca competitividade às plantas indesejáveis que se encontram na pastagem. Se a estação é chuvosa, até mesmo os trevos brancos e Yuchi apresentam dificuldades para o crescimento inicial do milho.

É por esta razão que a experiência deverá incluir já neste ano o plantio de teocinto (ou dente-de-burro) no período de verão, que apresenta um crescimento inicial mais rápido. Outra opção é o sorgo forrageiro, que sofre, porém, o inconveniente das sementes híbridas, criando assim uma dependência de firmas produtoras de semente. Existe ainda o plano de aperfeiçoar o sistema de plantio do milho, buscando épocas mais adequadas de semeadura.

Na sua pastagem, o produtor não precisa usar os três trevos adotados no CTC, apesar de que esta escolha levou em conta as características de cada espécie. O subterrâneo Clare, por exemplo, tem um vigor de germinação inicial maior. Já o trevo branco apresenta a vantagem de crescer em estolões, desenvolvendo-se para os lados e tomando maior espaço a sua volta, dependendo também menos de ressemeadura. A sugestão de Renato é que o produtor faça sua experiência, plantando duas ou três espécies e avaliando a melhor para sua situação.



Pasto permanente no verão e no inverno



Uma perfeita integração de solo e de planta

A implantação e o manejo

No ano de implantação da pastagem, a primeira atividade exigida é a preparação da terra, mexendo, tanto quanto possível, apenas superficialmente no solo através de uma escarificação. É preciso também fazer uma análise do solo, corrigindo a acidez para garantir o bom desenvolvimento das plantas. Os solos da região normalmente tem um pH de 5,5 (se não sofreram correções anteriormente) e este índice deve ser elevado, pelo menos até seis. Não há necessidade de colocar grandes quantidades de calcário, bastando uma correção na camada superficial (até mais ou menos 10 centímetros de profundidade), com a utilização de duas toneladas, em média, de produto.

A adubação é outro ponto que não pode ser descuidado, assim como a inoculação das sementes. No ano de implantação da pastagem é preciso usar um pouco de Nitrogênio também para as forrageiras de inverno, para um melhor desenvolvimento especialmente da aveia. A recomendação média é de 250 quilos de uma fórmula semelhante aos níveis de 4-30-15. A adubação deve ser repetida no verão, quando for introduzido o milheto. Nos plantios subsequentes de aveia, no inverno, não há necessidade de usar adubos nitrogenados, pois os trevos estarão ajudando a fixar este elemento no solo. A indicação passa a ser de 170 quilos de superfosfato triplo e 80 quilos de cloreto de potássio por hectare, o que torna mais barata a adubação do que o uso de fórmulas contendo adubos nitrogenados. No verão, entretanto, é sempre necessário, pois os trevos, de um modo geral, estarão em dormência vegetativa, com suas sementes armazenadas no solo. O milheto vai exigir também o uso de uréia, na base de 100 quilos por hectare. Metade do produto pode ser aplicado junto com o adubo, na hora do plantio, deixando os outros 50 quilos para adubação de cobertura.

ESTABELECIMENTO DOS TREVOS

A primeira forragem a ser in-

troduzida na pastagem são os trevos. O trabalho no CTC envolveu a utilização de três espécies: branco, Yuchi e subterrâneo Clare, que foram semeados a lanço. A proporção recomendada é de um quilo de branco; três a quatro quilos de Yuchi e três a quatro quilos de subterrâneo, distribuídos com uniformidade no solo. Também foi semeado azevém (de oito a 10 quilos por hectare) e mais tarde plantada a aveia (60 quilos por hectare), em sistema de plantio direto. No primeiro ano a densidade de sementes de gramíneas pode ser menor, permitindo assim um melhor estabelecimento dos trevos.

Realizando este plantio nos primeiros dias de abril, o primeiro pastoreio já pode ser feito, em anos normais, em meados de junho, quando a aveia apresenta um porte (mais ou menos 25 centímetros) que possibilita a entrada dos animais na pastagem. Enquanto isto não acontece, eles devem ser mantidos em outra pastagem ou mesmo no campo nativo. Este pastoreio inicial vai permitir um maior desenvolvimento dos trevos, especialmente o Clare, que tem uma semente maior que o branco ou o Yuchi e, portanto, um melhor vigor inicial. No segundo pastoreio, realizado em agosto, os animais já vão comer aveia, azevém e Clare, possibilitando que os trevos brancos e Yuchi se estabeleçam e ocupem espaços na pastagem.

A aveia já estará praticamente no final do ciclo de pastejo quando ocorrer a terceira entrada de animais, isto mais ou menos no final de outubro. Neste pastoreio, eles praticamente irão rapar a aveia, e ainda terão a sua disposição o azevém e o Clare, além de um pouco de trevos branco e Yuchi. O Clare, por sinal, estará praticamente no final do seu ciclo, já começando a colocar sementes dentro do solo (na base de 300 a 400 quilos por hectare). O último pastoreio das forrageiras de inverno vai acontecer em meados de dezembro, servindo também para baixar ao máximo a pastagem e rea-

lizar a semeadura direta do milheto. Neste pastoreio, os animais começarão o resto de Clare, o azevém (que deve estar com sua ressemeadura natural garantida, na base de 300 quilos por hectare), e ainda os trevos branco e Yuchi, que a estas alturas também já terão algumas sementes armazenadas no solo.

ABRIR A COMUNIDADE

Ao finalizar o pastoreio, é feito o plantio direto do milheto, empregando entre 25 a 30 quilos de semente por hectare. A planta terá condições de alimentar o gado já em fevereiro. Nesta época, os trevos brancos e Yuchi estarão com suas sementes no solo, com uma reserva, em média, de 200 quilos por hectare de Yuchi e 50 quilos de trevo branco. Um segundo pastoreio do milheto poderá ser realizado entre março e abril, baixando o pasto para viabilizar a melhor germinação das sementes de trevos e azevém armazenadas no solo. A sua germinação é o sintoma de que outro pastoreio deve ser realizado, baixando o milheto o máximo possível, e abrindo assim a comunidade vegetal para permitir uma germinação uniforme das forrageiras de inverno e seu consequente estabelecimento. Isto vai permitir também que, no final de abril, se faça um novo plantio de aveia, usando 70 quilos de semente por hectare na linha, nos níveis recomendados. Dali para a frente se repete o manejo adotado no primeiro ano.

Se o manejo da pastagem for feito de uma forma adequada, não será mais necessário providenciar no plantio de trevos e azevém. Mas se ocorrer alguma falha na condução dos animais, com sua entrada na pastagem antes do estágio ideal de pastoreio, a sua ressemeadura natural talvez fique prejudicada. É por esta razão que o produtor deve acompanhar de perto o desenvolvimento das pastagens, trocando os animais de piquete para aproveitar os melhores estágios de desenvolvimento das plantas.

Os custos e os ganhos

A eficiência do sistema consorciado de pastagens desenvolvido no CTC é comprovada pelos números de ganho de peso de animais e pelo resultado comparativo entre custos e receitas. O ganho de peso médio diário de um animal durante o ano, quando alimentado numa pastagem de trevos, azevém e aveia, e mais milheto no verão, chega até 600 gramas. Mantendo uma lotação média de quatro cabeças por hectare, o ganho médio de peso vivo anual por hectare pode chegar a alcançar 876 quilos, dependendo da lotação. Este é um resultado muito bom, ainda mais quando comparado aos pesos conseguidos com os animais alimentados em campos nativos da região, que ficam entre 70 e 80 quilos por hectare.

O custo de implantação desta pastagem é mais alto no primeiro ano, quando se usa níveis mais elevados de adubação nitrogenada para garantir o funcionamento do sistema. Nos anos seguintes o custo irá diminuindo com a redução de adubos, e mesmo por não se investir mais em sementes de trevos e azevém, que terão ressemeadura natural dali para a frente.

Os cálculos do custo de implantação da pastagem, a partir da experiência no CTC, foram feitos por Pedro Maboni, tecnólogo em administração rural e responsável pela área de orçamentos e custos do CTC. Ele atualizou os valores para as despesas neste ano, tomando por base as informações de custo no CTC no ano passado, e projetando as despesas que se terá em dezembro para o plantio do milheto. Ele também incluiu só no primeiro ano os custos com as sementes de trevos e azevém, mesmo que estas despesas devam ser rateadas entre todos os anos de utilização da pastagem.

RECEITA NO PRIMEIRO ANO

Na semeadura da aveia foram consideradas as despesas com semente, adubos, corretivos, combustível, mão-de-obra, depreciação de máquinas, etc., somando um custo de implantação da cultura de Cr\$ 70.630,00 por hectare. Nesta primeira fase, para o pastoreio de inverno, ainda serão gastos Cr\$ 1.959,00, com um quilo de semente de trevo branco, Cr\$ 4.676,00 com quatro quilos de trevo Yuchi, Cr\$ 5.428,00 com quatro quilos de trevo subterrâneo e Cr\$ 2.640,00 com 10 quilos de semente de azevém. No verão, com o plantio de milheto, o custo será acrescido de aproximadamente mais Cr\$ 55.500,00, incluindo aí também as despesas com adubo, semente, etc.

Desta forma, já no primeiro ano, a pastagem deixará um retorno para o produtor. O custo terá alcançado o valor total de Cr\$ 140.833,00. Ao preço atual dos bovinos, de Cr\$ 180,00 o quilo do peso vivo, a receita alcança pelo menos Cr\$ 157.680,00, isto considerando a produção de 876 quilos por hectare/ano. Assim, mesmo com os custos mais elevados de introdução da pastagem, o produtor terá uma receita líquida já no primeiro ano. Se a produção for maior, ao conseguir manter uma lotação maior por hectare, estas receitas também aumentam. Nos anos seguintes, com a redução nos custos, o resultado obtido será ainda superior. E além da receita financeira, o produtor ainda estará conseguindo melhorar sua propriedade, elevando a qualidade e potencialidade de produção de seu solo.



O milheto toma conta da pastagem no verão



UMA RETOMADA NA ORGANIZAÇÃO DOS ASSOCIADOS NAS BASES

A intenção é alargar as bases e legitimar a estrutura dos representantes eleitos, fazendo ainda uma revisão na organização existente até agora, para viabilizar uma participação mais efetiva dos associados na tomada de decisões.

Historicamente, os núcleos de base foram o verdadeiro fórum de debates de diferentes assuntos ligados à comunidade. Na Cotrijuí, através dos núcleos, surgiram numerosas propostas entre os associados e também várias idéias que circularam pela Cooperativa. As reuniões dos líderes de núcleo inspiraram, inclusive, o atual sistema de representantes eleitos. Embora os núcleos formalmente não fizessem parte da Cooperativa, foi através dos debates dos assuntos da Cooperativa que eles instrumentalizaram algumas decisões importantes para a prática da cooperação. Os núcleos são a base que legitima de fato a representatividade de um grande número de representantes eleitos da Cooperativa. Porém, nem todos os núcleos são representados e também nem todos os representantes têm base para discutir os problemas, para chegar a decisões apoiadas nas opiniões e expectativas dos agricultores de sua comunidade. Isto fez com que muitos núcleos fossem desativados.

Ao iniciar uma reflexão sobre a Estrutura do Poder da Cooperativa, não se quer agora analisar apenas os pontos falhos, mas propor também a revisão do sistema, procurando com que os associados da Cooperativa tenham efetiva participação nas discussões. Para que isto ocorra, é necessário, novamente, a reorganização dos núcleos, onde a comunidade possa discutir os diferentes assuntos que lhe afetam, com sua estrutura própria de lideranças.

É oportunidade também para que os assuntos da Cooperativa sejam debatidos, encaminhadas as propostas e questionamentos através de seus líderes, na Estrutura do Poder da Cooperativa.

EXPERIÊNCIAS DIFERENTES

Tomando-se como base a Região Pioneira da Cotrijuí, onde as Unidades funcionam praticamente como uma cooperativa singular e possuem peculiaridades próprias, umas diferentes das outras, tivemos experiências e atitudes diferentes. Com a eleição do Conselho de Representantes, algumas Unidades abandonaram a estrutura dos líderes de núcleos, o que fez com que aqueles núcleos que não elegeram representantes ficassem desarticulados. Em outras Unidades, porém, além do Conselho de Representantes (na proporção de um representante para 150 associados) manteve-se a estrutura anterior de núcleos organizados, dando assim mais base aos representantes para continuarem ouvindo todos os núcleos e localidades.

O número de reuniões de núcleos foi menor do que os encontros do Conselho de Representantes, mas sempre que surgiu a necessidade de consolidar as posições dos associados da Unidade os representantes ficavam encarregados de fazer uma discussão nas bases, acompanhados quando necessário pelo Departamento de Comunicação e Educação ou outros setores da Cooperativa. Também eram ouvidos os

líderes de núcleo, inclusive as lideranças dos núcleos cooperativos de senhoras e filhas de associados. Com esta prática, se procurou dar maior legitimidade às proposições levadas para as Assembléias ou às reuniões gerais de representantes, levando-se em conta o todo da Cooperativa.

RETOMAR A ORGANIZAÇÃO

O que estamos colocando não é, de fato, uma proposta nova, mas sim uma retomada da organização dos associados da Cooperativa, lembrando que estes agricultores têm a sua história marcada pela organização da classe, fato gerador da história da Cotrijuí em seus 25 anos de atuação. Esta retomada significa a discussão da reorganização dos núcleos naquelas comunidades onde, por uma razão ou outra, aconteceu uma desarticulação dos agricultores.

Cabe-nos salientar a importância de todos os associados e familiares procurarem se organizar, viabilizando uma efetiva participação na sua Cooperativa, isto é, indistintamente, sem olhar classificação de quem quer que seja. A representatividade não poderá vir de contatos espontâneos, esporádicos ou individualizados, mas deverá se fundamentar em formas mais duradouras de comunicação, debates e coletas de opiniões. Além disso, a própria organização Cooperativa precisa produzir a sua autocrítica, o que é muito difícil se o quadro social não estiver organizado. Para or-

ganizar este espaço de autocrítica, de participação política efetiva, é preciso, entretanto, que se tenha claro os meios pelos quais se fará acontecer esta participação.

REVISÃO DO QUE ACONTECEU

A retomada que ora propomos inclui a revisão daquilo que até aqui aconteceu: os núcleos organizados, as reuniões de líderes de núcleos, e a sobrecarga de um associado representar outros 150 associados, deixando, muitas vezes, determinados núcleos sem representantes. A proposta ainda tem o sentido de legitimar ainda mais a estrutura de representantes, com o alargamento de bases, através da participação também dos seus líderes de núcleos, na tomada de decisões em suas Unidades. Ela não surge para invalidar o atual sistema de representantes, mas sim para consolidar ainda mais as suas bases para tomadas de decisões da Cooperativa.

É importante salientar que todos os núcleos, grupos ou comunidades devem escolher suas lideranças no período de junho-julho, porque se pretende, nos meses de agosto-setembro, preparar com base mais sólida as eleições dos novos representantes, que acontecerá na 1ª quinzena de outubro de 1983.

Em contrapartida, os atuais representantes eleitos estão realizando reuniões nas suas respectivas Unidades, objetivando também sua auto-avaliação.

Departamento de Comunicação e Educação

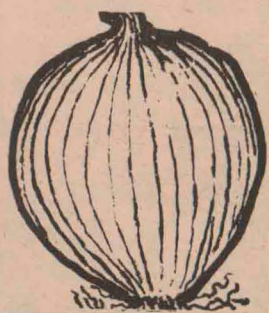
A LAVOURA NO MÊS

QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Boi e Matzukase				12 m2 Matzukase, Chumbinho				12 m2 Matzukase, Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Kagraner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tall Top						18 m2 Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin				
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA NO MÊS: (para quem segue as sugestões de plantio do quadro acima). Repolho, Rabanete, Rúcula

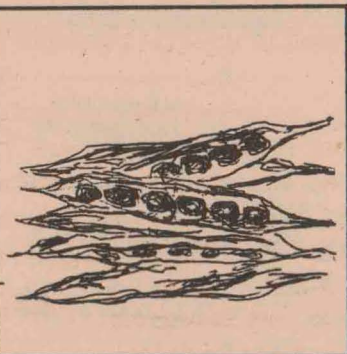
Observação: As sugestões para as épocas de semeadura são aproximadas. Nada impede que algumas delas sejam antecipadas ou retardadas. As áreas propostas, procuram garantir a existência de hortaliças suficientes para o consumo de uma família de cinco elementos. Esta sugestão permite que o produtor possa dispor de hortaliças em qualquer época do ano.



ALHO

A recomendação dos meses anteriores, de evitar o cultivo de alho em áreas sujeitas a encharcamento, é reforçada agora em função das condições do tempo. A alta umidade do solo, e ausência do sol por longos períodos, têm prejudicado o desenvolvimento inicial do alho, resultando em plantas de pouco vigor e mais sujeitas às doenças da folha.

Alguns produtores ainda não conseguiram efetuar a semeadura, e assim suas lavouras poderão apresentar prejuízos futuros. De toda maneira, aqueles que efetuaram a semeadura nos dias imediatamente anteriores às chuvas também não tiveram prejuízos maiores, pois as plantas ainda não se desenvolveram. As áreas semeadas há mais tempo devem sofrer, após as chuvas, uma capina leve, para soltar o solo e melhorar o arejamento das raízes.



LENTILHA

A lentilha tem tido pou-

co sucesso em seu cultivo na região, sendo que raramente algum produtor obteve bons resultados com a cultura. Assim sendo, procurou-se estudar no CTC a questão de produção da lentilha, introduzindo linhagens e variedades para cultivo. Este trabalho, embora na fase inicial, já mostra algumas perspectivas positivas. Este ano será iniciada a experiência à nível de campo, cultivando estas variedades em áreas maiores para

uma avaliação mais segura. Os associados que eventualmente dispuserem sementes em casa e se interessarem no cultivo desta planta, poderão trocar idéias com o técnico de sua região, buscando informações complementares sobre a cultura.

HORTALIÇAS DIVERSAS

As hortaliças têm sido muito prejudicadas pela tempo-

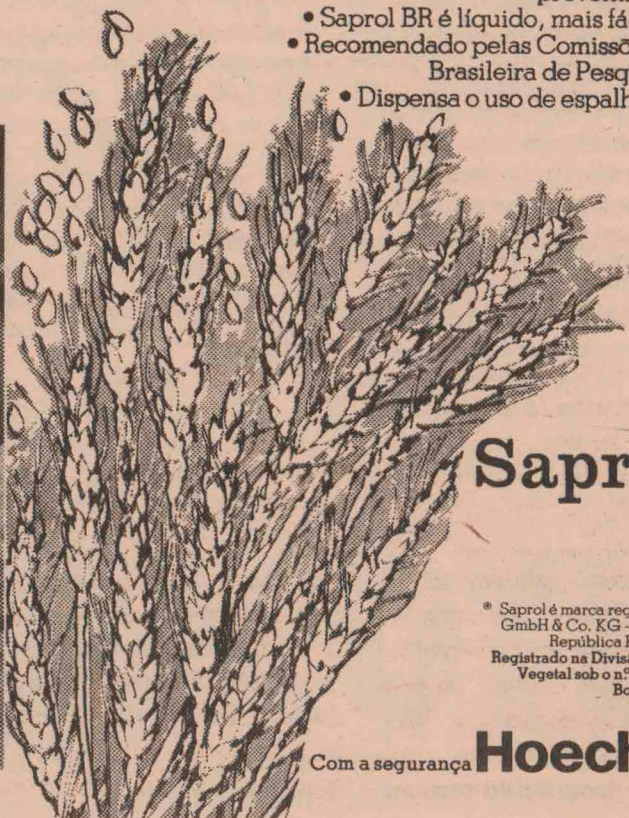
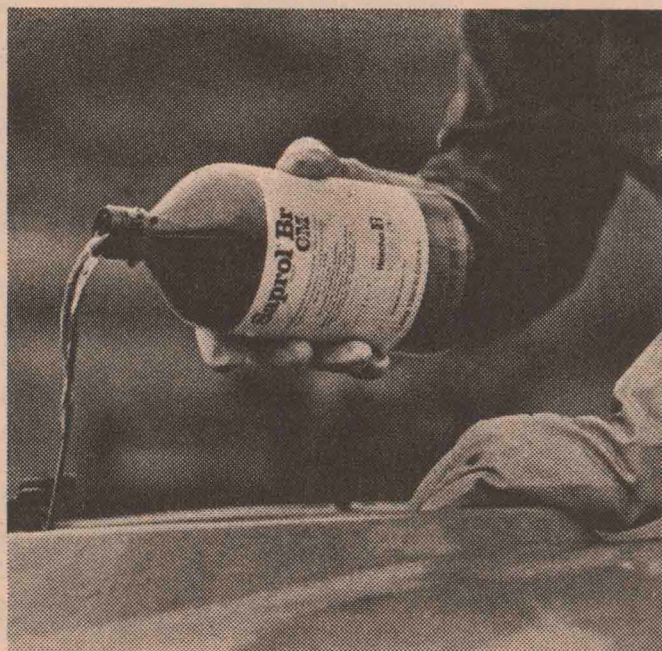
rada de chuvas. A horta, pela própria natureza de seus produtos, situa-se em locais úmidos, o que complica significativamente a produção quando ocorrem temporadas com excesso de chuvas como a registrada atualmente. Recomendamos novamente que se observe o quadro de sugestões de semeadura desta página, pois seguindo esta orientação se poderá obter uma produção mais estável pelo ano todo.



CEBOLA

Os produtores que iniciaram a semeadura da cebola no cedo já dispõem de mudas em condições de transplante, iniciando esta operação ou fornecendo as mudas para terceiros. Em muitas sementeiras estão sendo observados problemas com o desenvolvimento das mudas, principalmente nos canteiros mais sujeitos a sombreamento, onde esta situação é agravada pela continuidade das chuvas, iniciando-se focos de incidência de moléstias de folhas. Algumas sementeiras estão com seu potencial de produção já afetado, pelo que se recomenda fazer novas sementeiras para obter mudas de boa qualidade. A cooperativa ainda dispõe de mudas de cebola em todas as unidades, e para os produtores interessados em adquiri-las lembramos que podem ser feitos contatos com o Departamento Técnico das Unidades, onde encontrarão as informações adequadas.

Contra Oídios e Ferrugens do trigo, Sapro! BR é a única solução líquida e certa.



- Sapro! BR é um moderno fungicida sistêmico, preventivo e curativo.
- Sapro! BR é líquido, mais fácil de aplicar.
- Recomendado pelas Comissões Norte e Sul Brasileira de Pesquisa de Trigo.
- Dispensa o uso de espalhante adesivo.

Sapro! BR

CELAMERCK

* Sapro! é marca registrada da Celamerck GmbH & Co. KG - Ingelheim am Rhein - República Federal da Alemanha. Registrado na Divisão de Defesa Sanitária Vegetal sob o nº 030078 - Registrante: Boehringer & Cia. Ltda.

Com a segurança **Hoechst**

OS CUSTOS DE PREPARAR E PLANTAR A TERRA

Mais uma vez o pessoal ligado à área de custos da Cotrijuf andou se envolvendo com os números e calculando quanto os produtores deverão gastar com o preparo da terra, plantio e colheita para a próxima lavoura de inverno. Os dados servem também de base para o pagamento e cobrança na contratação deste tipo de serviço entre os agricultores. Por experiência, os produtores já sabem que estes acertos quase nem sempre são fáceis de fazer, e quem entra com as máquinas e implementos quer compensar todo o investimento que fez. Quem não tem máquinas, e se vê na condição de contratar estes serviços, não está disposto a desembolsar uma quantia muito grande em dinheiro.

Foi pensando em ajudar nos acertos de definição de preços pelos serviços prestados, que o Luiz Juliani, técnico em administração rural da diretoria agrotécnica da Cotrijuf, elaborou a tabela ao lado. O estudo tem o objetivo de mostrar o custo das máquinas nas principais operações agrícolas, como aração, subsolagem, gradagem, sementeira, adubação, aplicação de herbicida e inseticidas e colheita. Foi levado em conta o trabalho realizado em apenas um hectare, tomando por base o mês de maio, mas que pode muito bem dar uma idéia dos custos para a formação das próximas lavouras.

O QUE FOI CONSIDERADO

O estudo realizado pelo Luiz Juliani considerou por base os preços das máquinas novas e dos equipamentos. Os coeficientes técnicos, como tempo gasto, por exemplo, foram baseados em trabalhos realizados no Centro de Treinamento da Cotrijuf. Para a definição dos custos de operação das máquinas (trator e colheitadeira), foram considerados o combustível gasto em toda a operação, lubrificantes, conservação e reparos, filtros, e depreciação. No caso dos implementos foi considerado, além da conservação e reparos, mais o uso de lubrificante.

Para os cálculos de formação de custos foram levados em conta os trabalhos de apenas um trator (no caso o Valmet 88 ID) e mais os implementos, como arado MF 4 discos, uma niveladora, goble, um subsolador IMASA (usado eventualmente), um arado terraceador, sementeira, pulverizador, e distribuidor. Também entraram na definição dos custos trabalhos da colheitadeira.

Nos cálculos de conservação e reparos o Luiz Juliani considerou um custo de 10 por cento sobre o valor do trator, da automotriz e dos implementos. No caso da depreciação foi levado em conta como Valor Residual (valor de sucata) o índice de 10 por cento sobre o valor total das máquinas. Não foi computado neste estudo o pagamento da mão-de-obra do operador e nem a lucratividade do proprietário da máquina. Estes valores são variáveis de uma propriedade para outra,

mas nos acertos finais, sempre apresentam uma diferença grande.

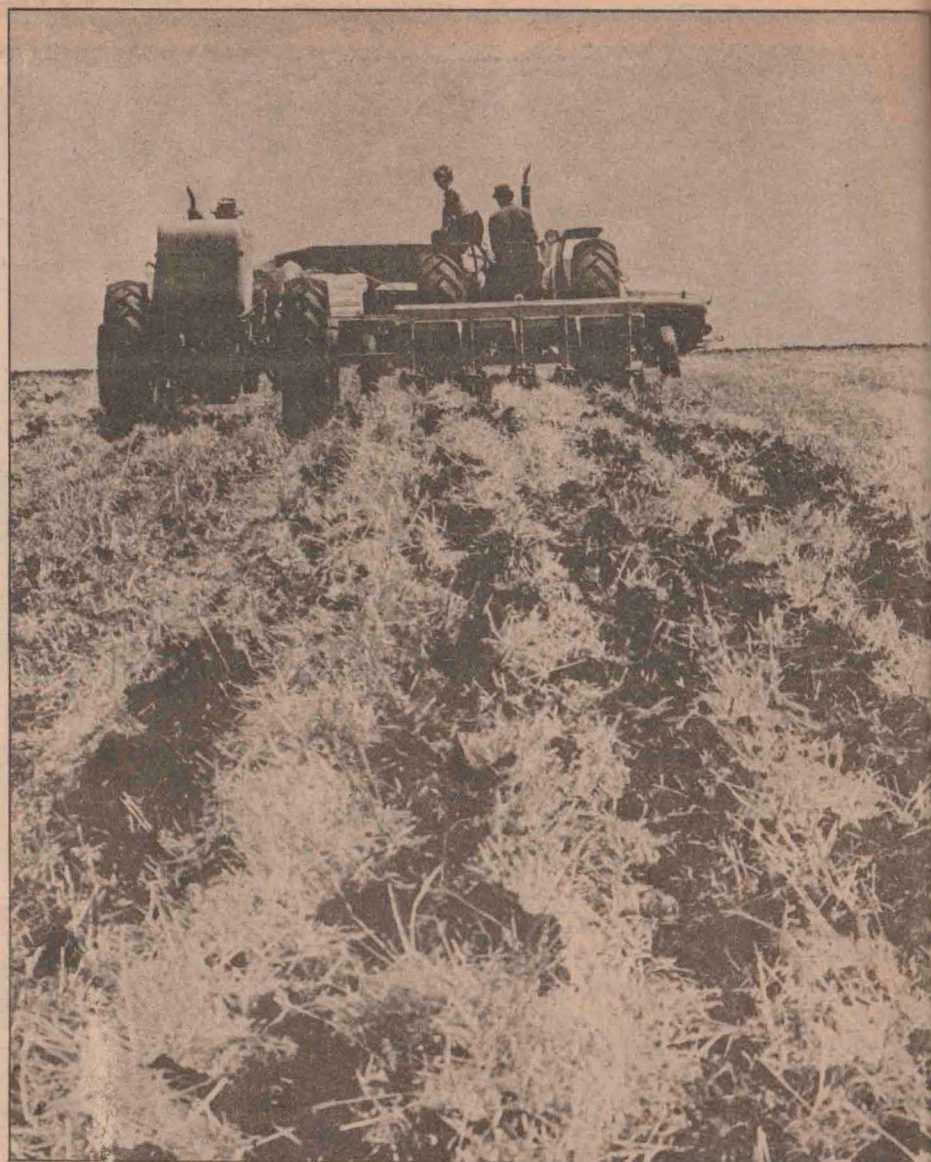
A tabela ao lado mostra direitinho o quanto um produtor vai ter de desembolsar em cada uma das operações, tanto por hora como por hectare, desde a fase de preparação do solo até a colheita. Na fase de preparação da terra foi considerado o uso de um arado e de um subsolador, duas operações bem distintas e nunca realizadas no mesmo ano e na mesma área. "A subsolagem", alerta o Juliani, "é uma operação eventual, realizada apenas em áreas onde precisa ser rompida a camada compactada do solo, e que não se repete a cada ano". Como são operações distintas o Juliani separou os custos de preparação da terra em aração e subsolagem.

O CUSTO DE CADA ÍTEM

Nos trabalhos de aração leve, o trator Valmet 88 ID vai gastar na operação 125 minutos (2,080). Como o custo de uma hora de serviço está previsto em Cr\$ 2.509,00, o gasto total com essa operação será de Cr\$ 5.218,00. Com a aração pesada o tempo gasto é maior (2,500), e o custo total é de Cr\$ 6.586,00. A gradeação pesada (com a goble) consumirá 57 minutos de trabalho no preparo deste hectare, representando um custo final de Cr\$ 2.654,00. Na operação com a niveladora o tempo consumido é de 38 minutos (0,6404) e o custo total fica em Cr\$ 1.876,00.

No caso da subsolagem o preparo da terra exige uma operação mais pesada, que atinja a parte mais compactada do solo (mais ou menos 25 centímetros de profundidade). A operação pesada consome um tempo de 197 minutos (3,293), representando um custo final de Cr\$ 7.920,00. A subsolagem mais leve, e não muito recomendada pelos técnicos, é uma operação mais rápida, computando Cr\$ 3.158,00 no final do serviço. A construção de terraços é uma operação bem mais cara, levando o produtor a desembolsar uma quantia bem maior de dinheiro. Consumindo cerca de 163 minutos (2,732) na operação, um terraço em um hectare de terra sai a um preço de Cr\$ 9.221,00. Para a colheita foram gastos 66 minutos (1,1065), a um custo final de Cr\$ 15.836,00.

Todos os custos que envolvem o uso das máquinas na formação das principais lavouras de inverno (trigo, colza, tremoço e aveia) estão na tabela ao lado. Com todos estes dados em mãos, os produtores verão que não é tão difícil chegar a um consenso na hora do acerto das contas. E mesmo que estas operações não sejam realizadas pelas mesmas máquinas utilizadas pelos produtores em suas lavouras, estes dados servirão como base para a definição dos custos. É importante lembrar, também, que tudo vai depender do estado das máquinas, condições da terra e habilidade do operador.



OPERAÇÕES	MÁQUINAS E IMPLEMENTOS	RENDIMENTO OPERAÇÃO Hora/ha	CUSTO UNITÁRIO Cr\$/hora	CUSTO TOTAL Cr\$/ha
1. ARAÇÃO				
1.1 - Leve	Trator Valmet 88 ID + arado MF 4 Discos	2,080 (125 minutos)	2.509,00	5.218,00
1.2 - Pesada	Trator Valmet 88 ID + Arado MF 4 Discos	2,500 (150 minutos)	2.634,00	6.586,00
2. GRADEAÇÃO				
2.1 - Pesada	Trator Valmet 88 ID + Goble	0,9461 (57 minutos)	2.805,00	2.654,00
2.3 - Niveladora	Trator Valmet 88 ID + Niveladora	0,6404 (38 minutos)	2.929,00	1.876,00
3. SUBSOLAGEM				
3.1 - Pesada	Trator Valmet 88 ID + Subsolador IMASA	3,293 (197 minutos)	2.405,00	7.920,00
3.2 - Leve	Trator Valmet 88 ID + Subsolador IMASA	1,313 (78 minutos)	2.405,00	3.158,00
4. APLICAÇÃO CORRETIVO				
4.1 - Fertilizante	Trator Valmet 88 ID + Distribuidor	0,731 (43 minutos)	7.514,00	5.493,00
4.2 - Acidez	Trator Valmet 88 ID + Distribuidor	0,646 (38 minutos)	7.514,00	4.854,00
5. PRÁTICA CONSERVACIONISTA				
5.1 - Terraço base estreita	Trator Valmet 88 ID + Arado Terraceador	2,732 (163 minutos)	3.375,00	9.221,00
6. PLANTIO				
6.1 - Plantio - adubação	Trator Valmet 88 ID Sementeira	0,565 (34 minutos)	4.136,00	2.337,00
6.2 - Replantio	Trator Valmet 88 ID + Sementeira	0,565 (34 minutos)	4.136,00	2.337,00
7. PULVERIZAÇÃO				
7.1 - Aplicação Herbicida	Trator Valmet 88 ID + Pulverizador	0,6112 (18 minutos)	4.609,00	2.817,00
7.2 - Aplicação Fungicida	Trator Valmet 88 ID + Pulverizador	0,6112 (18 minutos)	4.609,00	2.817,00
7.3 - Aplicação Inseticida	Trator Valmet 88 ID + Pulverizador	0,6875 (41 minutos)	2.479,00	1.704,00
8. DISTRIBUIÇÃO ADUBOS				
8.1 - Cobertura	Trator Valmet 88 ID Distribuidor	0,6112 (18 minutos)	5.070,00	3.099,00
8.2 - Foliar	Trator Valmet 88 ID + Pulverizador	0,6112 (18 minutos)	4.609,00	2.817,00
9.1 - Colheitadeira	Automotriz MF 3640	1,1065 (66 minutos)	14.312,00	15.836,00



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Alô amiguinhos!

Que bom estar com vocês! Queremos antes de tudo lembrar de duas datas muito importantes do mês de maio: dia do trabalhador e dia das mães. Essas pessoas merecem todo nosso respeito e consideração, pela função que desempenham em nossas vidas e nossa sociedade.

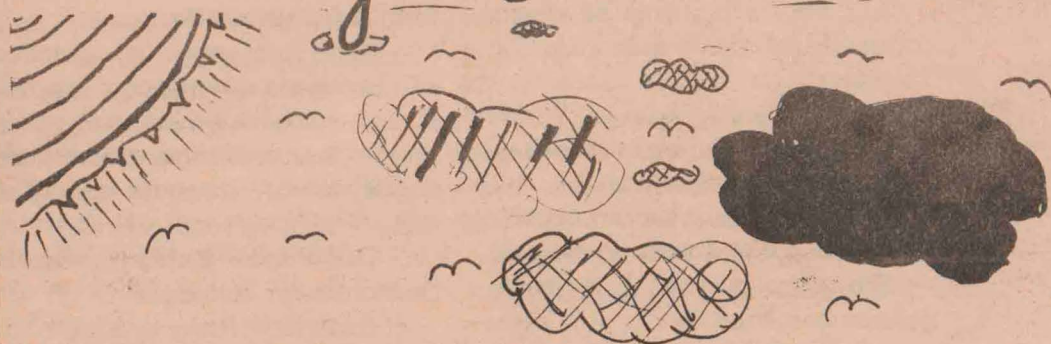
No meio rural são muitas as dificuldades enfrentadas pelo trabalhador: o clima, o baixo valor dado ao que o agricultor produz, a inflação, o combustível muito caro, as estradas muitas vezes intransitáveis. . . Procuramos saber de alguns desses trabalhadores o que poderia ser feito para beneficiá-los. Vejam o que eles sugeriram: redução dos juros, barateamento dos adubos e da manutenção da lavoura e maquinário, melhoria da assistência médica e aposentadoria no tempo certo. Também houve quem sugerisse a mudança das culturas do trigo e da

soja ou ainda a mudança do ministro do planejamento e o pagamento da dívida externa do Brasil.

Nessa mesma oportunidade as mulheres e mães do meio rural revelaram que enfrentam, junto com o esposo, todas essas dificuldades, além de fazer todo o trabalho em casa e cuidar dos filhos, sendo pouco valorizadas em seu trabalho e não tendo os mesmos benefícios do homem.

Bem amiguinhos, vamos agora ver o que mais o Cotrisol de maio trouxe para vocês. Avisamos para a Noeli Dallabrida, o Gilmar Inocência e a Adriana Lourdes Dallabrida, que gostamos muito de suas cartinhas e publicaremos suas colaborações na próxima edição. Escrevam sempre!

Pregação a um lavrador



(V. Yara)
cantada por Mercedes Lora
Disco: A Arte de Mercedes Lora
Phonogram - 1977

Levanta-te
e olha a montanha
de onde vem o vento, o sol e a água
tu que controlas o curso dos rios
tu que semeaste o vó de tua alma.

Levanta-te
e olha as mãos
para crescer, estenda-as a teu irmão
juntos iremos unidos no sangue
hoje é o tempo que pode ser o amanhã.

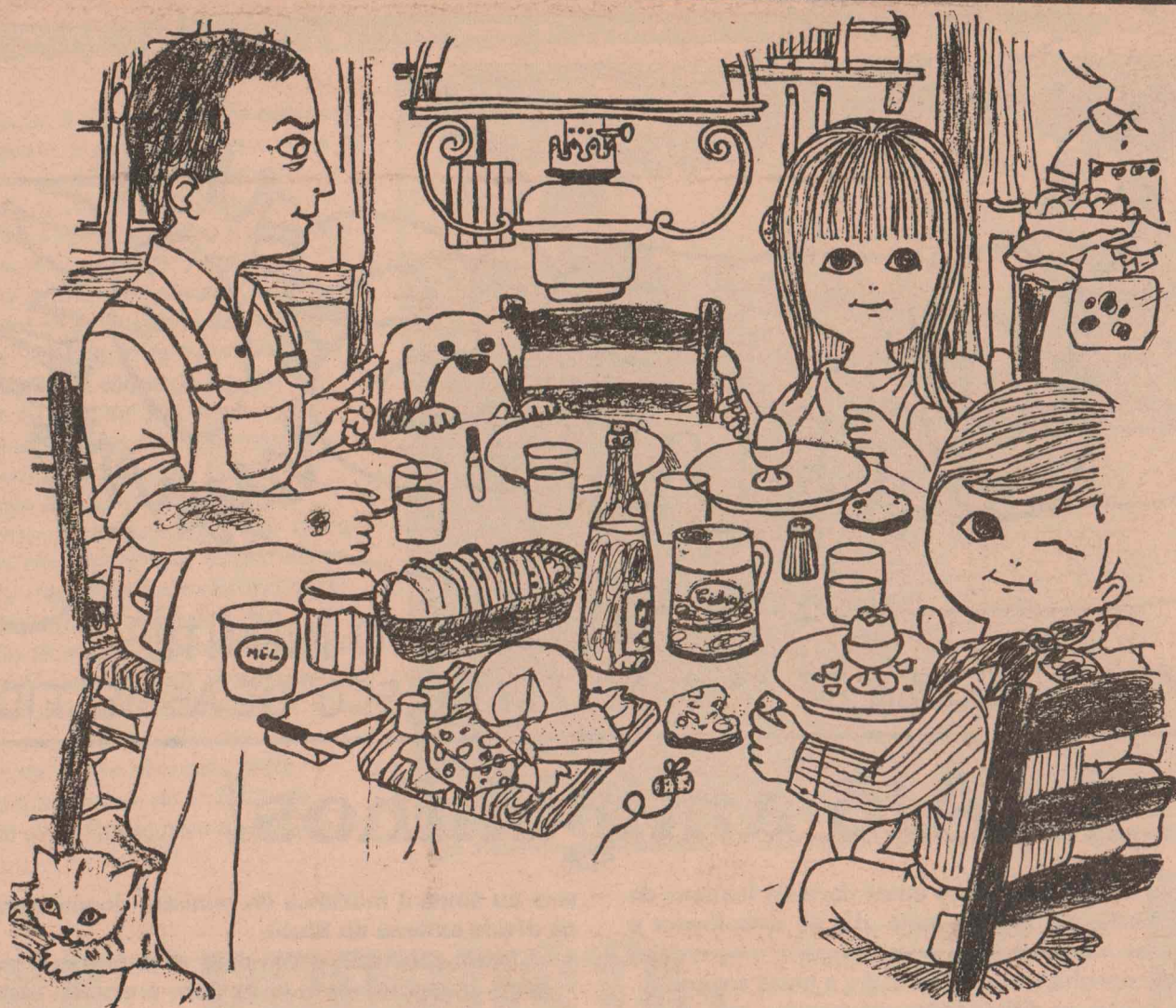
Libra-nos daquele que nos domina na
miséria, traz-nos teu reino
de justiça e igualdade,
sopra como o vento
a flor da colina,
limpa com o fogo o cano de teu fuzil.

Faça-se por fim tua vontade aqui na terra
dá-nos tua força e valor no combate,
sopra como o vento a flor da colina
limpa com o fogo o cano de teu fuzil.

Levanta-te
e olha as mãos para crescer
estenda-as a teu irmão,
juntos iremos unidos no sangue
agora é a hora de morrer morte sem mágoa.



Ilustração de Danton Buxner e Vladimir Kula



Tó e os produtos da terra

Texto de Maria Isabel de Mendonça
Soares e Alain Grée
Ilustrações de Gerad Grée



O Tó e a sua irmã Tá vieram passar alguns dias à quinta do Tio Tomás.

Esta manhã, o Tio Tomás trouxe para a quinta três carneiros.

O Tó deu-lhes de comer.

— Gosto muito de carneiros!..

— explica o Tio Tomás ao almoço.

— São animais mansos, e muito úteis ao homem.

O Tó está admirado. Sabe que o cavalo é útil porque puxa a carroça; o cão também, porque guarda a casa.

— Mas o carneiro, porque é que o Tio Tomás diz que ele é útil?

— Descubram lá esta adivinha — diz o lavrador — Olhem para as coisas que estão em cima desta mesa. Entre elas há uma que não se podia fazer se não existissem os carneiros. Procurem bem: se responderem sem se enganarem, levo-os a dar uma volta no meu trator!

O Tó e a Tá abrem muito os olhos. Em cima da mesa há tanta coisa!

— Vamos pegar nas coisas uma por uma — diz o Tó —, e ver se adivinhámos donde vêm e como foram feitas. Por qual delas havemos de começar?

— O pão é feito de farinha, e a

farinha é trigo moído.

Pois sim, mas os carneiros não têm nada que ver com esta história! — exclama a Tá.

— E a manteiga, sabem vocês donde vem? — pergunta o Tio Tomás.

O Tó sabe. Ontem, ajudou o tio a ordenhar as vacas.

Quando a Ruiva entrou, o lugar dela estava limpo e a manjedoura cheia de pasto fresco.

— Muito bem — disse o Tio Tomás, montando a máquina de ordenhar —, está quieta, Ruiva, vamos a ver se o teu leite, esta manhã, continua branco!

A seguir coube a vez à Morena, depois à Branquinha e às outras hóspedes do estábulo. Nessa altura, o Tó fez a pergunta:

— Que vai o Tio Tomás fazer com este leite todo?

— Guardamos uma parte para nós bebermos, e a outra é vendida — disse o lavrador. — Com o resto faz-se manteiga, queijo e iogurte.

— E para os gatos? — pergunta a Tá, preocupada.

— Fica sempre uma pinguinha no fundo das bilhas. Olha para eles: já sabem muito bem para quem é.



“Vamos lá a ver”, pensou o Tó, “com o trigo faz-se o pão; com leite manteiga e queijo. . . Mas que se poderá fazer com o carneiro?”

O Tio Tomás desarrolha uma garrafa.

— E o vinho, donde é que virá?

O Tó sorri, lembrando-se do Outono passado. Era no tempo da vindima, e tinha ido com o tio a uma propriedade próxima. Lembra-se dos vindimadores a cortarem os pesados cachos de uvas que se empilhavam em cestas e grandes cestos vindimos. À tardinha, as camionetas carregadas dirigiam-se ao lugar onde se recolhia o suco das uvas em enormes tonéis. E aquele suco, algum tempo depois, transformou-se em vinho, que se engarrafou.

— Com o leiteiro e uma bela rolha — acrescentou a Tá.

Realmente o Tó aprende muita coisa na quinta do Tio Tomás. . .

— Então esse nosso passeio de trator? — graceja o Tio Tomás.

O Tó não pensa noutra coisa! Mas é preciso decifrar a adivinha.

— Vamos lá a ver — diz a Tá,

contando pelos dedos. — O pão é feito de trigo; o queijo, de leite; e o vinho de uvas. . . mas, tenho estado cá a pensar. . . e os ovos?

— Lembra-te — pergunta o Tó — quando o Tio Tomás foi à Feira de São Miguel?

Que aventura! O Tó e a Tá andavam a passear pelo campo com o cão Tico, quando apareceu a camioneta do Tio Tomás.

Os pequenos deitaram a correr, fazendo-lhe sinal com a mão.

De repente, na curva, soltou-se um caixote, depois outro caixote, depois um balde de mel, depois outro balde de mel! E sabem o que levavam os caixotes? Ovos! Dezenas, centenas de ovos que rebolaram pelo chão de cabulhada com os baldes de mel. . . Felizmente que nem todos os ovos se partiram, nem todo o mel se entornou.

Foi nesse mesmo dia que o Tó aprendeu que as galinhas punham ovos, e que as abelhas, nos seus cortiços, fabricavam o mel dourado com o néctar das flores.

A Tia Tereza traz neste momento um boião de doce e torradas,

— Aqui tem a sobremesa, meninos! — Atenção! — observa o Tio Tomás —, daqui a um quarto de hora, vou-me embora com o trator.

— Doce! — exclama a Tá —, será isto a solução da adivinha?

Não é, evidentemente. Ontem à tarde, o Tó foi com a Tá apanhar maçãs.

À volta para casa, o Tio Tomás mostrou-lhes a prensa de madeira onde se pisam as maçãs para lhes tirar o suco. Sim, como se faz com as uvas.

O suco da maçã serve para o fabrico da cidra.

Por sua vez, a Tia Tereza mostrou à Tá o tacho grande onde já estão a cozer as maçãs para fazer doce.

— Realmente, temos de descobrir outro produto, porque ainda não foi desta que se falou em carneiros!

— Até agora — diz a Tá —, das coisas que estão em cima da mesa só escolhemos aquilo que se come. Mas o pão está dentro de um cesto?

— No domingo — responde o Tó —, enquanto andavas a apanhar um ramo à borda do lago, fui visitar a senhora Maria da Cruz, a mulher do cesteiro.

Estava a empalhar o fundo de uma cadeira.

O Tó ficou mais de uma hora a ver trabalhando os dedos da senhora Maria da Cruz.

Esta mostrou-lhes as coisas que fazia entrançando palha, verga, ou ainda caniços.

O cesto é de verga.

A verga tira-se dos salgueiros da beira do lago.

O Tio Tomás levanta-se e dobra o guardanapo.

— Tenho de ir buscar o trator.

— Só mais um minuto — pede o Tó, que tanto deseja ir com ele.

— Temos de adivinhar depressa porque é que o carneiro é útil. Que é que ficou em cima da mesa? A rolha e o fio de lã do Tareco!. A rolha, é fácil. O Tó viu o tio a tirar a casca dos sobreiros. Quando os troncos estão descascados, levam-se as pranchas de cortiça para uma fábrica onde são transformados em rolhas.

— Mas a lã, para falar a verdade, não sei — diz o Tó.

O Tio Tomás pega na mão dos pequenos e leva-os até ao pátio.

— Vou mostrar-lhes uma coisa que deve interessar-lhes.

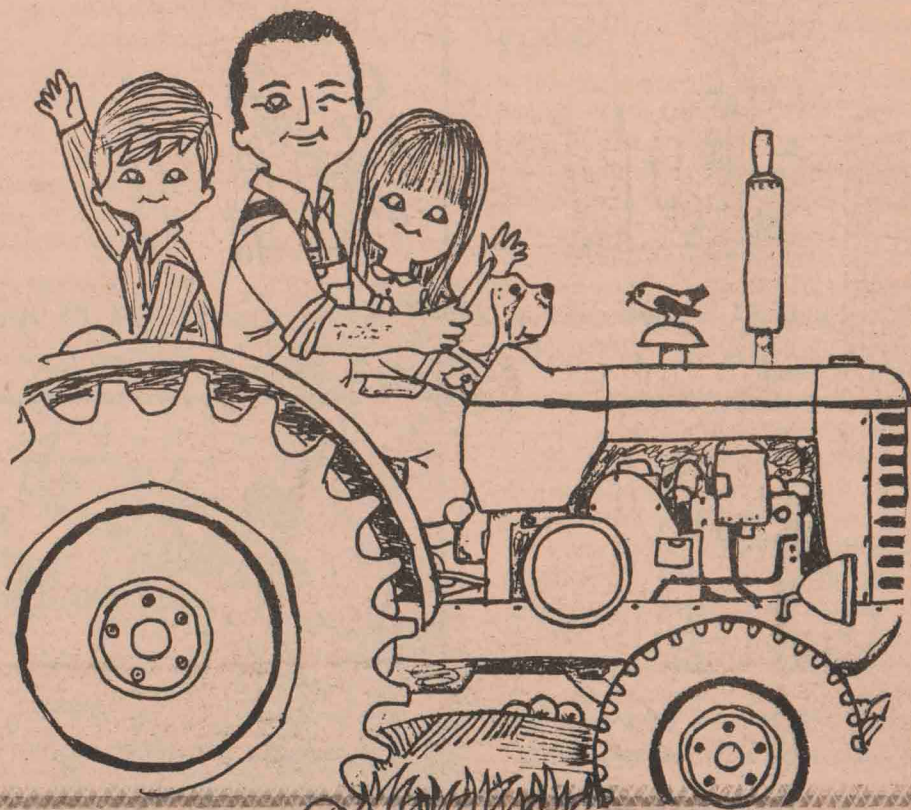
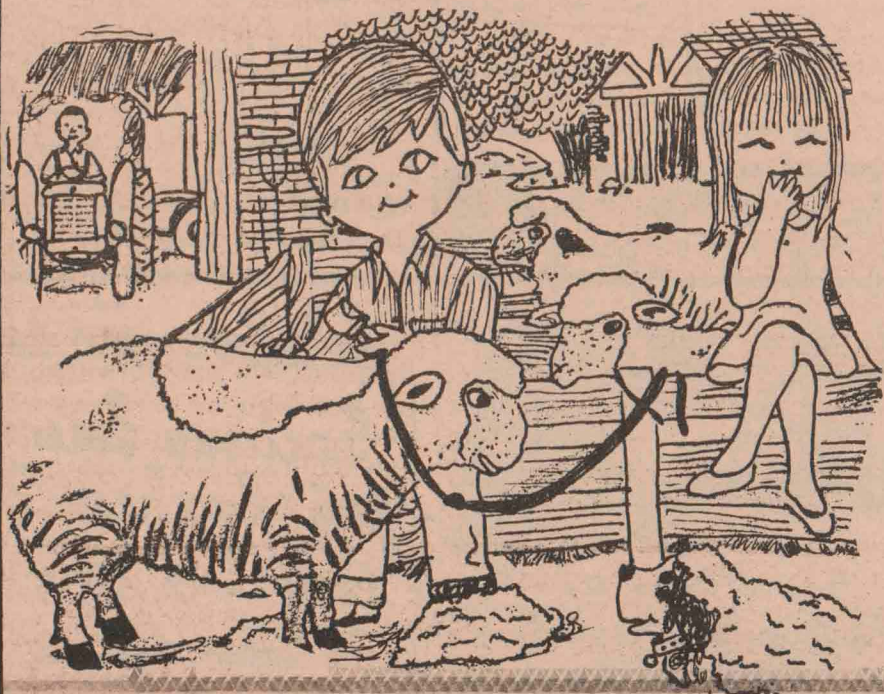
Aproxima-se dos três carneiros comprados nessa manhã, e tosquia o maior da cabeça até o rabo.

— Aqui tem porque é que os carneiros são úteis. Quando o pêlo deles é tosquiado, lavado, cardado, afiado, obtém-se. . .

A lã! — exclamam o Tó e a Tá —, a lã macia e quente com que se fazem camisolas tão boas!

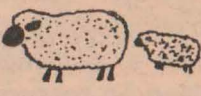
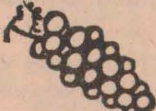
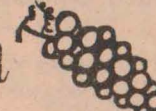
— Bravo! — diz o Tio Tomás. — E agora, tudo para cima do trator. Vamos partir já!

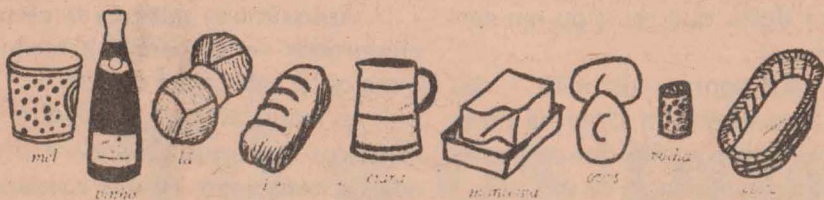
Foi assim que o Tó, olhando a sua volta se tornou sábio. E vocês, amiguinhos? Na página seguinte tem um passatempo e algumas sugestões para vocês responderem baseados na história.



Passatempo

Se lerem com atenção a história de Tô e Tá serão capazes de acertar em todas as casas. É fácil: basta escrever nos espaços em branco as palavras que faltam.

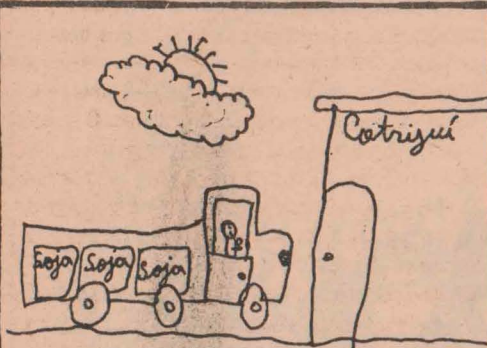
Com  faz-se
 A  dá-nos com 
 faz-se com 
 faremos Os 
 dão-nos a com a 
 fazem-se com 
 faz-se com 
 faz-se Aos 
 dão-nos



Vamos analisar a história a partir da nossa realidade?

- 1 - Dentre os produtos citados quais os que não existem na propriedade de vocês?
- 2 - A família de vocês guarda trigo para transformar em farinha? Se guarda, onde manda transformá-la?
- 3 - Quais os derivados do leite que a família de vocês produz?
- 4 - Qual é o processo de ordenha mais usual em nossa região?
- 5 - Em que cidade gaúcha a uva é produzida em maior quantidade? Quais os derivados da uva que vocês consomem?
- 6 - Cite vinte maneiras de aproveitar os ovos.
- 7 - Na casa de vocês existem abelhas? Para que serve o mel?
- 8 - Em que vocês aproveitam a maçã?
- 9 - Na sua família há alguém que aproveita palha ou vime para confeccionar objetos? Que objetos faz?
- 10 - Em nossa região há pés de corticeira? Em que lugar? Vocês a utilizam?
- 11 - Vocês têm carneiros ou ovelhas na propriedade? O que fazem com a lã?
- 12 - Vocês possuem trator? Seu pai deixa-os brincar nele? Leva-os passear? Ou vocês mesmos dirigem o trator durante o trabalho?
- 13 - Vocês gostariam de contar como é a vida na sua propriedade? Façam sua história e enviem-na para publicarmos.

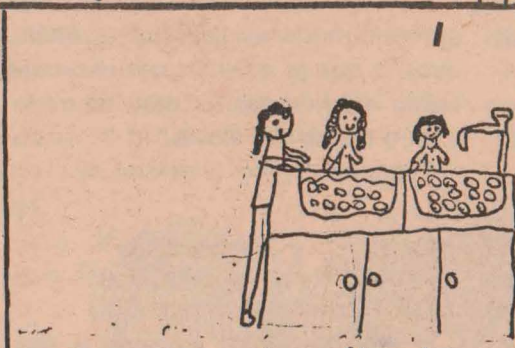
A história do leite de soja



Depois de colherem, levaram para a Cotrijui.



A mãe comprou a soja para fazer leite.



A soja ficou de molho durante a noite. Thaís, Adriana e eu tiramos as casquinhas.



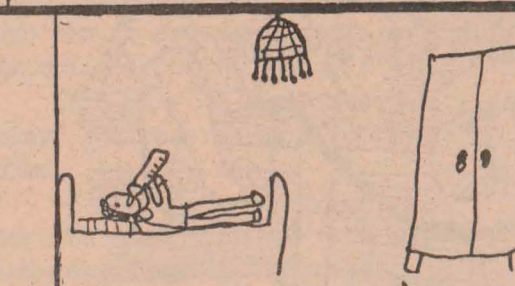
A mãe bateu a soja no liquidificador.



E ferveu a soja moída durante 20 minutos.



A Stelinha minha irmã de 3 anos é alérgica a leite de vaca e toma leite de soja.



Agora Stela está tomando o leite de soja. Ela está bem feliz.

Elaboração de
 Taciana Lorenzon Lucchese -
 9 anos - 4ª série
 E. M. Soares de Barros